

ASSEMBLÉIA

UM ANO POSITIVO

Cotrijuí começa a operar em azul depois de quatro exercícios negativos

Páginas centrais



Os agricultores levaram suas máquinas para a rua

O protesto dos produtores

Páginas 4 e 5

Uma boa safra de milho

Clima favorável e cuidados na lavoura elevam a produtividade. A média de rendimento é uma das melhores dos últimos anos.



Páginas 6 e 7

A Cotrijuí na Campanha

Página 9

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111 Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Oscar Vicente Silva
Vice/MS:

Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godói Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Valter Luiz Driemeyer, Pedro Affonso Pereira, Valdecir Oli Martinelli

Suplentes:
Jayme Wender, Antônio Cândido da Silva Neto, Realdo Cervi

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indópolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guafba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmen Rejane Pereira

CORRESPONDENTES

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

O Rio Grande do Sul vai colher uma de suas maiores safras de milho, mais de quatro milhões de toneladas. Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, não só cresceu a área de milho nessa safra, como também a produtividade. Somou nesse caso o uso de tecnologia e o tempo favorável. Mas se o tempo ajudou, a "praga" da comercialização continua comendo o lucro de muito produtor que não está conseguindo nem o preço mínimo de Cz\$ 122,00 por um saco de 60 quilos. Nessa safra, nem só as variedades híbridas estão merecendo a atenção dos produtores. Duas variedades de polinização aberta, estão sendo testadas com sucesso, pelos próprios produtores. Matéria sobre o milho e sorgo nas páginas 6, 7 e 8.

Quase 300 mil médios e pequenos agricultores de todos os recantos desse Rio Grande do Sul, deixaram suas lavouras e foram às ruas nos dias 31 de março e 1º de abril, para protestar contra a atual política agrícola do governo. Munidos com seus tratores e colheitadeiras, eles bloquearam estradas e fecharam agên-

cias bancárias. Nos discursos em praça pública e quase sempre de improviso, o pedido de queda na correção monetária, de uma política agrícola definida, reforma agrária imediata e preços mínimos compatíveis com os custos de produção, entre outros. Mas nem tudo correu bem para os lados de quem queria apenas reivindicar por seus direitos. Alguns incidentes e a intervenção da Brigada Militar e do Exército em determinadas regiões estão a mostrar que os tempos da Nova República também estão mudando. O protesto dos agricultores em Miraguá, Ajuricaba e região e o aceno do governo estão nas páginas 4 e 5.

A Cotrijuí voltou a operar em azul em 1986. Depois de quatro exercícios em vermelho, a Cotrijuí dá uma guinada na crise e parte agora em busca do equilíbrio financeiro. As sobras do exercício somam Cz\$ 9 bilhões e 900 mil cruzados. A assembléia, as destinações das sobras do exercício, os novos conselheiros, estão nas páginas centrais.

Subsídio do trigo: decisão e coragem

Helinton José Rocha

Em todos os momentos históricos que o Brasil aproxima-se da auto-suficiência num ou noutro setor, vozes levantam-se dos quatro cantos ordenadamente, argumentando negativamente.

Os interesses são os mais diversos: alguns claros e definidos e outros que nem merecem citação. Todavia, a tecla mais batida é que o preço do produto pago ao produtor nacional é muito maior que a cotação internacional (110 dólares a tonelada). Vale lembrar contudo, que o preço do produto nacional fôra fixado no início do ano com base em US\$ 241 a tonelada, sofrendo portanto a desvalorização cambial até o final da safra. Que os custos de produção sofrem reajustes constantes e precedentes ao plantio até a comercialização. Que a desvalorização real do câmbio oficial prejudica esta comparação, porque o produtor recebe em cruzados e não em dólares. É uma técnica simplista que despreza fatores relevantes como a aquisição do trigo importado, com prazos longos, onerando muito mais quando computados os custos financeiros. Vale lembrar ainda que tal tipo de comparação (preço internacional/preço produto nacional) fosse critério para desestimular a produção nacional, o Brasil não deveria produzir arroz, feijão, milho, carne, automóveis, televisores, computadores, entre tantos outros produtos nacionais fundamentais a nossa auto-suficiência.

Aparentemente despreza-se a evidência de que os preços internacionais atualmente praticados são, na maioria dos casos, frutos de "dumping", como no caso norte-americano onde os agricultores gastam apenas, para a manutenção familiar, US\$ 300/ha/ano, valor aqui mais que suficiente para além da manutenção familiar, instalar com toda tecnologia disponível um hectare de lavoura de trigo de sequeiro. Ignoram também que muitos países pagam de 600 a 900 dólares por tonelada a seus produtores e, que o atual período de baixa do produto faz parte de um intrincado contexto internacional, cujos interesses envolvem fatores de segurança nacional das grandes economias e potências, que havendo alguma frustração da safra soviética e/ou chinesa, basta apenas que um destes entre comprando no mercado internacional para que o produto suba o preço rapidamente para mais de US\$ 300/ton.

Outros fatores devem ser levados em consideração, é claro. Caso desarticule-se, como pregam alguns, a triticultura nacional, muitos anos levaríamos para chegar onde já estamos (mais de 5 milhões de toneladas/ano). É que a produtividade da cultura tem se comportado historicamente proporcional ao número de anos ininterruptos de preços reais e compensadores aos bons produtores. Finalmente, a cultura do trigo é sem sombra de dúvidas a maneira mais correta de ocupar o solo e rotacionar as lavouras no período de inverno. Esse fato é importante para a agricultura nos trópicos, onde a radiação solar entre muitos outros fatores ambientais desgastam violentamente os solos descobertos durante a estação fria, além de proporcionar uma utilização racional de maquinário, estrutura física, técnica e administrativa durante a entre-safra, proporciona uma renda extra-cultura-de-verão ao produtor e ao governo, através do realinhamento de impostos, serviços, obrigações sociais, etc. Todavia ainda existem tecnocratas influentes, principalmente da área econômica do governo, que ao se referirem ao subsídio da farinha de trigo, posicionam-se pela retirada do **subsídio ao produtor**, como se tal fato fosse verdadeiro. A planilha de custos, baseada no trabalho: "Custos operacionais, fixos e totais da cultura de trigo, na região de Dourados, MS, safra de 1986" (de Melo Filho e Kruker, 1986), comprovam que não há tal subsídio aos preços pagos em 1986, ao produtor. Há, isto sim, **subsídio ao consumidor**.

O subsídio ao consumo do trigo é sem dúvida uma distorção injusta, senão vejamos: se o Governo Federal despedisse 100.000 funcionários, deixaria de dispendir 3 bilhões de cruzados anualmente; com a suspensão do subsídio ao trigo, a economia nacional será de 26 a 30 bilhões de cruzados, comparável ao subsídio do aço, que com igual voracidade sugam os cofres públicos, forçando a demanda de dinheiro, pressionando as taxas de juros para cima. Essas taxas são hoje o maior fator desestimulante a todos os setores produtivos de uma combatida economia, principalmente a sofrida agricultura.

Parelamentemente, gera distorções, pois o insustentável argumento de oferecer ao povo pão a preço baixo, acaba por subsidiar massas finas, bolos, brioques, lachas, biscoitos, que não chegam à mesa do pobre, além de subsidiar drogas medicamentosas, colas industriais, cola para

madeira (compensados), cola de revestimento de móveis finos, entre vários outros usos que nada tem a ver com o decantado objetivo primário. Vale a pena lembrar que o subsídio todos pagam e o benefício é maior para uma minoria de privilegiados. Como se não bastasse é de se perguntar: e a nossa fécua de mandioca não substituiria com vantagem o trigo?

Contraditória é também a concorrência artificial que se estabelece contra as farinhas de alta potencialidade de produção como é o caso das de mandioca e de milho. A primeira de grande importância social e a segunda de grande potencialidade econômica e social.

O subsídio vem desde 1972, embora o jornal "Diário de São Paulo" do dia 30 de dezembro de 1930 (quando muitos de nós nem havíamos nascido), já questionava a importação do trigo, quando o preço do importado era maior que o nacional. O governo passou após a inversão desta situação, estabelecendo através da média ponderal entre o importado e o nacional, a bancar a diferença que hoje atinge a casa dos 26 a 30 bilhões de cruzados/ano, entregando à indústria a um preço menor do que pagou.

O preço do pãozinho hoje (abril de 1987) está em Cz\$ 0,80 ao consumidor e o aumento previsto no caso da retirada total do subsídio seria em torno de 18 por cento, o que ainda o tornaria mais barato que um copo de água ou um chiclete.

Acreditamos que a coragem de extinguir este artificialismo lesivo a economia nacional seria compreendida pelo povo brasileiro e estimularia a agricultura, transformando a realidade do país que ostentou a posição de sexto exportador mundial e, no entanto, é o quarto mais faminto.

Isso viabilizaria a agricultura do nosso país, que possui 27 por cento das terras cultiváveis: do mundo, a um custo inferior a US\$ 500/ha, custo médio estabelecido como parâmetro para a produção de grãos, pela FAO em 1980 (Itália). Pensem nisso...

O engenheiro agrônomo Helinton José Rocha é assessor técnico da Delegacia Federal de Agricultura/MS; coordenador do Serviço de Produção de Sementes e Mudanças/MS; coordenador do Grupo de Trabalho do Trigo/MS e diretor-secretário do CREA/MS.

A força dos produtores americanos visitam a Cotrijuí

Estradas bloqueadas, faixas com frases reivindicatórias, comércio e bancos fechados enquanto agricultores reúnem-se na cidade ou nas estradas. Assim foi o primeiro dia de protesto contra a política agrícola do Governo realizado pelos pequenos e miniprodutores da região de Miraguaí, município que integra dez sindicatos da Federação dos Trabalhadores na Agricultura-Regional de Três Passos. Seguindo o calendário da Fetag, os protestos iniciaram no dia 30 de março, quando os produtores bloquearam rodovias nos municípios da Região das Missões e Alto Uruguai. Na região de Miraguaí o protesto foi concentrado no trevo do município de Cel. Bicaco que dá acesso às cidades de Palmeiras, Campo Novo e Três Passos, através da rodovia RS-468 e RS-472.

Com a participação de cerca de três mil pequenos produtores que vieram de Tenente Portela, Miraguaí, Três Passos, Humaitá, Crissiumal, São Martinho, Braga, Campo Novo, Cel. Bicaco e Redentora, a manifestação se fez uma das mais fortes em todo o Estado. Na segunda-feira, muitos agricultores já estavam presentes no trevo com seus tratores, algumas colheitadeiras e caminhões, impedindo a passagem de 15 ônibus que somente foram liberados na tarde de terça-feira. Preocupados com o êxito do protesto, os produtores pernoveram na estrada, e na manhã já se podia avistar o aglomerado das máquinas cobertas de faixas.

FIM DA CORREÇÃO

"Queremos o fim da correção monetária", dizia uma das faixas colocada em um caminhão, confirmando a situa-

"Não d

Uma comissão para Agricultura

Uma Comissão em defesa do produtor gaúcho que deverá servir como ponto de apoio às reivindicações dos trabalhadores do setor na busca de soluções efetivas para os seus problemas. Esta é, em síntese, o que busca a Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo, através de seu presidente Erany Müller (PMDB). A Comissão foi instalada no último dia 17 de março, na Assembléia Legislativa e ainda é integrada pelos deputados: Mário Limberger e Jauri Oliveira (PMDB); Carlos de Sá Azambuja (PDS); Moeses Berlesi (PDT); Elói Zanella (PFL) e Adão Pretto (PT). Nos próximos dias deverão acontecer, segundo o presidente da Comissão, encontros microregionais, no sentido de que sejam colocados os problemas específicos de cada região. Müller defende uma reversão total no quadro atual, "onde o agricultor se vê obrigado a vender seus produtos por preços não condizentes com o custo de produção, além de assistir, impotente, a importação de produtos primários". A instalação da Comissão e a posse do seu presidente contaram com a presença de entidades como a Fecotrigó, Cotrijuí, FEAROZ, FARSUL, Fetag, Ocergs, Banco do Brasil, Ministério da Agricultura, entre outras.



Os produtores americanos conheceram as instalações da Cotrijuí

A semelhança entre os estados do Rio Grande do Sul e o de Indiana, no Estados Unidos, motivou a visita de um grupo de 33 produtores americanos ao estado gaúcho. Essa semelhança entre os dois estados é feita pelo Instituto de Agricultura, Alimentos e Nutrição de Indiana, considerando para tanto, o mesmo tipo de produção agrícola. O grupo estava formado por produtores rurais, administradores de fazendas, empresários, bancários e jornalistas. A viagem, realizada com recursos da Fundação Lilly, de Medicina, incluiu visitas às cidades de Porto Alegre, Canoas, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Santa Cruz do Sul e Ijuí.

Em Ijuí, numa visita de dois dias - 7 e 8 de março - os americanos conheceram o Museu Antropológico Diretor Pestana, a Universidade e as instalações da Cotrijuí, onde foram recebidos pela direção da Regional Pioneira. Na Cotrijuí, os americanos ouviram falar sobre a estrutura organizacional da Cooperativa, forma de representatividade, produção agrícola, entre outros assuntos. Além destas duas instituições, os americanos visitaram duas propriedades rurais, a de Alfredo Driemeyer e a de Avelino Scarton, em Rosário, Augusto Pestana. No domingo, tiraram a manhã para visitar a cidade, algumas igrejas e à tarde conheceram a Empresa Agrícola Chiapetta, de Luís Antônio Chiapetta. À noite visitaram as Ruínas de São Miguel, em Santo Ângelo, onde assistiram o espetáculo "Som e Luz". A visita à Cotrijuí e a Universidade de Ijuí é o resultado de uma outra viagem, realizada em julho do ano passado pelo diretor de Recursos Humanos da Cotrijuí, Rui Polidoro Pinto e pelo então pró-reitor de extensão e pesquisa da Unijuí, Telmo Rudi Frantz aos Estados Unidos. Durante o período em que permaneceram nos Estados Unidos eles mantiveram contatos com produtores americanos, promovendo um intercâmbio de informações que se completou com a vinda dos americanos ao Rio Grande do Sul.

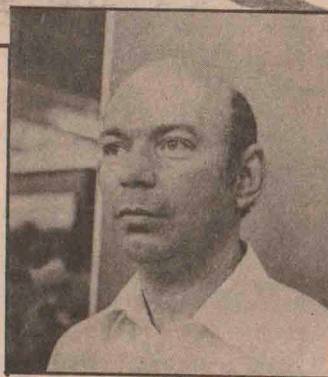
A Fenamate em Bicaco

Coronel Bicaco já se prepara para a realização da IV Feira Exposição Nacional da Erva-Mate. Este ano ela acontece de 24 a 26 de abril no Parque de Exposição Ramão Luciano de Souza e será presidida pela Cotrijuí, através do gerente da Unidade.

Muitas são as promoções da Fenamate deste ano. Entre elas, destaca-se a

VISÃO MAIS AMPLA

Segundo o professor Marshall Martin, especialista em Economia Política



Marshall Martin

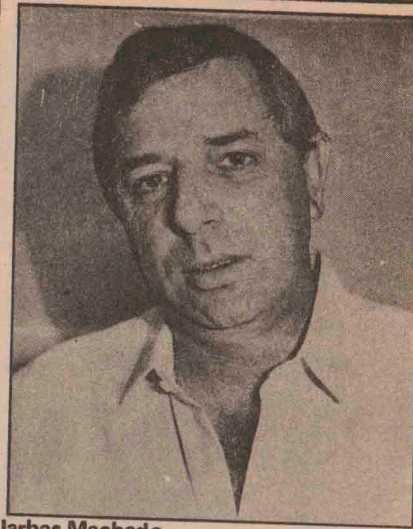
Agrícola e Comércio Internacional, da Purdue University que, juntamente com o presidente e diretor do Instituto coordenou a viagem de estudos, a finalidade da vinda ao Brasil, onde permaneceram até 22 de março, era o de conhecer a cultura, a geografia, a economia e a política brasileira.

"Queríamos, explicou o professor Marshall, ter uma visão mais ampla de um país vizinho e sua competitividade com os produtos agrícolas que são exportados. Com relação a Cotrijuí, escolhida pelos próprios integrantes do grupo para ser visitada, Marshall preferiu destacar a sua importância e colaboração para uma região onde a maioria dos produtores são pequenos.

OS SEMINÁRIOS

O grupo de produtores, empresários e bancários que esteve em visita ao Brasil, faz parte de um programa de treinamentos de líderes do estado de Indiana. O programa tem uma duração de dois anos e é constituído por 15 seminários. Destes, 13 têm a duração de dois a três dias, quando então são discutidos aspectos culturais e políticos do estado de Indiana. No 14º Seminário, o grupo se reúne em Washington e realiza visitas a deputados, senadores, funcionários do governo e ministérios da Educação, Agricultura e Fazenda. O programa só encerra com uma visita de duas semanas ao exterior. A primeira turma optou por conhecer o México e a segunda preferiu o Brasil, onde conheceram o Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás e Manaus.

realização de um painel sobre a cultura da erva-mate, organizado pelo departamento técnico da Unidade da Cotrijuí e que deverá contar com a participação de pesquisadores da Embrapa e do IBDF. Também acontece, nesse mesmo período, o Chimarrão da Canção Missioneira, um festival já bastante conceituado nos meios nativistas do Estado.

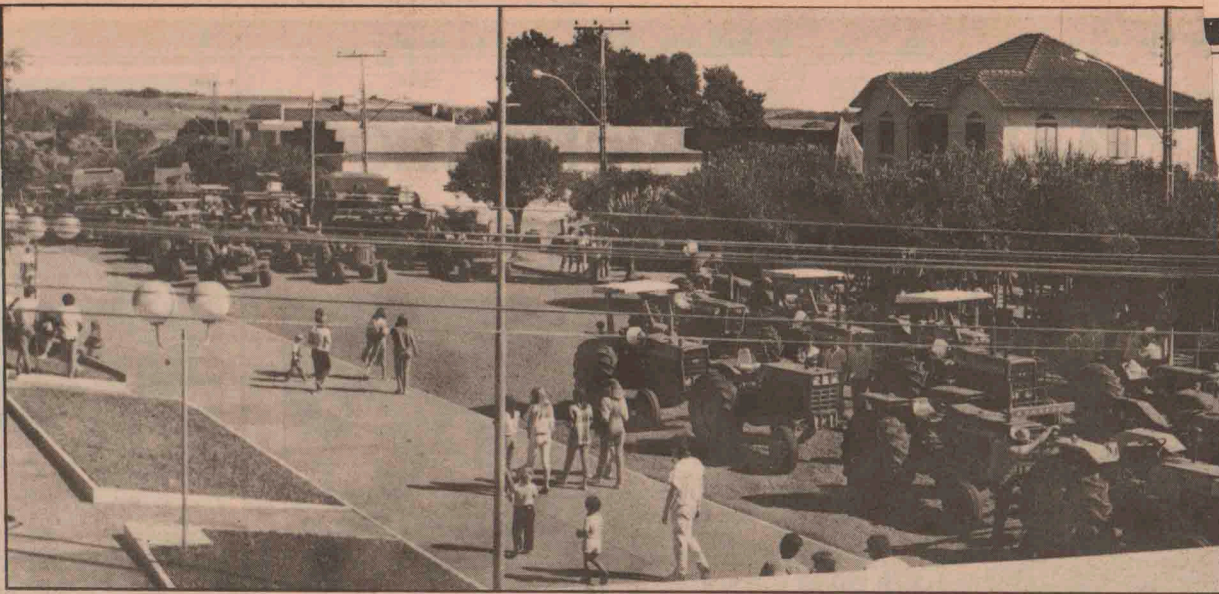


Jarbas Machado

Jarbas na Secretaria da Agricultura

Entre os secretários do governador Pedro Simon, empossado no dia 15 de março, aparece um nome bastante conhecido dos agricultores: o de Jarbas Pires Machado, que até uns dias antes da posse era o presidente da Fecotrigó. Jarbas Machado está ocupando a secretaria da Agricultura do Estado. A sua indicação para a Pasta de Agricultura é o reconhecimento da força do cooperativista gaúcho no Estado. O novo secretário da Agricultura tomou posse pensando no pequeno produtor. Prometeu um tratamento especial à pequena propriedade, no sentido de procurar dar fim ao êxodo rural. No discurso de posse lembrou que o setor primário, mais do que nunca, deve se constituir numa opção fundamental para a saída da crise. De improviso, disse ainda que o Estado conseguirá vencer a crise e só a partir da agricultura, voltará a ser grande. Entende que as dificuldades do momento fazem com que o país olhe novamente para o campo. Para Jarbas, os interesses do Estado estarão acima de qualquer divergência, embora garanta que não fará "vistas grossas às divisões e injustiças existentes no campo". Como assessores de Jarbas Machado na secretaria da Agricultura, tomaram posse Waldir Antônio Heck como chefe do Gabinete; Carmine Rosito como diretor geral e secretário substituto; Roque Zanatta, como diretor administrativo; José Martin Leão, como assessor da diretoria administrativa e Mário Bertani na assessoria Parlamentar. Na presidência da Fecotrigó assumiu Tercísio Redin, vice-presidente na gestão de Jarbas Machado. Jarbas Machado nasceu em São Sepé, onde foi agropecuarista até 1977, quando então, passou a atuar no sistema cooperativista. Foi conselheiro e presidente da Cooperativa Tríticola Sepeense Ltda; conselheiro da Federação das Cooperativas de Arroz do Rio Grande do Sul; conselheiro da Federação das Cooperativas de Lã do Brasil. Em 1980 foi eleito presidente da Fecotrigó e em 1983, da Centralsul. Foi ainda presidente da Fundação da Produtividade; conselheiro da Cooperativa Central de Crédito Rural do Estado; conselheiro da Ocergs e conselheiro da Abiove - Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. Em 1984 coordenou o movimento "Grito do Campo" que contou com a participação de mais de 40 mil produtores e a presença de Tancredo Neves. Na eleição passada, Jarbas Machado foi suplente de José Fogaça, eleito senador com a maior votação do estado.

Produtores suspendem movimento e dão prazo até 30 de abril para o governo atender as demais reivindicações



Em Ajuricaba as máquinas ocuparam todo o largo da Praça Piratini

Prazo para o governo

A extinção da correção monetária para os empréstimos de custeio e investimentos no valor máximo de Cz\$ 200 mil cruzados e contraídos antes do Plano Cruzado pelos pequenos e minis produtores levou os agricultores a se decidirem pela suspensão do movimento reivindicatório. A decisão foi tomada pelos representantes dos 232 Sindicatos de Trabalhadores Rurais em assembleia realizado no dia 3 de abril, na sede da Fetag, em Porto Alegre. Mas a suspensão do movimento não é de-

finitiva. Os agricultores dão prazo até dia 30 de abril para que o governo examine as demais reivindicações da classe e encaminhe as soluções.

No mesmo bolo, o governo também estabeleceu que essas dívidas deverão ser pagas num período de quatro anos, com dois de carência a juro de seis por cento ao ano, mais correção monetária a partir de 1º de março de 1987 pela variação mensal do Índice de Preços Recebidos, o IPR. O mesmo tratamento será dado aos

recursos tomados de emergência.

As demais reivindicações ainda não foram atendidas e é para elas agora que os agricultores voltam sua atenção. O governo ficou devendo a questão da retirada da correção monetária dos créditos de investimentos tomados entre 1º de março de 1986 a 14 de maio de 1987, com cláusula em OTN e o pedido de juros diferenciados para os pequenos e minis produtores do Centro e do Sul. Os produtores estão pedindo juro de 3 por cento ao ano e 70

300 máquinas nas r

Dois dias de assembleia, mais de 300 máquinas — entre tratores e colheitadeiras — estacionadas ao largo da Praça Piratini e em frente às agências do Banco do Brasil e do Banco do Estado do Rio Grande do Sul, marcaram o protesto dos agricultores de Ajuricaba. No meio da praça, à sombra das árvores, porque o calor era de matar qualquer vivente, os produtores, ao lado de suas mulheres, também trabalhadoras rurais e dos filhos, esqueciam um pouco da lida da lavoura, da colheita que está para ser feita, para discutir a questão da correção monetária, dos preços mínimos e do descaso do governo para com a agricultura. Nos rostos sérios e nas mãos calejadas, a desilusão de quem trabalha duro e recebe tão pouco pela sua produção, mas paga muito caro pelo dinheiro emprestado pelo governo para fazer o plantio da lavoura.

DECISÃO DE VOLTAR

Na assembleia de quinta-feira à tarde, reunidos em grupos, os produtores discutiram e aprovaram as propostas apresentadas pela Fetag e, ao mesmo tempo, decidiram encerrar o movimento, prometendo voltar logo após a colheita da soja, caso o governo não tenha atendido o restante das reivindicações da classe. "Se o governo não nos atender, disse o agricultor Emílio Ude, nós vamos voltar com nossas máquinas. O governo está querendo guerra, pois nós vamos fazer guerra".

REPÚDIO

A dona Margarida Breitenbach, agricultora e integrante da Comissão executiva do Movimento das Trabalhadoras Rurais de Ajuricaba, leu uma nota de apoio ao movimento dos trabalhadores rurais e criticou a Rede Globo de Televisão pelo sensacionalismo que vem dando a alguns acidentes ocorridos durante o movimento de protesto dos agricultores em outras regiões do Estado. "O nosso repúdio, disse ela, a TV Globo pelo populismo que deu às mortes das crianças ocorridas durante o protesto dos agricultores. Também achamos que ela deveria se preocupar e dar o mesmo tipo de sensacionalismo às crianças que morrem de fome a cada minuto que passa".

TRIBUNA LIVRE

Muitos foram os agricultores que usaram da palavra para se queixar do governo e pedir mais seriedade para com o setor agrícola. Getúlio Aguiar, representante da Comissão Municipal dos Sem Terra deu o seu apoio aos agricultores e sugeriu a manutenção do movimento, caso o governo não atenda as suas reivindicações. "Estou aqui para dar o meu apoio aos colegas trabalhadores, disse. Não estou aqui para apoiar latifundiários que nunca pegaram em cabo de enxada".

Outro agricultor, Cândido Poletto, criticou a ausência dos políticos e o representante da Associação dos Professores de Ajuricaba pregou a união de todos. O representante da Associação de Bairros de Ajuricaba, José Ademar de Vargas lembrou do seu tempo de agricultor e das causas que o levaram a se mudar para a cidade. "Já fui agricultor, mas a recessão econômica implantada pelo governo há duas décadas atrás me tirou da terra".

O agricultor Solon Balin, de Barro Preto ocupou a tribuna para dizer que esta não era a primeira vez que estava deixando seu trabalho na lavoura para, em público, exigir seus direitos. "Há sete anos atrás, comentou, pisei neste mesmo lugar para brigar contra o confisco da soja e pela previdência. Hoje volto para reclamar contra todas estas injustiças que vêm sendo feitas com o agricultor. E perguntou ao público: quem de vocês aqui conseguiu financiamento para colocar calcário na terra? Aposto que ninguém e isso que o Ministro da Agricultura anda dizendo que o governo que mais ajudou a agricultura foi o de José Sarney. Disse ainda que o governo precisa definir melhor sua prioridade para a agricultura. "Só trocar de ministros não resolve o problema".

PARTICIPAÇÃO EFETIVA

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ajuricaba, Luís Ottonelli agradeceu o espírito de luta dos agricultores que durante dois dias deixaram suas atividades na lavoura para erguer a voz contra todas as discriminações que vêm sendo feitas com pequenos agricultores. Considerou o movimento positivo e



As agências de bancos foram bloqueadas

destacou a participação efetiva dos agricultores da região.

Para Ottonelli a decisão do governo de eliminar a correção monetária dos empréstimos para custeio ou investimento antes do Plano Cruzado foi mais do que justa. "Ele apenas atendeu a reivindicação dos produtores", salientou. Na verdade, disse ainda, essa correção não existia. O governo é que não estava cumprindo com o que havia prometido". Ele lamentou que os produtores tivessem que fazer um movimento de protesto, envolvendo 300 mil pessoas em todo o Estado e com alguns incidentes, para que o governo se sensibilizasse e voltasse atrás. "Infelizmente, essa decisão tão simples, custou até vidas, disse ele culpando o governo pelas tragédias que aconteceram. Essa atitude vem demonstrar mais uma vez, segundo Ottonelli, que o governo não está interessado na agricultura.

"Estamos devendo uma boa mobili-

zando os discursos em praça pública e quase omissivo, o pedido de queda na correção da política agrícola definida, reforma e preços mínimos compatíveis com a produção, entre outros. Mas nem tudo nos lados de quem queria apenas reivindicar direitos. Alguns incidentes e a intervenção militar e do Exército em determinadas regiões mostram que os tempos da Nova República mudando. O protesto dos agricultores de Ajuricaba e região e o aceno do governo nas páginas 4 e 5.

to a operar em azul em 1986. Depois dos exercícios em vermelho, a Cotrijuí dá a crise e parte agora em busca do equilíbrio. As sobras do exercício somam Cz\$ 9 bilhões cruzados. A assembleia, destinada ao exercício, os novos conselheiros, es-

e coragem

madeira (compensados), cola de revestimento de móveis finos, entre vários outros usos que nada tem a ver com o decantado objetivo primário. Vale a pena lembrar que o subsídio todos pagam e o benefício é maior para uma minoria de privilegiados. Como se não bastasse é de se perguntar: e a nossa fécula de mandioca não substituiria com vantagem o trigo?

Contraditória é também a concorrência artificial que se estabelece contra as farinhas de alta potencialidade de produção como é o caso das de mandioca e de milho. A primeira de grande importância social e a segunda de grande potencialidade econômica e social.

O subsídio vem desde 1972, embora o jornal "Diário de São Paulo" do dia 30 de dezembro de 1930 (quando muitos de nós nem havíamos nascido), já questionava a importação do trigo, quando o preço do importado era maior que o nacional. O governo passou após a inversão desta situação, estabelecendo a tarifa

zação", disse Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, diante da decisão da assembleia de transferir o protesto para depois da safra. "Se até lá o governo não tiver atendido aos agricultores, vamos voltar a debater o assunto nos núcleos e, quem sabe, até fazer uma grande movimentação". Ressaltou que a intenção do STR de Ijuí não é o de fazer uma mobilização isolada. "É evidente que a situação atual da agricultura merece uma boa mobilização dos produtores, mas para não tomarmos nenhuma atitude isolada, primeiro vamos observar o rumo das coisas a nível de Estado".

Karlinski lamentou a intervenção do Exército e da Brigada Militar no movimento dos produtores em algumas regiões do Estado. "É uma pena que tenha acontecido tanta repressão em certas regiões. Até parece que estamos vivendo uma ditadura".

A força da região celeiro

Estradas bloqueadas, faixas com frases reivindicatórias, comércio e bancos fechados enquanto agricultores reúnem-se na cidade ou nas estradas. Assim foi o primeiro dia de protesto contra a política agrícola do Governo realizado pelos pequenos e miniprodutores da região de Miraguai, município que integra dez sindicatos da Federação dos Trabalhadores na Agricultura-Regional de Três Passos. Seguindo o calendário da Fetag, os protestos iniciaram no dia 30 de março, quando os produtores bloquearam rodovias nos municípios da Região das Missões e Alto Uruguai. Na região de Miraguai o protesto foi concentrado no trevo do município de Cel. Bicaco que dá acesso às cidades de Palmeiras, Campo Novo e Três Passos, através da rodovia RS-468 e RS-472.

Com a participação de cerca de três mil pequenos produtores que vieram de Tenente Portela, Miraguai, Três Passos, Humaitá, Crissiumal, São Martinho, Braga, Campo Novo, Cel. Bicaco e Redentora, a manifestação se fez uma das mais fortes em todo o Estado. Na segunda-feira, muitos agricultores já estavam presentes no trevo com seus tratores, algumas colheitadeiras e caminhões, impedindo a passagem de 15 ônibus que somente foram liberados na tarde de terça-feira. Preocupados com o êxito do protesto, os produtores pernoveram na estrada, e na manhã já se podia avistar o aglomerado das máquinas cobertas de faixas.

FIM DA CORREÇÃO

"Queremos o fim da correção monetária", dizia uma das faixas colocada em um caminhão, confirmando a situa-

ção de inadimplência com relação aos bancos, em que se encontram a maioria dos agricultores da região. Puxando a lista de reivindicações dos produtores, o fim da correção monetária para empréstimos contratados antes e durante o Plano Cruzado é um "fato" originado pela falência das pequenas propriedades que não conseguem saldar as dívidas contraídas desde 85, porque os valores iniciais duplicaram ou até mesmo triplicaram. Exemplos da falência não faltam em Miraguai, onde somente no ano passado existiam mais de 200 agricultores que estavam com as terras hipotecadas pelo Banco do Brasil. Não faltam também os casos de quem nunca tinha chegado ao Banco para tomar empréstimos e entrou na onda para fazer os de emergência, os quais não puderam ser pagos, tendo estes agricultores recorrido a bancos particulares. Como resultado, a dívida só aumentou.

Em relação aos preços mínimos, que é outra importante reivindicação dos pequenos, estão exigindo condições para continuar trabalhando, através de um reajuste real dos preços mínimos como Cz\$ 560,00 pelo saco de feijão, Cz\$. . . 250,00 pelo de arroz, Cz\$ 290,00 pelo de soja, Cz\$ 165,00 pelo milho, Cz\$ 18,00 pelo quilo de suíno, Cz\$ 6,10 pelo litro de leite e Cz\$ 850,00 pela tonelada de mandioca. Em razão da defasagem dos preços dos produtos e do alto crescimento das dívidas, os agricultores querem também cobrança de 10 por cento de juros nos contratos assinados antes de 28 de fevereiro deste ano e sem correção



Maiores bloqueios foram em Bicaco

monetária. Além disso, querem uma moratória de dois anos com juros de 10 por cento, sem correção monetária para propriedades com menos de cinco módulos, a extinção do Proagro, sendo substituído por um seguro agrícola, financiamento diferenciado para pequenos proprietários, convertido em produtos e reforma agrária.

Conversando na sombra das máquinas ou caminhando, enquanto esperavam a resposta do Governo, a comissão da Fetag que estava em Brasília, os miniprodutores se revezavam entre a concentração do trevo e da cidade de Miraguai. Muitos deles já tinham participado do protesto do dia cinco de março, a partir do qual, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguai, Alencar J. Gross, "a Fetag começou a ver que a situação era insustentável". Depois de uma assembléia no dia 26 de março, os pequenos e mini-produtores da região de-

cidaram bloquear um dos trevos mais movimentados.

PARADA OBRIGATÓRIA

Para o sindicalista de Miraguai, a situação do pequeno e mini-produtor é insustentável e diferenciada dos outros produtores. Segundo Alencar, mesmo que não haja uma disposição de parar o plantio, "muitos agricultores serão obrigados a deixar a lavoura", fato que já é bastante comum na sua região. A causa desse processo acelerado de êxodo rural e descapitalização é vista pela falta de uma política agrícola governamental para os pequenos. "Quando a UDR se reúne o governo atende. Um exemplo disso são os planos de irrigação, que beneficiam apenas as grandes propriedades e deixam os pequenos como peões, além dos financiamentos com juros subsidiados para o norte". Temos claro que não existe interesse em promover o pequeno produtor, afirma Alencar, enquanto calcula apenas a sobrevivência de 10 por cento deste segmento no final do século, caso se mantenham as mesmas regras políticas e econômicas. "É impossível um pequeno produtor aguentar uma situação, onde ele compra um motor por Cz\$ 17 mil cruzados, e um tempo depois pague esse valor como prestação". Diante desse quadro de injustiça, os pequenos bem diferenciados, estão fazendo este movimento, salienta o sindicalista, anunciando a continuidade da luta e não descartando novos protestos, pois o Ministério da Agricultura eles não esperam muito. "Do protesto do dia cinco, a resposta que tivemos do Iris Rezende foi de que "é só agitação, o pequeno restará bem remunerado com a política da Nova República". "Se fosse realmente boa, ele não estaria saindo da terra", declara Alencar.

POUCOS INCIDENTES

Um dia de protesto com bastante participação e quase nenhum incidente. Dessa forma, a Região Celeiro passou a terça-feira e somente suspendeu o movimento na madrugada por causa da chuva. Mesmo assim, o protesto continuou em várias cidades. Em Tenente Portela, os 40 agricultores que participaram do bloqueio do trevo em Cel. Bicaco, voltaram na terça à tarde e resolveram em assembléia junto com os demais, a bloquear a agência do Banco do Brasil, sendo, no entanto, impedidos pela Brigada Militar. Também na cidade de Bicaco, na terça-feira, máquinas e alguns produtores permaneciam junto ao Banco do Brasil, deixando passar somente quem fosse tratar do Proagro. De incidentes, o protesto registrou apenas duas colisões leves. Uma entre dois caminhões, ainda na noite de segunda-feira e outra de uma Parati na tarde de terça-feira.

"Não dá para aguentar"



Em frente à Igreja muitas pessoas como Artidor e Gandence



As ruas que cercam a Igreja Nossa Senhora de Lurdes, em Irapuã, município de Miraguai, também foram palco de concentração dos miniprodutores do município. Ali, durante todo o dia de terça-feira, os produtores estiveram num estado de vigília, enquanto na entrada da cidade um pequeno grupo, utilizando tratores e caminhões bloqueava a passagem de veículos. Para assegurar a presença de todos, foi providenciado até um almoço coletivo, com ajuda da prefeitura local e organizados pelos próprios manifestantes. Além disso o protesto teve o apoio do comércio e das escolas que, em geral, fecharam suas portas e aderiram ao protesto. A preocupação com a colheita não passou despercebida em Miraguai, por isso, o bloqueio permitiu a entrada de quem fosse entregar o produto na Cotrijuí.

INSATISFAÇÃO

Bastante insatisfeitos com a políti-

ca agrícola do governo, os produtores de Miraguai têm ainda uma queixa e muitos problemas a somar aos outros. É que neste ano, o clima novamente atrapalhou o desenvolvimento da lavoura e muita gente perdeu quase toda a safra de soja. "Inflação alta, correção monetária e o nosso produto não vale mais nada. Será que o Brasil continua de pé?" se perguntava Artidor Plácido, um agricultor de 64 anos e que planta de tudo nos seus 40 hectares em Coxilha Ouro, em Linha Bonita. Quase gritando, seu Artidor não aceita a saída de seus filhos para a cidade, o abandono da terra e a desvalorização do seu trabalho. Antigamente, diz ele, o quilo do porco comprava uma fazenda (tecido).

Com todo o sacrifício de morar no mato, valia mais a pena, pois a gente só devia para uma casa de comércio. As comparações são múltiplas e quase todos querem fazer os cálculos da sua perda aquisitiva, enquanto seu Ivo Gandence, muito sério, diz que "vamos ter que entregar tudo para o Banco. Somos agregados do Banco". Morador em Colônia Nova, onde planta em 13 hectares, Gandence disse que, quando entrou a taxa de 10 por cento no ano passado, "aproveitei para colocar luz na propriedade, o que me custou 13 mil cruzados, e agora esse valor já dobrou. Não dá para pagar". Para piorar ele acrescenta que "a seca já tomou a soja, em cerca de 50 a 70 por cento. Não tenho condições nem para comprar roupas para os filhos".

REFORMA AGRÁRIA

Miraguai não é só o município das terras hipotecadas, lá também convivem cerca de 100 famílias de sem-terra, que estão a espera do cumprimento da reforma agrária. Um desses casos é o seu Eniz Menezes, 52 anos, e que atualmente arrenda quatro hectares na área indígena, onde planta milho, soja, feijão preto e hortigranjeiros. "Não dá mais para viver, tá uma coisa louca. No ano passado, com um saco de milho se comprava quatro quilos de carne, enquanto hoje só dá para um quilo e meio", explica o agricultor. Junto com seu Eniz, vão se aproximando outros pequenos produtores que não param de fazer contas, de lamentar a atuação de políticos e exigir mudanças. As perdas são totalmente iguais.

Uma boa safra

Cuidados na formação da lavoura e clima altamente favorável são fatores responsáveis pelo aumento da produtividade na região

O Rio Grande do Sul vai colher nesta safra mais de quatro milhões de toneladas de milho. É a maior safra colhida no Estado, que apenas neste ano, plantou mais de 1.525.000 hectares de milho. Mas apesar de toda essa performance e de ser considerada uma cultura nobre, o milho continua recebendo tratamento marginalizado, enfrentando problemas de mercado e de armazenagem em certas regiões do Estado. Os produtores, mais uma vez, são os prejudicados. Eles reclamam que atenderam os apelos do governo de aumentar a área com a cultura, mas que não estão recebendo a devida atenção na hora da comercialização do produto. Dizem que de nada adianta incentivar o plantio se o governo não oferece segurança na hora da comercialização.

Os produtores que vendem o milho no mercado são os maiores prejudicados, pois as indústrias de ração fazem seus preços e pagam menos que o mínimo estipulado pelo governo. Basta se anunciar uma boa safra, que elas se tornam "as donas" do mercado, puxando os preços para baixo e ocasionando prejuízos aos produtores, que na maioria das vezes não conseguem sequer cobrir os custos de produção, mas que são obrigados a vender porque não têm outra saída.

Nesse ano, a situação não foge à regra. Tem produtores da região da fronteira, por exemplo, que foram obrigados a vender a produção por um preço três vezes menor que o mínimo. Um preço tão ruim que não serve nem para comprar um quilo de erva-mate.

SITUAÇÃO MUITO SIMPLES

Para o Ênio Weber, coordenador da área de comercialização da Cotrijuí, a situação da comercialização do milho é bastante simples: o mercado não está comportando toda a oferta. "Não existe qualquer possibilidade de comprar o produto pelo preço mínimo e repassar ao mercado. É prejuízo na certa, porque as indústrias não estão operando com o mínimo



MILHO

e muito menos estão preocupadas com toda essa situação", explica. Ele acha que se as indústrias forem obrigadas a fazer cobertura do mínimo, o custo vai cair direto no consumidor. "Os reflexos serão bastante danosos, pois como o preço mínimo vai sofrer reajuste pelo IPR até junho, vai aumentar o custo da carne, do leite, dos ovos. A indústria vai querer repassar este custo".

Essa situação, segundo o Ênio Weber, só vem ocorrendo em regiões onde existem problemas de armazenagem, de transporte e de falta de melhores esclarecimentos. Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, a produção dos associados vem sendo recebida com garantia de preço mínimo, no valor de Cz\$ 122,70. Essa produção será repassada a Companhia de Financiamento à Produção.

NA ALIMENTAÇÃO HUMANA

"O milho, diz o Léo Goi, diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, é uma cultura importante para a sustentação da propriedade e que na região, vem complementar os projetos cooperados de diversificação na área animal". O interessante, segundo ele, é que esse milho fique na propriedade e seja transformado em carne, leite, ovos. "Na medida em que os projetos cooperados da Cotrijuí - aves, suinocultura - forem ganhando maiores espaços, acreditamos que um maior volume da produção vai ficar na propriedade mesmo", diz.

Ele também acha que é chegado o momento de se criar espaços para o milho na alimentação humana. É um alimento de alto valor nutritivo, mas que vem esbarrando na política do governo de incentivo ao consumo da farinha de trigo. "Enquanto o governo não retirar o subsídio do trigo, a farinha de milho vai ficar sempre relegada a um segundo plano. Ele não tem como competir com a farinha de trigo, que por causa do subsídio, sempre vai chegar mais barata ao consumidor.

SAFRA BOA

Cuidados na formação da lavoura, sementes de boa qualidade e clima altamente favorável, é a explicação do Léo Goi para a boa safra de milho que os produtores estão colhendo na região. Os rendimentos estão sendo superiores aos estimados inicialmente. "Embora, diz o Léo, ainda não estejamos atingindo o potencial produtivo da região, estamos obtendo uma média de rendimento de 2.574 quilos por hectare. Ele acha que a região vai fazer uma boa colheita. Essa produção só não vai ser maior porque algumas lavouras, principalmente as localizadas na região Norte da área de ação da Cotrijuí, sofreram algumas baixas no rendimento em consequência da estiagem. Até o final de março em torno de 50 por cento da área de milho da região - 71.770 hectares plantados -, já haviam sido colhidos.

Área: altos e baixos

A lavoura de milho da região tem passado por altos e baixos nestes últimos anos. Se sabe que toda a problemática que envolve o aumento ou a redução da área pelos produtores está diretamente ligada ao preço do produto, que nem sempre tem sido suficiente para cobrir os custos de produção, e ao comportamento da suinocultura. Se a suinocultura vai bem e os preços praticados são animadores, o produtor procura plantar mais milho até como forma de reduzir seus custos de produção e aumentar a margem de lucratividade. Mas suinocultura em fase crítica, é sinal, também, de menos milho na lavoura.

Na Região Pioneira da Cotrijuí, foram plantados na safra 80/81, 60.600 hectares de milho, crescendo para 73.640 na safra 81/82. Esse incremento na área de milho que ocorreu a partir de 1980 até por volta de 1983 - ver tabela ao lado -, teve como causa principal os preços razoáveis operados na ocasião. Mas na safra seguinte - 84/85 -, houve um desaquecimento na lavoura de milho, caindo a sua área de 84.000 para 54.600 hectares. A redução, de 35 por cento, foi uma das mais drásticas dos últimos cinco anos. Foi um ano em que o preço estava ruim e

nem mesmo com o produtor segurando a produção, ele chegou a ultrapassar o mínimo.

Na safra 85/86 a área de milho sofreu um novo impulso, pulando para 63.710 hectares. O aumento da área foi de 16,68 por cento. Outro aumento significativo de área ocorreu nesta safra, passando de 63.710 para 71.710 hectares. Pode se dizer com certa margem de segurança que a área só não foi maior, porque 1986 não foi um ano bom para o milho. A seca registrada no final do ano e início de 1986 se encarregou de colher toda a produção, deixando os produtores numa situação de ter que comprar o produto para manter a criação.

No Estado a situação da área de milho anda mais ou menos no mesmo nível. Em 1982 se plantou 1.851.740 hectares de milho, rendendo uma produção final de 3.147.246 toneladas do produto. A área caiu no ano seguinte, só voltando a crescer em 1984, quando chegou a 1.883.224 hectares e a uma produção de 3.567.360 toneladas. O ano de 1986 registrou a menor área dos últimos cinco anos: ela ficou em 1.525.431 hectares. A produção foi a mais desastrosa: 1.937.656 toneladas de produto.

OS BAIXOS RENDIMENTOS

O Brasil vai fazer, neste ano, uma boa safra de milho. Não vai ser uma super safra como muito tem se alardeado, mas vai ser uma das maiores dos últimos anos.

A produtividade média do milho deixa muito a desejar e, ainda, está muito distante dos rendimentos alcançados pelos produtores americanos, por exemplo. Na safra passada, ela ficou em 1.270 quilos por hectare. A explicação para um rendimento tão baixo está no fato de que grandes áreas de milho, localizadas principalmente em zonas de minifúndios, ainda recebem uma tecnologia bastante rústica.

O maior rendimento obtido na Região Pioneira da Cotrijuí aconteceu em 1981, quando a produtividade alcançou 3.440 quilos

por hectare. De 1981 para cá, o rendimento veio caindo gradativamente até que em 1986 chegou a 1.173 quilos por hectare. Como esse foi um ano atípico, não pode servir para comparação com outros anos.

Área e produtividade de milho. Região Pioneira. 1980/1987

Ano	Área	Produtividade
1980/1981	60.600	3.440
1981/1982	73.640	3.178
1982/1983	74.000	2.551
1983/1984	84.000	2.225
1984/1985	54.600	2.357
1985/1986	63.710	1.173
1986/1987	71.770	2.245*

* Estimativa de rendimento
Fonte: Diretoria Agrotécnica

Área e produção de milho no RS

Anos	Área	Produção
1982	1.851.740	3.147.246
1983	1.778.993	3.174.771
1984	1.883.224	3.567.360
1985	1.744.881	3.558.591
1986	1.525.431	1.937.656

Fonte: IBGE



O preço de um quilo de erva

O preço da semente de milho híbrido tem levado o seu Orlando Blaszk, proprietário de 28 hectares em São Luiz, município de Chiapetta, a optar pelos milhos crioulos. Como planta por conta, acha que a despesa fica bem menor, além dos rendimentos não serem muito diferenciados. Só continua insistindo no híbrido para tirar as dúvidas e comparar os rendimentos. Nesta safra, por exemplo, ele plantou cinco hectares com milho crioulo e um canteiro com semente híbrida. Garante que não está arrependido.

"O milho crioulo sempre se comporta melhor, enquanto que o híbrido é mais sensível às condições climáticas adversas". Ele lembra que o milho híbrido saiu prejudicado logo no início do plantio, depois de um frio que pegou a planta na fase de desenvolvimento. Não sabe ao certo o quanto vai colher, mas garante que vem trabalhando com economia. "Se planto milho crioulo, tenho semente em casa por vários anos. Não vou ficar na dependência de ter de comprar uma semente cara que nem sempre apresenta um bom rendimento. E é semente para um ano só", diz ainda.

MAIS RESISTENTE

O seu Orlando já começou a fazer a colheita. Por enquanto tirou umas carroçadas de milho híbrido. "Vou colher este primeiro que é menos resistente ao ataque do caruncho". Como o milho crioulo tem mais palha na espiga, ele pode ficar mais tempo na lavoura. "Palha protege a espiga do caruncho".

Toda a produção do seu Orlando será destinada ao consumo da criação — suínos, pintos, gado de leite e ovelhas —. "Não planto para o comércio. Quando sobra algum excedente, cedo para os vizinhos. O milho é um produto que não pode faltar na propriedade". A mão-de-obra da colheita, segundo o seu Orlando, não compensa o preço que andam oferecendo por um saco de milho. "Ouví falar que lá pelos lados de São Borja estão vendendo um saco de milho pelo preço de Cz\$. . . 40,00. Esse preço não compensa toda a trabalhadeira da colheita". Como não possui plataforma adequada para a colheita do milho, toda essa serviço é feita à mão.

O seu Orlando plantou a lavoura com semente híbrida utilizando adubo orgânico, mas não fez nenhum tratamento com uréia. No milho crioulo não colocou nem adubo orgânico, mas justifica o excelente resultado dizendo que a terra era de melhor qualidade.

ARREPENDIMENTO

Quem não anda nada satisfeito com a planta do milho é o seu Biágio Menegol, proprietário de 200 hectares localizados em Formigueiro, Augusto Pestana. Nesse ano, contrariando o seu costume, plantou 15,5 hectares com milho financiado, de onde espera colher 60 sacos por hectares. Plantou ainda mais dois hectares com semente crioula. O arrependimento do seu Biágio não tem nada a ver com o rendimento da planta, mas com o preço que anda muito ruim. Para ele, o produtor se iludiu indo atrás da proposta do governo de plantar mais milho sem qualquer garantia de preços.

O Luís, filho do seu Biágio, não poupa críticas ao governo. Ele acha que esse incremento que houve na área de milho tem muito a ver com certa pressão feita pelo banco. "O atraso na liberação do custeio da soja, explica, levou o produtor a plantar mais milho, já que o dinheiro saía na hora. O produtor atendeu aos apelos do governo, está fazendo uma boa colheita, mas não está sendo recompensado". Além dos incentivos de plantio, o governo deveria dar garantia de preços e de comercialização. "É uma vergonha dizer que um quilo de erva-mate vale mais que um saco de milho", rebate o Luís.

Para ele, tudo o que está acontecendo é de responsabilidade do governo que não tem um planejamento para a área agrícola. "Não se pode admitir que, bem na época da colheita, o governo esteja importando milho".

O seu Biágio pegou Cz\$ 2.700,00 de financiamento por hectare. Se conseguir vender a produção ao preço de Cz\$ 50,00, ele vai obter uma renda de Cz\$. . . 3.000,00 por hectare. Como não está contando o juro, ainda não sabe se a produção vai dar para pagar todo o financiamento. "De cara, diz seu Biágio, já dá para ver que vamos perder dinheiro". Mas ele garante que não vai ter pressa e, enquanto o preço não melhorar, vai segurar a produção. "Se o governo garantisse a comercialização pelo preço mínimo, até que o milho daria um bom negócio".

MENOS SOJA

O seu Dealmo Schneider, associado da Cotrijuí em Gamelinha, Tenente Portela, onde é proprietário de 35 hectares de terra, tomou uma séria decisão nessa safra: diminuiu a área de soja e aumentou a de milho e a de mandioca. Ele plantou ao todo 15 hectares de milho e já colheu uns 10 hectares, com um rendimento médio de 55 sacos por hectare.



Biágio e Luís Menegol: o governo iludiu os produtores



Orlando Blaszk: confiança no crioulo

Quase toda a produção vai ficar para o trato dos animais da propriedade (suínos e aves). Concorde que o preço do milho anda ruim demais e que não vale a pena fazer qualquer negócio. "O melhor é guardar para o trato dos animais, embora o preço do porco ande inviabilizando qualquer investimento nesta área". O seu Dealmo sempre gostou de plantar milho para fazer negócios, mas desde que começou a trabalhar com suínos, tem preferido

deixar a produção em casa. "No ano passado tive que comprar milho que me faltou", lembra ele.

O seu Arnaldo Schowanz foi um dos poucos agricultores que neste ano, em vez de aumentar a área de milho, preferiu reduzir. Ele plantou 10 hectares contra os 30 do ano passado. A explicação é simples: medo de não colher nada como aconteceu na última safra. Ele é proprietário de 75 hectares em Gamelinha.

O milho do tarde saiu um pouco prejudicado, mas mesmo assim, vai render em torno de 2.200 quilos por hectare. Esse milho foi plantado na resteva do trigo e nasceu todo desparelho. O milho do cedo pode chegar a 75 sacos por hectare.

Toda a lavoura foi feita por conta e sem adubo. Uma parte da produção vai ficar na propriedade e outro tanto o seu Arnaldo vai deixar na Cooperativa até que o preço melhore. "Estou colhendo o melhor milho da região e não vou entregar para os bolcheiros pelo preço de Cz\$. . . 50,00 o saco. Vou aguentar até poder fazer um bom negócio".

Os rendimentos do Empasc

Duas cultivares de milho, mais rústicas que os híbridos e mais produtivas que os comuns estão ganhando a confiança de alguns produtores da região a partir desta safra: são os milhos Empasc 151 Condá e Empasc 152 Oeste. Essas duas cultivares integram o programa de produção de sementes de milho da Cotrijuí e recém agora está sendo levada a campo. O seu Dealmo Schneider, de Gamelinha, Tenente Portela, por exemplo, é um destes produtores que já nesta safra produziu semente de milho. Ele plantou 3,5 hectares com a cultivar Empasc 152 e anda muito satisfeito com os resultados. "É a primeira vez que trabalho com essa cultivar e gostei muito do rendimento", conta ele. Colheu 160 sacos com um rendimento médio de 3.000 quilos por hectare.

O seu Dealmo poderia ter ido melhor com milho se não tivesse faltado chuva logo depois do plantio. O milho nasceu ralo e desparelho, sendo consorciado mais tarde com a soja. "Se não fosse a falta de chuva, explica, o milho teria nascido mais parelho, apresentando um rendimento final bem melhor".

Entregou toda a semente na Cotrijuí em Tenente Portela, recebendo pela produção um adiantamento de Cz\$ 4,00 por quilo. Para a próxima safra ele quer ver se dobra a área com milho Empasc. "Toda a iniciativa para diminuir a nossa dependência das sementes híbridas deve ser bem aceita pelos produtores".

RENDIMENTO MAIOR

Arnaldo Schowanz, vizinho do seu Dealmo, também andou fazendo a experiência com o milho Empasc e se deu muito bem. Plantou um hectare, de onde vai colher uns 80 sacos. Não usou adubo e nem uréia e a planta foi feita a bico de máquina. O milho veio bem, sem nenhum problema.

Um aumento na área com o Empasc 151, segundo o seu Arnaldo, vai



Arnaldo Schowanz



Dealmo Schneider

depende do preço da semente. "Vou continuar plantando o Empasc e até estou pensando em fazer uma lavoura com tecnologia". Ele gostou do tamanho da espiga, maior que a dos híbridos, embora tenha achado o grão um tanto duro. "É um milho para fazer ração". A mão-de-obra na hora da colheita é um pouquinho maior porque o milho tem que ser entregue com a espiga limpa, sem palha.

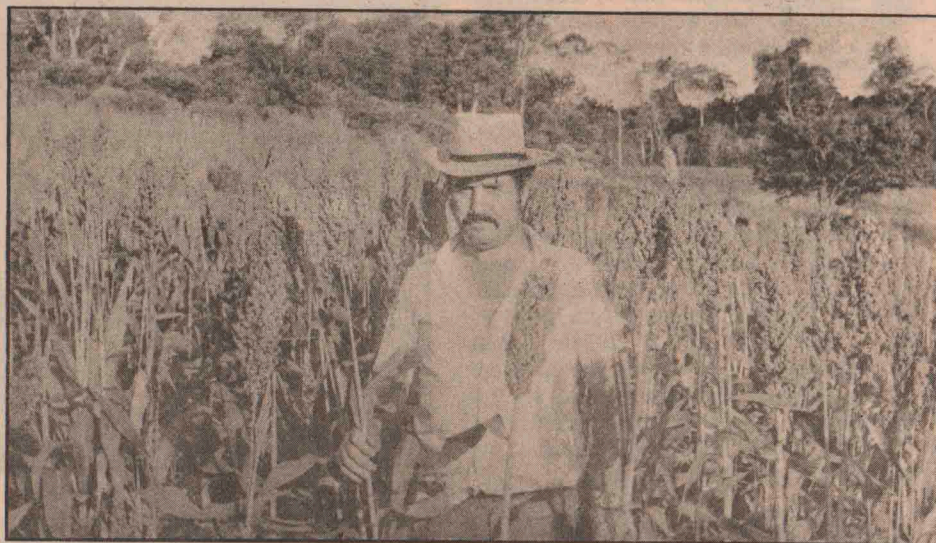
A aceitação dos produtores

Produtores da região testam uma cultivar de sorgo de polinização aberta

Uma variedade não híbrida de sorgo, a BR-007, vem fazendo sucesso nesta safra entre os produtores da região. O Dirceu Guarda Lara, proprietário de 164 hectares na localidade de São Judas Tadeu, município de Chiapetta, é um dos produtores que está testando, a nível de lavoura, essa nova variedade mais rústica. Esse foi o primeiro ano em que o Dirceu plantou sorgo e, até agora, só tem elogios para a sua lavoura. Ele se decidiu pelo sorgo — plantou uma área de três hectares —, porque acha que está na hora do produtor voltar ao passado e plantar um pouco de cada cultura. “Não se pode mais ficar apenas na dependência da soja ou do trigo”, justifica.

O Dirceu está gostando do sorgo, “uma planta de fácil manejo”. Ele acredita que possa colher em torno de 2.200 quilos por hectare, “ou até mais, que a lavoura está em ótimas condições”. Pretende entregar a maior parte da produção para semente. Pode ser, ainda não decidiu, que guarde um pouco para o trato dos animais. Mas explica que como não conhece muito bem o sorgo, ainda prefere tratar a criação com milho.

Caprichou na lavoura e não descuidou do adubo. Só não aplicou uréia porque achou desnecessário. Fez um tratamento para combater a mosca e os gastos pararam por aí. Quer ver se no próximo ano aumenta a área para uns 10 hectares. “O colono, diz ele, precisa mudar um



Dirceu Guarda Lara: planta fácil

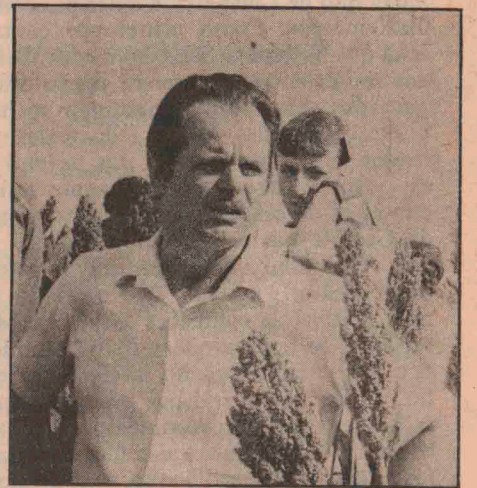
pouco de idéia. Precisa entender que é hora de partir para outras atividades.

NÃO LUGAR DA SOJA

O Hélio Erno Stadler, proprietário de 37 hectares distribuídos entre as localidades de Bela Vista e Pinhalzinho, em Santo Augusto, é um fã incondicional do sorgo. Só nessa safra, ele plantou 10 hectares. Fez a planta em janeiro, numa área que estava reservada para a soja. A sua simpatia pela cultura não é de hoje. Na safra anterior por exemplo, ele plantou sorgo bem no cedo e fez duas colhei-

tas com bons rendimentos. “Fiz a primeira colheita e a planta brotou, permitindo uma nova colheita mais no tarde”. Ele lamenta que o sorgo seja uma cultura ainda um tanto desconhecida, de pouco entrosamento junto aos produtores. “Não planto sorgo por descuido. Planto porque o seu rendimento é fora de série”, diz.

Fez toda a planta do sorgo por conta, utilizando uma semente híbrida que conseguiu na Cotrijuí e está arrependido de não ter feito a mesma coisa com a so-



Zeno Foletto

ja. Se o preço ajudar, vai vender boa parte da produção e guardar um tanto para o trato dos porcos.

“Trabalho com porco, que não dá lucro, mas é divertido. Pelo menos serve para entreter o agricultor, enquanto que a soja só nos tira o sono”.



Hélio Stadler

VANTAGEM

O agricultor Zeno Foletto, proprietário de 58 hectares localizados em Dr. Bozano, Ijuí, também vem avaliando, a nível de lavoura, a variedade de sorgo BR-007. Está gostando da nova variedade, considerando o seu potencial produtivo muito bom. A grande vantagem, diz ainda, é que o produtor trabalha com uma linhagem aberta e que pode repetir o plantio com a mesma semente por outros anos”.

Ao plantar sorgo todos os anos, o seu Zeno está muito mais preocupado com a questão da diversificação, da rotação de culturas e da conservação do solo do que com a lucratividade que poderá obter com a planta. Plantou nesta safra 15 hectares com o sorgo BR-007. Nos anos anteriores plantava sementes híbridas.

O sorgo está ocupando uma área onde já havia sido plantado a alfafa, o trigo, a soja, a colza e o trigo sucessivamente. Depois da colheita do sorgo vai colar a colza. “Esse trabalho também venho fazendo nas demais áreas da propriedade” explica. Reconhece que já cometeu alguns erros, como o de ter plantado o sorgo em cima do trigo. “Coloquei duas gramíneas umas atrás das outras, mas não tive outra opção até por falta de área”, lamenta. Também não gosta de repetir a mesma cultura num espaço de dois anos na mesma área. “O produtor que faz rotação de culturas na sua propriedade, além de melhorar as condições do solo, está evitando a propagação das doenças radicais.

Na safra passada ele plantou uma variedade híbrida e foi muito bem, tirando uma média de 5.000 quilos por hectare. Nesta safra, como a área é maior, ele está prevendo uma colheita de 4.000 quilos de sorgo por hectare. Metade da produção vai entrar para semente, 40 por cento vai destinar para o comércio e 10 por cento vai reter em casa, para o trato dos animais da propriedade.

Variedades não híbridas

O milho e o sorgo mereceram dois “dias de campo” na Cotrijuí. O primeiro contou com a presença de agrônomos, técnicos e produtores de outras Cooperativas da região e tinha como finalidade mostrar o trabalho que a Cotrijuí vem realizando no Centro de Treinamento com as cultivares de milho Empasc 151, Empasc 152, BR 105, BR 106 e ainda com a linhagem de sorgo BR 107. Essas variedades — tanto de milho como de sorgo — não são híbridas. Alguns trabalhos têm mostrado que elas podem apresentar excelentes resultados em determinados ambientes de cultivo. As duas primeiras cultivares do milho — a Empasc 151 e a Empasc 152 — foram desenvolvidas pela Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A. As demais, foram criadas pelo Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo de Sete Lagoas, em Minas Gerais. Elas vêm sendo avaliadas no CTC desde 1981.

A lavoura de milho na região é praticamente de subsistência e, embora tenham acontecido muitas tentativas de aumentar o seu rendimento, elas não têm apresentado grandes avanços.

“Diante dessa situação, disse o agrônomo e coordenador do projeto, o Luis Volney Viau, “entendemos que em lavoura onde o produtor aplica tecnologia moderada, ele poderia trabalhar com variedades mais rústicas, desde que apresentem boa produtividade.

O Volney Viau deixou bem claro que a intenção não é substituir as cultivares híbridas, mas buscar outras alternativas para a região. “Sempre que o produtor for fazer uma lavoura altamente tecnificada, teria, evidentemente que utilizar sementes híbridas”, explicou.

Estas duas variedades de milho, se-

gundo o agrônomo, obtidas através de vários ciclos de seleção, têm apresentado bom potencial de produção e boa adaptação em nosso ambiente. São resistentes às principais moléstias que atacam o milho. Tanto a nível experimental, como de lavoura, elas têm apresentado rendimentos comparáveis com a grande maioria dos híbridos comerciais e superiores em até 30 por cento às produções de milhos comuns. Outra vantagem apresentada por essas cultivares de polinização aberta é que suas sementes podem ser utilizadas por três a quatro anos, desde que o produtor adote certos mecanismos na sua produção.

O Volney Viau reconhece que essas variedades são mais difíceis de chegar até o produtor por não serem recomendadas oficialmente pela pesquisa. “Sou a favor de que se crie mecanismos para melhor avaliar esses materiais, proporcionando que o produtor tenha acesso a estas variedades e possa avaliar seu comportamento no nível tecnológico em que são conduzidas suas lavouras”.

O SORGO

Um outro trabalho desenvolvido no CTC, o do sorgo, também mereceu a atenção dos visitantes. “Esse material, também de polinização aberta, explicou Volney Viau, tem um rendimento inferior aos melhores híbridos e comparável a outros que apresentam rendimentos semelhantes. A Cotrijuí iniciou o trabalho com a BR-007 no sentido de observar seu comportamento na região e desenvolver um programa de produção de semente desta variedade.

A intenção da Cotrijuí, através destes trabalhos com variedades de milho e sorgo, de polinização aberta, é de proporcionar a introdução e avaliação de todo esse material genético que vem sendo produzido pelas instituições de pesquisa de milho. A partir de então, desenvolver um programa de produção de sementes que possa atender as necessidades da região.

A PARTICIPAÇÃO DOS PRODUTORES

O segundo “dia de campo” aconteceu na propriedade de Zeno Foletto, em Dr. Bozano, Ijuí, e contou com a participação de produtores da região. O Sadi Pereira, técnico responsável por aquela região, mostrou aos produtores a cultivar de sorgo BR-007 e falou das suas vantagens. Lembrou da necessidade de uma maior participação dos produtores no processo de avaliação da cultura no sentido de que na próxima safra, mais produtores a culti-



Visita a uma lavoura de milho Empasc

vem em caráter experimental. Só através da avaliação dos produtores, poderá se chegar a maiores informações a respeito dessa variedade.

Encampação, o marco inicial

A 17 de fevereiro último transcorreu o 10º aniversário da assembléia conjunta Pedritense-Cotrijuí, realizada em Ijuí, que resultou na encampação da primeira pela segunda. A presente reportagem procura focalizar fatos e situar acontecimentos que resultaram na encampação apesar do que, de maneira muito sucinta. Para isso, ouvimos dirigentes da antiga Pedritense e pessoas que, de forma singular, tiveram participação no acontecimento.

É o caso de Suleiman Guimarães Hias, atual presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito e diretor da Farsul. Ele contou que já no ano de 1974, pensava numa maneira de salvar a Pedritense, "que via definir econômica e socialmente". Como funcionário do Banco Central do Brasil, recebeu naquele ano, a missão de fiscalizar o setor cooperativista no estado, inteirando-se da difícil situação da cooperativa, da qual era também associado.

Acha que a Cotrijuí levou para a Campanha o denodo progresso do colono e a tradição do trabalho agrícola, sem o qual a própria economia pecuária não alcança seu pleno desenvolvimento.

FASE CRÍTICA

Como prefeito de Dom Pedrito, no período de dez anos — de 1975 a 1986 — José Caminha Coelho Leal acompanhou a fase mais crítica da Pedritense, a encampação pela Cotrijuí e posterior fase de reerguimento e expansão social e econômica de hoje. Diz que tanto na condição de administrador do município, como de associado da cooperativa, via sua derrocada iminente e aparentemente irreversível, como um castigo para Dom Pedrito.

A encampação foi o remédio eficaz para os males que desde anos aniquilava a Pedritense. A nova organização trouxe tranqüilidade aos associados, principalmente no que se refere aos pecuaristas, que já não vinham entregando gado para abater na antiga Ipecê, diz Coelho Leal. A cooperativa da Serra trouxe também

apoio técnico, tanto para a produção como comercialização. E isso se traduziu numa economia mais diversificada, em maior espaço de armazenagem, como a construção de armazéns e silos, engenho de beneficiamento de arroz e ampliação da capacidade do frigorífico, entre vários outros empreendimentos de vulto, que muitos benefícios estão trazendo para Dom Pedrito, finalizou o ex-prefeito.

MARCO DE NOVA ÉPOCA

Abu Souto Bicca era diretor-secretário da Pedritense, na gestão que administrou a cooperativa à época da encampação, e cujo presidente era Jango Maia. Hoje, além de produtor associado da Cotrijuí, ele dirige um grande escritório de contabilidade, localizado no centro de Dom Pedrito.

Diz que a vinda da Cotrijuí para o município representa um marco entre uma e outra época. E o que mais distinguiu esse marco foi a organização de trabalho adotada, em proveito de todo um conjunto de medidas, cujas decisões, que a princípio eram tomadas em Ijuí, foram aos poucos se transportando para Dom Pedrito, dentro da filosofia de busca democrática praticada pela encampadora.

Reportando-se ao período que antecedeu a encampação, disse que apesar da cooperativa viver, naquela época, uma fase quase que pré-falimentar, mesmo assim, despertava interesses.

— Estavam adiantadas as tratativas de encampação, pela Cotrijuí. Certa vez, quando se realizava uma reunião de estudos entre dirigentes de ambas as empresas, na sede da Pedritense, diretores da Cicade, da vizinha cidade de Bagé, sem que fossem convidados, invadiram o local da reunião, fazendo propostas de encampação. Ele relata que a reunião teve que ser suspensa e os intrusos convidados a retirarem-se do recinto. E arremata dizendo que, mesmo que não houvessem outras razões, como por exemplo, as de ordem ética, a verdade é que a própria Cicade também estava quebrada.

Década de ouro

O último presidente da Pedritense foi João Clóvis Gonçalves Maia, mais conhecido por Jango. Solicitado a historiar as causas que originaram a crise na cooperativa, que redundou na encampação pela Cotrijuí, disse "ser sintomático que o cooperativismo refletirá sempre o momento econômico-financeiro como um todo, e acima de tudo, a consciência cooperativista dominante.

O crônico problema da resistência de adesão à entrega de produtos na cooperativa, cujos compromissos se baseiam na previsão de safras, foi e continua sendo o maior drama destas organizações, levando-as a perder a liquidez e até a possibilidade de sobrevivência. A falta de conscientização e participação do quadro associativo foi uma das causas primordiais dos problemas da Pedritense.

Em cima desse clima psicológico difícil, houve a recessão do mercado internacional da carne. Com a instalação do frigorífico, tínhamos infra-estrutura ideal e gado (embora as deserções de associados), mas este elevado investimento industrial estava sem retorno. As decisões não poderiam ser paliativas, mas, definidas e definidoras, resumindo-se numa incorporação honrosa e transparente. Foi o que procurei fazer".

PRIMEIROS CONTATOS

Com essa disposição e com o aval dos conselheiros e demais diretores — homens lúcidos e todos grandes amigos de Jango Maia, ele partiu para os contatos preliminares, procurando as melhores possibilidades de submeter-se a uma incorporação.

Seu primeiro contato com a Cotrijuí aconteceu durante uma reunião realizada na Fe-

deração das Cooperativas de Carnes — Fecocarne — em Porto Alegre. Diz que chegar ao Ruben foi tarefa fácil, primeiro pela intermediação do amigo Israel Scatrut e, segundo, pelo carisma e espontaneidade do então presidente da Cotrijuí.

Lembrou do discurso vigoroso em prol do cooperativismo, proferido pelo Ruben, por ocasião do churrasco no CTG "Rodeio da Fronteira", das conversas francas e posições definidas e da incorporação, decidida na assembléia de 17 de fevereiro de 1977, em Ijuí.

DÉCADA DE PROGRESSOS

Quanto ao resultado da medida não há como negar o positivo que a incorporação à Cotrijuí trouxe para o nosso município, disse o ex-presidente. Uma década de progressos visíveis cujas realizações não se detém numa só obra, ou num só homem, pois transcendem os estreitos limites do tempo. Moegas, secadores, complexos de silos, engenhos, a sede administrativa e seus anexos, centrados em prédio funcional; armazém para hortigranjeiros, mercados e lojas, lazer na Afucotri, assistência à saúde, etc.

E ainda mais, se estende Jango Maia — estrutura organizacional atualizada, com o surgimento de novos líderes, aproveitamento de técnicos, amplo mercado de trabalho, mentalidades recicladas. Enfim, o desafio e a vitória, tal como afirmou o dr. Pascoal Brandi durante o ato da incorporação: "O sol é algo mais que uma fonte de calor e luz. É um símbolo de esperança que não nos abandona jamais". A cada novo dia desta década, tal como o sol citado pelo dr. Pascoal, renascemos pelo nosso trabalho e nossa união.

Para ele, as coisas cresceram e evoluíram com rapidez e inteligência. Algo mudou, e mui-

to, mas as raízes permaneceram profundas, em termos econômicos, multiplicando-se a cada ano, nesta década de ouro, apesar da crise nacional. Sem dúvida que valeu a pena. O bom do ontem serviu para o hoje, e sustentará o porvir.

Para finalizar, deixa algumas sugestões despreziosas — fruto de observações e experiências. Entendo que o cooperativismo, em seus setores de adiantamentos ou liquidações dos produtos de seus associados, possa vir a independizar-se da formação geral dos preços, baseados nos preços da concorrência. Penso que, à semelhança do governo, quando das greves, perdem tempo, sofrem prejuízos, e no fim, atendem as reivindicações, assumindo todos os ônus decorrentes. Assim são as cooperativas. Perdem os melhores produtos e depois adquirem o que já foi rejeitado pelos concorrentes. Parece-me, salvo melhor juízo, que o cooperativismo de hoje, pela sua dinamicidade, deve deter capital; mas dar, no mínimo, o maior preço da concorrência. Só assim o sistema poderá cumprir com seus compromissos: associado — produto — capital".

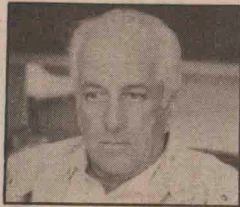
E finalizou, o senhor Jango Maia: "Espero que a constituinte torne o cooperativismo, não apenas um sistema econômico, mas um princípio de vida, um estado de consciência e razão de trabalho".



Suleiman Hias



A primeira sede da Pedritense



José Leal



Abu Souto Bicca



Antônio Silva

Mas Abu Bicca adverte que nem tudo são louros. Dificuldades ainda existem. E enquanto o governo não encarar de frente e com maior realismo, a agropecuária, esta viverá seus problemas.

O MAU ASSOCIADO

Crítico severo do associado que não entrega produtos na cooperativa, Antônio Carlos Vicente e Silva — mais conhecido por Perico — é entusiasta da Cotrijuí. Acha que nos últimos dez anos, Dom Pedrito cresceu muito, talvez mais do que nos anteriores 50 anos. O município cresceu num todo, dinamizando a economia primária, de maneira a mais diversificada possível.

Diz que com a Cotrijuí, vieram as técnicas, o impulso para o trabalho e a vontade de vencer. Não que antes não se trabalhasse, sentença, mas é que a Cotrijuí ordenou mais as coisas, alocou recursos, que antes nos faltavam e abriu novas perspectivas de mercado, inclusive oportunizando a que novos produtos passassem a fazer parte da economia do município.

Como consequência, as terras férteis de Dom Pedrito, que são aráveis na proporção de 90 por cento de extensão, receberam uma agricultura organizada e profissional. Hoje, talvez não ainda em quantidade, mas em variedade, nosso município pode competir com qualquer outro do Brasil.

Acha que Dom Pedrito está de parabéns. Mas chama a atenção para o mal que representa o associado que desvia o produto. Adverte que esse tipo de associado devia lembrar que o atravessador até paga mais, primeiro, porque não investiu nada com o produtor nem com a produção, pois só se faz presente na hora da

compra do produto colhido. E depois, exatamente pela presença da cooperativa, no lugar. A cooperativa — destaca Perico, é garantia de assistência técnica, repasse de recursos, proteção de guarda de safras, ampliação e melhoramento de mercado, garantia de princípios éticos, entre dezenas de outras características que só o cooperativismo pode proporcionar.

Entende que quem faz a cooperativa é o associado, pois é ele quem comanda, se for participativo. O associado não deve ser um especulador, um imediatista. Se assim proceder, seguramente estará prejudicando a cooperativa e os demais associados — seus colegas — de modo direto e particular. O associado que desvia produto é um peso morto, que passa a ser carregado pelos demais. E isso é desonesto, desabafa o jovem Perico.

Finaliza dizendo que se o pecuarista pedritense entregasse 50 por cento do gado na cooperativa, bastava para que o frigorífico trabalhasse todo o ano, sem nenhuma interrupção. E complementa, perguntando: o que custaria ao pecuarista entregar metade do gado pronto para abate, para manter a cooperativa em pleno trabalho? O resultado disso seria maior rentabilidade, sobras garantidas, e a presença sólida da cooperativa, como elemento normativo e regulador de preços.

Revolução verde

Há 10 anos atrás iniciava-se uma verdadeira revolução na agropecuária de um município da Campanha gaúcha. Dom Pedrito, tradicional produtor de carnes, que de agricultura só produzia arroz, começou a conviver com uma crescente transformação agrária em seus férteis campos.

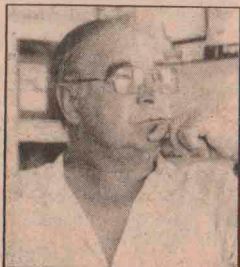
Começaram a aparecer, a cada ano, novas culturas de inverno e verão. Soja, milho, sorgo, trigo, arroz, feijão; cultivares e gramíneas, numa diversificação que os geneticistas chamam de policultura.

E paralelamente a esse impulso dedicado a agricultura, também a pecuária teve acelerado o desenvolvimento, pela necessidade de modernizar-se. O município passou a aparecer mais nos calendários das exposições pecuárias, conquistando prêmios pela qualidade zootécnica e performance de seus rebanhos.

A ovinocultura, considerada pelos povos de clima frio como o toção de ouro da pecuária, graças a uma intensiva aplicação das técnicas, passou a crescer em população e na maior qualidade dos rebanhos. Estatística recente demonstra que nos dois últimos anos — 1985 e 1986 — a ovinocultura pedritense cresceu em 73 mil cabeças. De 338 mil em 85 passou a somar 411 ao final do ano passado, segundo revela a Inspeção Veterinária local.

A conquista desse bom resultado, conforme declarou o médico-veterinário Antonio Carlos Vicente e Silva, é fruto de um trabalho que vem sendo perseguido desde 1983. O trabalho prevê encameiamentos programados, cuidados sanitários dos rebanhos, exames de andrologia nos reprodutores e de fertilidade nas fêmeas, pastagens melhoradas, entre outros cuidados.

Se a pecuária desenvolveu-se e evoluiu em qualidade durante o referido período — e os números provam que sim, em relação a agricultura houve uma verdadeira "revolução verde" em Dom Pedrito.



Jango Maia

Existe futuro?

O trigo mourisco, também conhecido por trigo sarraceno ou mourisco, é uma planta dotada de grande rusticidade e muito resistente ao ataque de pragas e doenças, e que responde com boa produtividade mesmo em solos de pouca fertilidade. Por sua rusticidade, apresenta baixos custos de produção, podendo oferecer elevada produtividade por hectare se racionalmente cultivado. O ciclo é de 80 a 90 dias, proporcionando duas safras por ano. É cultura de verão.

Planta originária da Ásia, de onde passou a ser cultivada na Europa, acredita-se que tenha sido introduzida no Brasil ainda no final do século XIX, por imigrantes alemães, poloneses e russos. As primeiras culturas que se tem conhecimento ocorreram no Rio Grande do Sul, na região dos Campos de Cima da Serra, especialmente em Lagoa Vermelha e Vacaria, onde se concentra a totalidade da produção no Extremo Sul. Outros estados produtores são, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, porém, em reduzidas quantidades.

O que se sabe é que não há pesquisa genética em torno da planta, como cultivar, sendo também reduzidas as pesquisas do produto para alimentação humana. O consumo interno do mourisco tem se voltado exclusivamente para ração animal.

Em 1962, quando da criação da Ctrin - Comissão de Compra do Trigo Nacional - o governo federal fixou normas facultando o uso de sucedâneos na farinha de trigo destinada à panificação. A portaria estabelecia que o mourisco podia ser adicionado em até 4 por cento na formação do pão. Pela mesma decisão go-



O agrônomo Álvaro Luiz Caon, da Camila, inspeciona a lavoura de Itacir Dias de Moraes, no município de Cirfaco

vernamental foi estabelecido o preço mínimo para o produto.

O aproveitamento na panificação encontrou um sério obstáculo, já de início. A moagem do grão não podia ser feita nos moinhos convencionais de trigo. Por outro lado, foi visto que entre a casca e o miolo do grão, existe uma película fina, muito rígida, que necessita ser retirada sob pena de inviabilizar a farinha para uso em panificação. Esses fatos obrigaram a que fosse protelado o uso do pão misto com farinha de mourisco.

E dez anos depois, em 1972, em

plena época do chamado "milagre econômico", com o subsídio ao trigo importado, foi totalmente abandonada a idéia de se estimular o plantio e aproveitamento do mourisco na mistura em panificação, por desinteresse de mercado.

Hoje, quando se insiste na necessidade de estancar essa sangria financeira que é o subsídio ao trigo importado, e o governo parece se sensibilizar com a idéia, é chegada a hora de nos voltarmos para o estudo dessa cultura tão espontânea, que brota do solo com tanta facilidade e num ciclo de apenas 80 a 90 dias dá condições de colheita.

A Cooperativa Agrícola Mista Lagoense Ltda., Camila, vem desenvolvendo há anos um grande esforço de pesquisa em torno da planta. O técnico responsável é o agrônomo Lauro Ruschel, que tem armazenado muitos dados de fomento da cultivar. Aliás, a cooperativa de Lagoa Vermelha não só desenvolve pesquisa como também estimula o plantio entre seus associados, garantindo a comercialização do produto.

Apesar da incerteza de mercado (o Japão parece se constituir no único comprador externo do mourisco), sempre existirão plantadores na região de Lagoa Vermelha, conforme afirma o seu Laurindo Stedile. Ele diz que galinha e porco alimentados com forragem de mourisco, oferecem a melhor carne do mundo.

O agricultor Itacir Dias de Moraes, que cultiva cerca de 200 hectares no município de Cirfaco, lindeiro com Lagoa Vermelha, sempre reserva uns 20 ou 30 hectares de lavoura para o mourisco. A média de colheita tem se mantido nos 2.000 quilos por hectare. Mas adubando o solo, a produção é maior, afirma ele.

Alunos da Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo organizaram coletânea de dados sobre cultura de trigo mourisco. O trabalho não é calcado em dados puramente científicos (até porque a ciência nacional é pobre em relação ao mourisco). Trabalharam na pesquisa os estudantes Cesar Seibt, Enio Todeschini, João Paulo Comerlato, Juci Gruber e Álvaro Luiz Caon, hoje formado em agronomia, trabalha no departamento técnico da Camila, sendo mais um entusiasta do futuro do mourisco.

Fonte alimentar ignorada

Dois técnicos sobressaem em termos de pesquisa com trigo mourisco no Rio Grande do Sul. São os agrônomos Luiz Hermes Svoboda, do CEP da Fecotrig, em Cruz Alta, e Lauro Ruschel, da Cooperativa Agrícola Mista Lagoense Ltda., de Lagoa Vermelha. Ambos vêm se dedicando há anos tanto no fomento da planta, experimentação de novas cultivares, observando as médias de produção, ciclos de maturação e resistência a moléstias, como também ao teor alimentício da cultura em relação ao trigo branco e ao milho.

No que se refere a fomento, eles fizeram ensaios com as cultivares Harukei, Lagoa Vermelha, Guarapuava, Mancan, Shinano, Kiturin, Kokuryusho e Ushimooko. São oito cultivares, sendo que seis delas importadas do Japão, da China e do Canadá.

Shinano e Harukei são de procedência japonesa; Ushimooko, Kiturin e Kokuryusho, da China, e a Mancan, do Canadá. Uma cultivar veio do norte do Paraná, denominada Guarapuava e, finalmente, a cultivar Lagoa Vermelha, que é o trigo mourisco tradicionalmente cultivado nos Campos de Cima da Serra. Esta última variedade serviu como testemunha, para efeito de comparação.

O ensaio foi organizado em terras de Luiz Fernando Dias Ortiz, associado da Camila, no município de Lagoa Vermelha. A finalidade foi comparar os rendimentos das diversas cultivares testadas, bem como o rendimento e adaptação das importadas.

Informam os técnicos que o ensaio foi organizado em blocos, ao acaso, em quatro repetições, num total de 32 parcelas. Cada parcela era formada de seis li-

nhas de cinco metros de comprimento, com espaçamento de 20 centímetros entre linhas, deixando um intervalo de 40 centímetros entre as parcelas.

O solo foi analisado e a adubação foi feita com a fórmula 08-24-12, utilizando-se 250 kg por hectare. A incorporação foi feita a lâncõ e incorporada com enxada.

Foi testado o poder germinativo das sementes e compensado com mais sementes aqueles que estavam abaixo do normal. A semeadura foi feita a 6 de novembro (1985), com o solo muito seco, o que retardou a germinação. A emergência verificou-se a 30 de novembro, quando houve condições de umidade do solo.

O stand ficou normal, ao redor de 40 plantas por metro de linha, não havendo necessidade de desbaste. Houve deficiência hídrica durante todo o ciclo do ensaio, o que causou maiores reflexos nas culturas precoces (Shinano, Mancan, Kiturin, Kokuryusho e Ushimooko). Estas cultivares tiveram o crescimento mais prejudicado, alcançando apenas entre 30 e 20 centímetros de altura, em média.

As cultivares do ciclo médio, Harukei e Guarapuava, também foram prejudicadas, e alcançaram a altura de 45 e 55 centímetros, o que ainda está bem abaixo do normal. Mas tiveram mais chuva no final do ciclo.

A cultivar testemunha - Lagoa Vermelha - que é de ciclo mais longo, teve crescimento normal. Recebeu clima mais favorável no final do ciclo, na floração e maturação.

A COLHEITA

As variedades de ciclo curto foram colhidas no dia 11 de fevereiro, já com um pouco de atraso. As de ciclo médio

(Harukei e Guarapuava), também foram colhidas com algum atraso, no dia 10 de março, juntamente com a cultivar testemunha.

A colheita tardia deveu-se a anormalidade em decorrência da escassez de chuvas na fase crítica das plantas. As plantas floresciam e mostravam sinais de maturação e encerramento do ciclo. Em seguida, com a ocorrência de alguma chuva ocasional, apresentavam revigoração com nova floração. Isso fez com que o ciclo se prolongasse.

As porções colhidas das parcelas foram pesadas em separado, após a secagem para 13 por cento de umidade, com os seguintes rendimentos mostrados no quadro "A".

Os técnicos Luiz Hermes Svoboda e Lauro Ruschel concluíram que as más condições climáticas prejudicaram bem mais as cultivares precoces, cuja produtividade caiu abaixo de 20 por cento em relação a testemunha, não devendo servir para comparação em relação a esta, já que

seu ciclo é de apenas 65 dias.

Assim, separando as cultivares por ciclo vegetativo, eles concluíram que destacaram-se ainda uma vez entre as precoces as cultivares Shinano e Mancan. O Kiturin, que em ensaios anteriores teve bom desempenho, decaiu de rendimento. Mas o grande destaque foi a cultivar Harukei, que superou a cultivar testemunha em 23 quilos por hectare. Ou seja, produziu 100,65 por cento em relação a cultivar Lagoa Vermelha, já tradicional e aclimatada na região.

VALOR ALIMENTÍCIO

O que desperta grande interesse é quanto ao teor alimentício do mourisco. E nesse caso ele não deixa a desejar em relação a outros farináceos similares. Conforme se observa no quadro B, em termos comparativos com o trigo branco e o milho amarelo, quanto a albumina, carboidratos e em relação a soma albumina-carboidratos, há quase que um equilíbrio nesses três farináceos.

Quadro A - Rendimento por hectare

CULTIVAR	KG/Ha	% EM RELAÇÃO TEST.
Harukei	3.570	100,65
Lagoa Vermelha	3.547	100,00
Guarapuava	2.083	58,72
Mancan	708	19,96
Shinano	666	18,77
Kiturin	541	10,83
Kokuryusho	500	10,00
Ushimooko	458	9,16

Quadro B - Comparação com trigo branco e com milho

	Albumina (%)	Carboidratos (%)	Relação Albumina x carboidratos (%)
Mourisco	9,1	56	1:6,2
Trigo	9,1	74	1:8,2
Milho	6,5	79	1:11,2



SUBSÍDIO DO TRIGO

Avanços na produção

O subsídio ao trigo importado vem resistindo a todas as investidas e ponderações feitas por economistas independentes e produtores mais esclarecidos. Parece que nada consegue abalar essa instituição, apesar do rombo cada vez maior que abre nas finanças da nação.

Há quem diga que desde que os técnicos do Fundo Monetário Internacional começaram a circular com freqüência e desenvoltura pelos gabinetes de Brasília, em 1983, os defensores do subsídio se sentiram em maior segurança. No ano passado, o governo dispendeu entre 18 a 20 bilhões de cruzados para manter o subsídio, e neste ano poderá dispende o dobro daquele valor.

Tão forte é o lobby dos que defendem essa prática, que algumas autoridades nem admitem a abordagem do assunto. Segundo os jornais, um assessor direto do ministro da Agricultura, Iris Rezende, teria ficado irritado quando um jornalista fez comparação com o subsídio pago ao trigo estrangeiro e o preço aviltado do milho nacional. Em vez de tentar explicar a questão, conforme pretendia o jornalista, o assessor disse que "o governo não havia mandado ninguém plantar milho"...

O SUBSÍDIO NASCEU DE UM ATO POLÍTICO

O diretor-geral do Departamento de Comercialização do Trigo - Ctrin, Nilo Fensterseifer, funcionário antigo do Banco do Brasil e há cerca de cinco anos na direção do órgão revela que a adoção da medida foi um ato puramente político. O subsídio foi instituído em 1972 pelo então ministro Delfim Netto, no governo do general Emílio Médici, e que originalmente nada a ver com a política de compra e comercialização estatal do trigo nacional, pela Ctrin.

A Ctrin havia sido criada dez anos antes, em 1962, como Comissão de Compras do Trigo Nacional. Cinco anos depois, em 1967 - lembra Nilo Fensterseifer - através do Decreto-Lei nº 210, foi regulamentada a compra estatal do trigo. Ele faz questão de esclarecer que o conjunto de leis e regulamentos que criou e aperfeiçoou a compra estatal do trigo, em nenhum momento previu subsídio ao produto. E até pelo contrário, diz. Tanto que o Decreto de nº 60.698, também do mencionado ano de 1967, prevê equiparação de preços entre o trigo nacional e o importado.

A mecânica de contabilidade funcionava da seguinte maneira, esclarece o entrevistado: "A Ctrin comprava o trigo nacional pelo preço fixado pelo governo; acrescentava os custos de armazenagem e transporte e tirava a média ponderada com o preço do trigo importado. Daí resultava o preço do produto final para o consumo. Nessa base o trigo era repassado aos moinhos, e a conta-trigo do Banco do Brasil fechava sempre na base do zero a zero. Aliás, por lei, essa praxe continua em vigor".

O PREÇO INTERNACIONAL SUPLANTOU O NACIONAL

No ano de 1972, após uma década de funcionamento da conta na base do "zero-a-zero", isto é, sem prejuízo nem déficit motivado por subsídio, a cotação internacional do trigo suplantou o preço pago internamente pelo produto nacional.

Depois de advertir que no futuro, o preço internacional do trigo pode voltar a ser superior ao nosso, Nilo Fensterseifer retoma o diálogo com a reportagem. Diz que o governo da época, com o pensamento fixo numa inflação de 12 por cento conforme o propagado na publicidade do "milagre econômico", resolveu absorver o prejuízo, bancando a diferença de preço. Foi quando instituiu o subsídio ao trigo importado.

Por aí se vê que o subsídio não foi criado para privilegiar o produtor interno. Foi uma decisão política, que teve em vista "mascarar" a inflação, ou mantê-la sob rígido controle, mas de maneira puramente artificial. Aliás, como era do feito do Delfim Netto.

Parece que a decisão do governo era suspender a medida assim que a economia tomasse ritmo de anti-inflação, tanto que a decisão foi concretizada através de portaria da Sunab. Vejam bem: uma simples portaria de órgão fiscalizador de preços contra todas as leis anteriores que criaram a legislação de compra estatal do trigo.

Mas a inflação não só se manteve, como se acelerou, no passar dos anos. E o subsídio ficou. No entanto, caso o governo deseje retirar o subsídio, não necessita baixar nenhuma nova regulamentação. Basta determinar à Sunab que o preço do trigo estrangeiro passará a ser repassado aos moinhos por sua cotação real.

PRODUTIVIDADE MELHORA

A produtividade da lavoura tritícola brasileira tem melhorado bastante, nos últimos anos. Além disso, novas áreas são adicionadas à triticultura. O Mato Grosso do Sul é um exemplo.

Em 1984 a Ctrin comprou 150 mil toneladas de trigo naquele Estado. No ano seguinte comprou 300 mil, em 1986 comprou 400 mil toneladas. Neste ano, segundo Fensterseifer, a perspectiva é de comprar entre 700 a 800 mil toneladas.

A constatação desse crescimento



A legislação da compra estatal não prevê o subsídio ao trigo



Nilo Fensterseifer

progressivo da lavoura, levou-o a verificar a ausência de infra-estrutura industrial do trigo MS, que dispõe de apenas um moinho. Resulta que a quase totalidade do trigo matogrossense precisa ser levado a São Paulo para moagem, retornando como farinha, com grandes custos de transporte. O técnico acha que não basta retirar o subsídio. É preciso mexer nas duas pontas. Na produção e no consumo, inclusive reexaminando a política industrial do produto, com a volta dos moinhos coloniais.

Sáimos de uma produção média (histórica) de dois milhões de toneladas,

para 4,3 milhões em 1985, com o Paraná registrando produtividade de 2.100 quilos/hectare, igualando-se a produtividade média dos Estados Unidos e Canadá e superior a da Argentina.

O diretor-geral da Ctrin acha que estamos avançando tanto em triticultura que dá para enxergar a auto-suficiência logo adiante. É só o governo continuar prestigiando a lavoura e mantendo a compra estatal do trigo nos moldes da legislação de 1967, que em pouco tempo não vamos mais necessitar de importar o produto, finalizou.

Síndrome do trigo importado

RAUL QUEVEDO

O cidadão brasileiro entra num restaurante - qualquer um, do mais luxuoso, localizado no bairro classe "A", até o mais modesto, instalado numa esquina do mercado público - para o almoço ou o jantar. Antes mesmo de fazer qualquer pedido, o garçom já está em sua mesa, aonde deposita uma bandeja com pães.

Qualquer que venha a ser a refeição, o pão entra no cardápio, até como obrigatoriedade. Em se tratando de alimentação para as camadas mais privilegiadas da população, fato é comum em qualquer parte do Brasil.

Como se vê, somos estimulados a consumir pão. Cartazes coloridos, vitrinas decoradas em confeitarias de luxo, apelos promocionais em televisão e nas revistas de circulação nacional, tudo é programado visando a popularização do consumo de produtos sucedâneos do trigo.

Depois da Itália parece que somos o país onde o consumo de derivados do trigo é mais diversificado e onde a excelência da qualidade alcança os mais altos índices de preferência. Pães de forma, do tipo sanduíche; francês, italiano, suíço. Cacete, bengala, mão-de-noiva, pão-de-ló, sovado, mil-folhas. Nas linhas de massas e biscoitos as ofertas são ainda muito mais variadas, alcançando em todo o país centena de milhares de marcas e espécies diferentes.

Quanto aos preços ao consumidor, não se pode deixar de reconhecer que os mesmos são convidativos, capazes de concorrer até com vantagens sobre os demais produtos tradicionais da dieta nacional, mesmo os mais rústicos e menos nobres.

O pão de trigo e as massas chegam à mesa do brasileiro a preços mais convenientes do que os sucedâneos feitos de milho ou mandioca; o feijão preto, o ar-

roz, os ovos e legumes de qualquer natureza. Em outras palavras: é tão irreal o preço dos produtos à base de trigo em relação aos demais alimentos, que o mesmo tem sido usado à base de ração animal e até para a fabricação de cola para madeiras.

A impressão lógica que fica para o observador, é que o Brasil seja grande produtor do cereal. Mas a realidade é bem outra. Nossa produção, no máximo, tem chegado a 50 por cento das necessidades. E isso que grande parte da população brasileira não tem acesso ao produto. Se todos comessem, como ocorre nos países onde há respeito pelo ser humano, seria necessário o dobro dessa tonelagem.

E por que chegamos a esta situação?

É preciso retornar aos idos de 1972, quando o governo militar, dócil às "mágicas econômicas" do então ministro Delfim Netto, passou a subsidiar o trigo importado para minimizar o impacto inflacionário que se acelerava, independentemente da propaganda massiva que era feita em torno do "milagre econômico". A política de subsídio de um lado e o estímulo à produção de grãos para a exportação, direcionaram a agricultura brasileira para a monocultura, cujos efeitos, altamente danosos à economia nacional, fazem-se sentir até os nossos dias.

Para este ano - se persistir essa sangria do subsídio ao trigo importado - estão previstos gastos da ordem de 30 bilhões de cruzados, o que representa 1,5 bilhão de dólares, ao câmbio oficial de hoje.

Mas é preciso levar em conta que o subsídio direto ao produto estrangeiro, apesar de altamente corrosivo de nossa economia de divisas, é apenas um estágio dessa corrente, verdadeira paranoia sugadora de recursos. O subsídio

motivou o fechamento dos moinhos coloniais, destruindo uma fértil indústria tipicamente municipalista, localizou a indústria moageira nos grandes centros, instituindo o "passeio do trigo", às vezes com idas-e-voltas de até dois mil quilômetros, com altos custos financeiros para a nação.

É elitista, porque preserva um hábito alimentar que a nação não tem condições de manter por seus próprios meios, em detrimento de produtos tradicionais, com reprodução garantida, apesar de mais rústicos.

É entreguista, porque garante mercado a produto alienígena, enquanto produtos nacionais assemelhados - milho e mandioca, por exemplo - não encontram mercado, ou só penetram nele, a preços aviltados, incompatíveis com a realidade de custos de produção, como está acontecendo com o milho neste momento.

É corruptor, no sentido em que favorece com matéria-prima, a preços antecipadamente fixados abaixo de mercado, produto que vai chegar a nível de consumidor completamente liberado. Pois se os pães e massas populares tem os preços controlados pela Sunab, os pães finos, as massas de maior qualidade e produtos de confeitaria, são inteiramente liberados, com os preços oscilando nos padrões de nível de comprador, dentro da lei da oferta e procura. Quem não lembra o escândalo da farinha (operação policial chamada "Branca de Neve"), ainda sem a necessária sentença aos culpados?

É preciso que o governo se conscientize da necessidade de eliminar esse peso dos ombros da nação. Por mais econômico que aparente ser o trigo importado ele será sempre um peso morto ao país, pois entre outras razões objetivas, ele não produz nem estimula economia de escala.

O relatório do Conselho

Ao encerrar mais um exercício social da Cotrijuí e, em cumprimento às disposições estatutárias, temos a honra de retornar à presença desta Assembléia Geral Ordinária para submeter à apreciação de nosso corpo associativo uma síntese das atividades desenvolvidas no período de janeiro a dezembro de 1986.

Nesse ano de 1987 a Cotrijuí completará 30 anos de existência. Há três décadas — 20.07.57 —, um grupo de abnegados agricultores da região de Ijuí, premidos pelas dificuldades enfrentadas pela agricultura de então e buscando uma melhor solução para os seus problemas, uniram-se em torno de "O ideal do cooperativismo" e fundaram a Cooperativa Tritícola Serrana Ltda, a nossa Cotrijuí. Já no primeiro ano recebíamos dos 25 associados da época 4.300 toneladas de trigo e em 1958 registrávamos uma capacidade armazenadora de nove mil toneladas. Os anos que se sucederam também foram muito difíceis. No entanto, hoje, se formos avaliar nosso índice de crescimento apenas nestas duas variáveis, veremos que o salto foi significativo: de 4.300 toneladas de trigo no primeiro ano de atividades para 894 mil toneladas de produtos no trigésimo ano. Isto significa que crescemos 207,9 vezes, mesmo se considerando a quebra das lavouras de verão. De 9 mil toneladas armazenadoras em 1958 para 1.356.300 toneladas atuais, com um incremento de 150,7 vezes. Esses números vêm demonstrar que a semente plantada em 1957, regada a suor e cultivada com muito trabalho, tratada com muita compreensão vem indiscutivelmente germinando, criando raízes e gerando frutos. Estamos, pois, no caminho certo.

O exercício de 1986, a exemplo do que vem ocorrendo nos últimos anos, também se caracterizou como um período totalmente atípico. Mudanças bruscas e surpreendentes a todo o instante eram promovidas pelo governo na economia brasileira e, naturalmente, com reflexos ora positivos, ora negativos, nas atividades da nossa cooperativa.

Para uma empresa que opera no ramo agrícola e que enfrentava um razoável grau de endividamento, 1986 não poderia ter iniciado pior.

Com uma estiagem de mais de noventa dias comprometendo plantio e desenvolvimento da lavoura de verão, o que mais tarde viria a se confirmar, com uma quebra superior a trinta por cento especialmente nas colheitas de soja e de milho, e com uma inflação galopante até então registrando o recorde oficial de 37,76 por cento nos meses de janeiro e fevereiro.

Em fins de fevereiro surgia a primeira medida de impacto na economia promovida pelo governo, que viria amenizar



O trigo representou 36,5 por cento do total da receita do ano

pelo menos um dos aspectos negativos supra citados, com uma trégua sobre os contratos de financiamentos — O Plano Cruzado I — que instituiu no país o novo padrão monetário — O Cruzado —, "Extinuiu?" a correção monetária e congelava preços de mercadorias e produtos pelo prazo de "Um ano?".

Os primeiros resultados da tão corajosa atitude do governo traziam novas esperanças ao setor produtivo. Com a extinção da correção monetária pretendiam as autoridades econômicas induzir a que respeitáveis somas de recursos até então aplicados na especulação financeira, passassem a ser canalizados para a produção de bens, aumentando, principalmente, a produção de alimentos, tornando-os acessíveis a um maior número de consumidores, especialmente os trabalhadores de baixa renda.

Com o congelamento de preços pretendia o governo desaquecer ou até eliminar a inflação galopante que ameaçava atingir índices sem precedentes na história brasileira.

O epílogo do sistema todos já conhecemos. Seus reflexos em nossas atividades, enquanto o plano durou, repetimos, foram os mais variáveis. Nossos custos financeiros que em 1985 consumiram 20,20 por cento das receitas globais, em 1986 atingiram 5,74 por cento. Com a desindexação da economia, nossos créditos vincendos, contratados sem cláusula de correção, foram desvalorizados em mais de cinco milhões de cruzados. De outra parte, para dívidas que mantínhamos nas mesmas circunstâncias, caso específico dos financiamentos contratados ao abrigo da Resolução 761 - BACEN (cotas capital), antecipamos seus pagamentos com uma redução de custos de, aproximadamente, vinte e dois milhões de cruzados. Nas atividades operacionais, também seus reflexos se fizeram sentir, como comentaremos mais adiante.

— ATIVIDADES OPERACIONAIS — TRIGO

Voltou a se constituir no principal produto na pauta de faturamento da cooperativa, com 36,5 por cento do total da receita do ano. Plano Cruzado, estabelecendo juros fixos para financiamentos de custeio, valor básico de custeio que permitia a formação da lavoura em condições técnicas recomendáveis, preço final conveniente, condições climáticas favoráveis e resposta imediata e eficiente do produtor, recebidas e comercializadas 328.853 toneladas, contra 236.895 toneladas no ano anterior, com um incremento de 38,92 por cento, compensando, ao produtor, boa parte dos prejuízos enfrentados com a lavoura de verão.

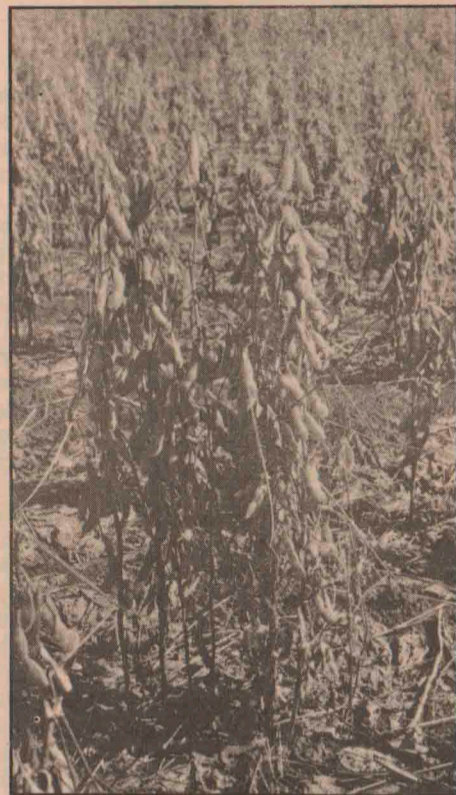
SOJA

Foi uma das piores safras dos últimos tempos. Desde o plantio até a germinação, crescimento e floração enfrentou situações climáticas desfavoráveis, com falta de chuvas em todos os períodos, provocando uma quebra de produção em nossas áreas de influência, em torno de 35 por cento. Foram recebidas e comercializadas no exercício em análise 441.747 toneladas, 29,26 por cento a menos que 1985, quando atingimos o recorde de 624.408 toneladas. Infelizmente não só em seu volume físico registrou performance negativa. O mercado externo trabalhou em baixa durante todo o ano. Este aspecto, mais a taxa cambial congelada sequer possibilitavam remuneração do preço mínimo estabelecido pelo governo. O mercado interno, igualmente com os preços de farelo e óleo congelados às cotações de fevereiro/86, raramente possibilitou uma remuneração acima do preço mínimo. Com isto, o faturamento com soja caiu, no período, pra 31,0 por cento da receita total da cooperativa, abaixo do trigo.

LOJAS E MERCADOS

Uma boa venda pressupõe que tenha havido uma boa compra. Para melhor comprar necessitamos, prioritariamente, conhecer os produtos com que trabalhamos e sua rotatividade de estoques. De algum tempo nosso setor de compras vem se modernizando neste sentido, com o aproveitamento conveniente dos recursos da informática. No exercício, nossa subsidiária — COTRIDATA Processamentos de Dados Ltda. —, visando dar suporte ao sistema de gerenciamento de compras, instalou equipamentos em nossa Central da sede, com sistema interligado a nosso computador central que vem proporcionando um controle mais dinâmico em nossas compras e movimentação de estoques. Gradativamente pretende-se implantar este sistema de gerenciamento nas principais lojas de nossa Cotrijuí e eis que, este serviço vem apresentando excelentes resultados.

O setor representou em 1986 o quarto maior faturamento da cooperativa, com venda bruta de quatrocentos e sessenta e cinco milhões de cruzados, 14,1 por cento de nossa receita total. Seu resultado líquido foi menos expressiva face ao impacto negativo do Plano Cruzado. Pelo tipo de cliente com que operamos, nosso próprio associado, não exercíamos com a necessária freqüência o hábito das remarcações de preços, tão comuns em sociedades de capital antes do Plano Cruzado. Com isto, após o decreto 2.284, e especialmente nos setores de peças e insumos, fomos compelidos a vender



Soja: uma das piores safras

nossos estoques a preços inferiores aos novos custos de reposição. Além disso, como é do conhecimento de nossos associados, a retração das fontes fornecedoras (industriais) até o momento ainda é responsável pela escassez de apreciável número de itens de mercadorias em nossas lojas, cuja situação esperamos se normalize no menor lapso de tempo.

ARROZ

A grande safra de arroz ocorrida em 1986 proporcionou à Cooperativa um recebimento recorde do produto, atingindo 78.721 toneladas, 35,04 por cento superior a 1985, quando havíamos recebido 58.293 toneladas. No movimento global representou 5,9 por cento. No entanto, tão expressivos como seu volume físico foram os problemas para sua colocação no mercado.

Muitos fatores contribuíram no ano de 1986 para que a comercialização do arroz atravessasse momentos de extrema dificuldade.

Num primeiro momento ocorreu o tabelamento a nível de consumidor a preço abaixo do mínimo estabelecido para o produtor. Como consequência direta deste tabelamento, a maioria das marcas de arroz foi colocada num único plano, destacando-se nas vendas aquelas mais tradicionais que proporcionam ao vendedor final uma maior segurança nas aquisições, pelo conseqüente, maior giro.

Ainda como consequência do congelamento dos preços, as vendas restringiram-se basicamente ao giro da mercadoria, acabando o hábito e a necessidade do varejista na realização de estoques.

Outro problema enfrentado pelo arroz em 1986 foi a importação exagerada do produto, em torno de 1.500.000 toneladas que deveriam chegar ao país até fins de setembro e que, face a greve do Porto de Santos, este prazo foi prorrogado até novembro. Além do excesso do volume importado, outro fator negativo foi seu preço, bem abaixo do produto nacional, e entrando no mercado quando, ainda, 50 por cento de nossa produção arrozeira permanecia estocada, pendente de comercialização. Infelizmente, para o período de 1987 ainda sofreremos as conseqüências dos desacertos ocorridos em 1986.

BOVINOS E OVINOS

Outro setor, a exemplo do arroz, que sofreu grande impacto negativo com o tabelamento/congelamento. O aumento do poder aquisitivo do consumidor, especialmente nos primeiros meses do Plano Cruzado, provocou um incremento no consumo da carne bovina estimado em 35 por cento, saltando o consumo per-capita de, em torno de quatorze quilos para, ao redor de dezoito a vinte quilos/ano. O aumento da demanda, a deterioração do Plano Cruzado e a não formação do estoque regulador de entre-safra como habitualmente fazia o governo, tumultuou o mercado, com evasão do boi vivo para outras unidades da Federação, e com denúncias de práticas do ágio. Premidas por esta série de dificuldades a cooperativa optou pela redução de seus abates e, enquanto o governo permitiu, realizou, através de nossa coligada - COTRIEXPORT CIA DE COMERCIO INTERNACIONAL - importações do produto para atendimento a clientes tradicionais.

No período foram abatidas 17.766 cabeças de bovinos e 6.673 cabeças de ovinos, totalizando 24.439 cabeças, contra 31.426 cabeças em 1985, com uma redução, portanto, de 22,24 por cento. A participação do setor no movimento global foi de 2,7 por cento.

LEITE

Produto de significativa participação no processo de diversificação de atividades de nosso produtor associado vem merecendo atenção especial não só da cooperativa, mas também de nossa Central, a CCGL. Programa de melhoria da alimentação do rebanho leiteiro vem sendo incrementado com a participação da CCGL, liberando recursos a custo zero já vem apresentando os primeiros frutos. No período foram recebidos 24.092.731 litros, com um acréscimo de 16,85 por cento em relação ao ano anterior, quando recebemos 20.617.073 litros. O faturamento atingiu 1,5 por cento global.

TERMINAL RIO GRANDE

Com a frustração da safra de soja, principal produto a movimentar no Terminal (grãos, farelo e óleo), para reduzir o alto índice de ociosidade do complexo, buscou-se, incessantemente, outras alternativas de trabalho que possibilitassem, em última hipótese, manter os custos fixos da Unidade. Esse equilíbrio foi alcançado, com a movimentação de 738.025 toneladas de produtos, sendo, respectivamente, 52,29 por cento com trigo, 36,37 por cento com soja 4,91 por cento com milho importado e o restante com óleo e farelo de soja. Em 1985 havíamos movimentado 1.303.953 toneladas de produtos, com uma redução, portanto, em 1986, de 43,41 por cento. Mesmo assim o faturamento do Terminal atingiu 1,8 por cento do total.

INDÚSTRIAS DE RAÇÕES E DE ÓLEOS

O plano cooperado de suínos trouxe significativo incremento em nossa produção de rações e concentrados no exercício de 1986. Foram 7.103 toneladas, contra 2.547 toneladas no exercício anterior, com o espetacular incremento de 278,87 por cento. Para o segundo semestre de 1987 prevemos a entrada em funcionamento da nova indústria, transferida de Júlio de Castilhos e a transferência da atual para nossa Regional de Mato Grosso do Sul - Unidade de Dourados.

Já a indústria de óleos, face a frustração da safra de soja manteve-se em funcionamento apenas para atendimento, com farelo, à nossa indústria de rações e a alguns clientes preferenciais co-irmãs) e com óleo para nossas lojas. Pretendemos, se confirmadas as atuais perspectivas para a lavoura de soja/87, incrementar o empagamento para o novo período.

LÃ

Recebimento recorde em 1986, com 1.397 toneladas, contra 1.086 toneladas em 1985. Incremento de 28,63 por

cento, com participação em 1,0 por cento do faturamento total.

SUÍNOS

O projeto cooperado, instituído no final do exercício anterior está próximo a atingir sua meta máxima (4.000 cabeças/mês). No período foram recebidos e comercializados com a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes 20.933 cabeças, enquanto que, no ano anterior o movimento foi de 11.095 cabeças. Crescimento de 88,67 por cento e participação de 0,6 por cento de nosso faturamento total.

MILHO

Também sofreu as conseqüências do mau clima do período, registrando a maior queda de safra de todos os tempos. Recebemos 20.970 toneladas do produto, contra 24.569 toneladas no ano anterior, com redução de 14,65 por cento, baixa em relação a quebra geral face ao bom recebimento de nossa Regional MS, onde a frustração foi menor. Representou 0,9 por cento do faturamento total.

SORGO

Boa performance, apesar das condições desfavoráveis do clima. Excelente recebimento em relação ao período anterior 16.089 toneladas, contra 4.419 toneladas em 1985, com um acréscimo de 264,09 por cento, representando 0,6 por cento do faturamento.

HORTIGRANJEIROS

Vem crescendo, a cada exercício, a produção de hortigranjeiros, especialmente em nossa Regional Pioneira. Já representa 0,9 por cento do faturamento da Cooperativa.

RESULTADO DO EXERCÍCIO

A busca do equilíbrio econômico e financeiro de nossa cooperativa e empresas coligadas tem sido uma das principais preocupações do Conselho de Administração. Na instabilidade econômica em que vivemos, a excessiva dependência de capital de terceiros representa sério risco para a subsistência de qualquer empresa. A busca de financiamentos deve se constituir na "última" opção, e jamais na "única opção". Mesmo em organizações carentes de capital de giro, o reforço do capital próprio pode ser alcançado não só pela captação direta, via capitalização pelo associado, mas, também, através de "atitudes" administrativas. Nem sempre lucra mais quem vende mais, e sim aquele que produz mais, gastando menos. Redimensionamento do quadro funcional, procurando aumentar-lhe a eficiência, de-

finindo-lhes metas e responsabilidades, melhoria das condições de recebimento e controle de qualidade da produção recebida, racionalização dos estoques, concentrando as atividades nos produtos estritamente necessários e de maior rotatividade e, enfim a conscientização e a auto-conscientização do corpo diretivo, funcional e associados de que todos são importantes e responsáveis no processo de recuperação e solidificação de nossa cooperativa, tem sido o incessante trabalho de nosso Conselho de Administração.

No exercício em debate, embora ou até por conseqüência de tudo o que relatamos neste documento, podemos considerar que o resultado obtido foi satisfatório. Como já se tornou habitual em nossa cooperativa, contamos com a participação maciça de nossos associados que, mesmo com a quebra das safras de verão, comercializaram através da entidade 893.000 toneladas de cereais, vinte e quatro milhões de litros de leite, 20.933 cabeças de suínos, 17.766 bovinos, além de outros animais e produtos. Mantivemos permanentemente no mercado, desempenhando o papel de "reguladores" de preços, minimizando as dificuldades financeiras que enfrentam a maioria de nossos associados e, dentro das condições que a conjuntura financeira nos permitiu, em nenhum momento deixamos-lhes faltar os recursos de suas produções comercializadas. Da mesma forma, os compromissos financeiros com credores terceiros foram cumpridos em seus respectivos vencimentos, inclusive as parcelas vencidas no período de nossas dívidas renegociadas.

Ressalte-se, ainda, que embora a cooperativa costume escriturar em regime de competência como encargos do exercício todos os juros e correções sobre os financiamentos contratados, mesmo das parcelas vencíveis em exercícios futuros, ainda atingimos um resultado positivo à disposição desta Assembléia e que, após as deduções para os fundos estatutários e legais atinge importância próxima aos dez milhões de cruzados.

COMUNICAÇÃO E RECURSOS HUMANOS

Intenso trabalho, coordenado pelo setor de Comunicação e Recursos Humanos foi desenvolvido junto ao corpo funcional e associativo durante o período, em todas as nossas Regionais, visando levar aos participantes instruções e conhecimentos sobre assuntos de interesse geral, desde análises de nosso balanço, comercialização, política de preços mínimos, diversificação de culturas, cooperativas cen-

trais, Unimed, situação econômica e financeira da Cotrijuí, cooperativismo, organização dos produtores e a crise das cooperativas, capitalização, participação da mulher na cooperativa e muitos outros, concluindo-se com reuniões elucidativas sobre a Estrutura do Poder. Ao todo, e tendo como platéia Representantes Eleitos, lideranças rurais, Conselhos de Produtores, Comissão de Saúde, novos associados, associados e familiares, estudantes e funcionários, foram realizadas 691 reuniões, com 17.629 participantes.

CAPITALIZAÇÃO

No exercício de 1986, a capitalização direta dos associados atingiu a soma aproximada de quarenta e seis milhões de cruzados que, somados ao saldo do ano anterior mais a correção monetária atinge um montante de duzentos e treze milhões de cruzados.

Isto representa dez por cento do valor de nosso ativo permanente, hoje superior a dois bilhões de cruzados. A diferença corresponde, parte de Fundo de Correção Monetária e outra parte coberta por financiamento.

Para o exercício de 1987, por decisão do Conselho de Representantes, após consulta ao corpo social em trabalho desenvolvido durante noventa dias, as taxas de retenção foram unificadas para todos os produtos em nossas três Unidades Regionais a dois por cento, exceto para o leite que permaneceu em 1,5 por cento.

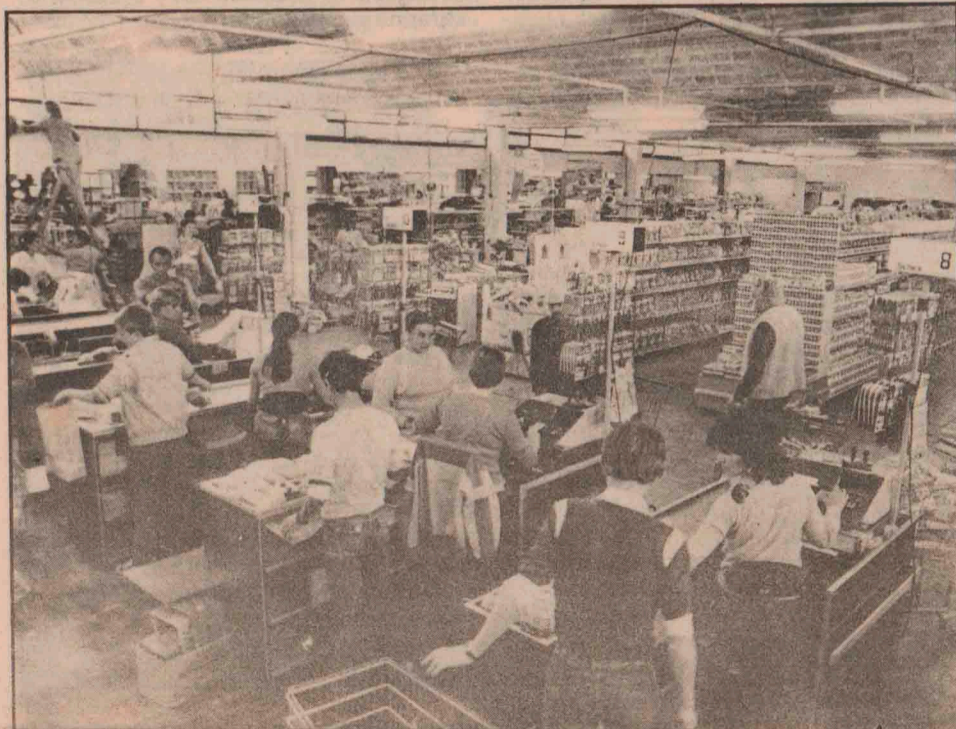
CONCLUSÃO

Em síntese, esperamos haver relatado os fatos de maior relevância que, no entender deste Conselho, aconteceram no exercício de 1986 e que tiveram influência na economia de nossa Cooperativa.

Apenas um registro especial reservamos para a conclusão deste relatório. Em processo democrático e pioneiro instituído pela Cotrijuí, tivemos em 1986 a segunda eleição oficial do Conselho de Representantes. Numa prática que a cada ano se aperfeiçoa e se consolida foram eleitos 154 Representantes, com renovação de 70 por cento do quadro.

Este Conselho de Administração, em nome de todo o corpo associativo manifesta aos novos delegados seu desejo e convida de que juntos possamos continuar emprestando indispensável, ampla e irrestrita colaboração para consolidarmos a cada momento de nossa existência o ideal da cooperação e o fortalecimento da estrutura da Cotrijuí.

O Conselho de Administração.



O setor de lojas e mercados apresentou o quarto maior faturamento bruto da Cooperativa



COTRIEXPORT - CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

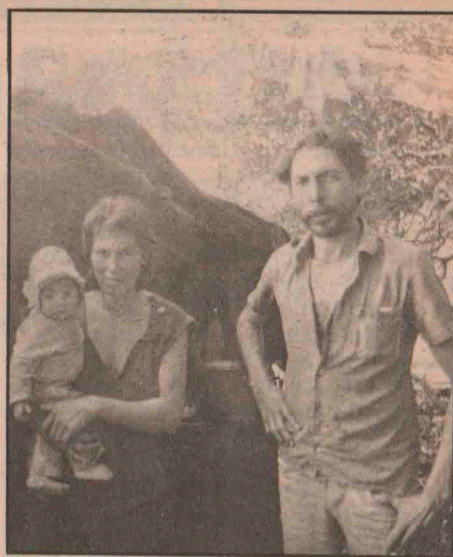
● Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.

● Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

EM IJUÍ - Rua das Chácaras, 1513 -
Fone 332-2400 - ramal 364
EM PORTO ALEGRE - Av. Júlio de
Castilhos, 342 - 5º andar -
Fone 33-50-32



Não parece a Annoni?



João Natal Borges e a família

Um duro começo

Nos mesmos barracões de lona plástica que trouxeram da Fazenda Annoni, as famílias que foram assentadas em Tupanciretã não querem esperar muito tempo para mudar este panorama. O assentamento, realizado logo após o primeiro oficial do Incra no Estado, o da Fazenda São Pedro em Guaíba, resolve um pouco e momentaneamente o caso da Annoni, mas não tira o marasmo do Plano Nacional.

Com os poucos pertences que já possuíam na Fazenda Annoni, as 30 famílias de colonos que chegaram na Fazenda Bela Vista no dia 14 de março, estão esperando as condições de preparo da terra. Estes colonos, que vão ficar conhecidos como o segundo assentamento oficial feito pelo Incra, no Estado, mostram-se um pouco apreensivos com a demora da implantação de infra-estrutura que lhes dê condições de sobrevivência num local que não pode ser considerado como o dos melhores. "Hoje ainda estamos acampados e não reassentados", diz Juarez Vanzig, um colono que antes de tomar parte no acampamento da Annoni, trabalhava às meias em Nonoi. Enquanto Juarez analisa a situação, ele faz questão de mostrar os mesmos barracos que possuíam na Annoni e que hoje estão distribuídos ao longo de uma área de mato na Fazenda.

Localizada a 65 quilômetros da cidade de Tupanciretã, a Fazenda Bela Vista abrange uma extensão de 973 hectares de terra acidentada onde se encontra uma grande quantidade de pedras e boa parte de mato. Para chegar até lá os colonos enfrentaram uma viagem de 350 quilômetros com a perspectiva de que, tão logo estivessem na terra começassem a trabalhar. Esta certeza eles não perderam, mas algumas promessas ainda são cobradas, pois a proposta do Incra, de somente iniciarem o plantio daqui a seis meses, não agrada aos trabalhadores. Até agora, o Incra concedeu a cada uma das famílias, Cz\$ seis mil como ajuda de moradia e transporte, sendo estipulado também, mensalmente Cz\$ 804,00 para sua manutenção. Os valores, no entanto, são considerados insuficientes pelos colonos. Para quem esperava encontrar alguma coisa encaminhada e além disso teve problemas com o transporte, como a queima de alguns colchões, "o dinheiro não dá", afinal todas as famílias são grandes — em torno de nove pessoas. Por isso os colonos

estão pedindo ao Incra o valor do salário mínimo atual, pelo menos, ainda que irrisório para a sua manutenção.

A inquietação com a demora da construção de escolas e de um serviço de atendimento médico é sentido por todos. Para o seu João Natal Borges, pai de sete filhos e oriundo de Liberato Salzano, "as coisas aqui já deveriam estar um pouco organizadas".

A falta de organização de que falam os colonos pode ser caracterizada pela ausência da escola no local ou nas redondezas. Para resolver o problema da distância, o Incra, em convênio com a Secretaria de Educação de Tupanciretã, prometeu um veículo aos colonos. Mas a questão parece que não foi resolvida, porque, segundo os colonos, a Secretaria quer, agora, cobrar Cz\$ 18,00 de passagem por dia, para cada criança. "Se o Incra repassar essa quantia, nós nos comprometemos a pagar", enfatizam os trabalhadores, enquanto esperam que se concretize a possi-

bilidade de construção de um colégio em junho.

Também os serviços de saúde estão sendo um problema para os colonos. Eles se queixam de que, mesmo com a presença de três funcionários do Incra na Fazenda, para efetuarem o transporte das pessoas em caso de doença, o serviço é precário. Até agora ninguém morreu, brincam os colonos, mas geralmente ocorrem problemas com crianças e mulheres. Como o único médico mais próximo fica em Jari, um povoado localizado a 19 quilômetros da Fazenda, seria preciso ter um veículo permanente, dia e noite. Além disso, os atendimentos médicos são particulares e, portanto, qualquer consulta necessária está sendo desembolsada pelos colonos. Ironizando a situação, os colonos ainda acampados dizem que, "quando alguém fica mal de noite é melhor se atirar no perau".

PLANOS

Por enquanto ninguém se atirou no perau e nem é intenção. O que os colonos



Colonos não querem esperar seis meses

querem, na verdade, é botar a mão no trabalho e realizar os seus planos, depois de receberem os seus lotes. Quanto a maneira de divisão da terra, a definição deve acontecer logo, pois os trabalhadores já estão nas discussões finais e ao que tudo indica eles pretendem trabalhar a terra individualmente, mas adotando o sistema de mutirão. Apesar de aprovar a lavoura comunitária, eles pensam que já passaram por este tipo de trabalho na Annoni e que, portanto, é hora de terem o seu pedaço de chão. O que não está nos planos dos colonos são "os seis meses parados, só preparando o solo para a safra de verão". Alegando a necessidade de infraestrutura para abrir os capoeirões de mato", os trabalhadores afirmam que é preciso boi e arado até para fazer uma horta", só com enxada não dá".

Bastante atentos na situação e ao momento que estão vivendo, os colonos da Bela Vista já discutem até a forma de comercialização dos seus excedentes, embora admitindo que seja muito cedo para isso, dada a circunstância em que encontram. Medindo suas palavras, os trabalhadores não deixam de alertar que o "povo vai cobrar o seu pedaço de terra para trabalhar" e que após resolverem a forma de pressão eles levarão suas reivindicações ao Incra. Se falta dinheiro ou funcionário para colocar em prática os assentamentos, para os colonos o que falta mesmo é vontade, como afirma Alceri Roque Barbosa, associado da Cotrijuí há dez anos. Pai de cinco filhos e oriundo de Barro da Graxa em Miraguaí, Alceri salienta que "se tivéssemos vontade as coisas vinham mais cedo". A análise dos colonos, sem deixar de ser realista, não esmorece a sua perspectiva quanto à reforma agrária. Eles concordam que as coisas estão acontecendo, embora responsabilizando a participação popular pelas vitórias. "Sem a participação do povo os órgãos não conseguiriam nada".

O MOMENTO

Como seus filhos vão estudar, como eles poderão antecipar o preparo da terra ou mesmo dando início aos seus ranchos, os colonos não deixam, contudo, de acompanhar o desenrolar da reforma agrária e a luta das outras famílias que ainda estão à espera de um pedaço de terra. "Vamos ficar torcendo pelos companheiros para que não acreditem em promessas de seis meses de acampamento", destacam os trabalhadores. Quanto a mudança da superintendência do Incra, que passou de Rejane Fillipi para Celso Geiger, os colonos não escapam de tecer escassos elogios, acompanhados de desconfiança inerente às suas experiências. "O Celso Geiger até nos representa um colono, mas não dá para dizer que ele vai cumprir as promessas, ainda é cedo. Quanto a Rejane, foi bom, mas não se sabe por que trocam os superintendentes a cada momento e ninguém concretiza um trabalho. Esperamos que o Celso faça alguma coisa".

O projeto do Jari

Assentados se preparam agora para formar uma cooperativa popular

"A Reforma Agrária dá muito certo. Hoje a nossa experiência apresenta esta certeza". Palavras do seu Josias Franco, colono de 52 anos e natural de Palmeira das Missões que participou desde o início do Movimento dos Sem Terra em 82, quando os trabalhadores, organizados, primeiramente em Três Passos passaram a reivindicar um pedaço de terra, com uma proposta de reforma agrária. Junto com os filhos e Dona Sueli, Josias integrou um grupo de aproximadamente 100 famílias também da região, que viriam a ser assentados somente no final de 85. Divididos em dois grupos, 22 famílias foram assentadas em 202 hectares do município de Erval Seco, enquanto outras 58 foram para a localidade de Jari, em Tupanciretã. É nesse local, hoje chamado de Comunidade Nossa Senhora Aparecida, que vivem os pioneiros da reforma agrária no sul, provando a todo momento a necessidade da sua luta, como eles próprios afirmam.

Embora localizado na cidade de Tupanciretã a uma boa distância de 46 quilômetros, não é muito difícil de se identificar a Comunidade. Em meio a terras de latifúndio, os 570 hectares da gleba que foi destinada aos colonos, logo são percebidas, pois em cada um dos lotes de aproximadamente 10 hectares, é plantado de tudo, do arroz, amendoim, eucaliptos até ervas medicinais. A necessidade de auto-suficiência que já caracteriza o pequeno produtor é mais saliente ainda ao colono sem terra, que mesmo depois de assentado, espera pelo menos duas safras para ver os resultados. Não foi diferente com os colonos de Tupanciretã. Eles chegaram no Jari em 24 de maio de 85, esperaram os escassos recursos por um bom tempo e participaram igualmente da frustração agrícola causada pela seca na safra de verão de 86. Agora, na sua segunda safra, apesar de algumas quebras, a lavoura trará bons resultados.

OS RESULTADOS

Quem faz questão de mostrar toda a lavoura é o seu Josias, que sem deixar de escapar nada, mostra até as plantas medicinais, explica a sua utilização, muitas das quais ele já conhecia, e outras que ele descobre através de manuais. Mas a sua atenção vai mesmo para o milho, o arroz e a mandioca. A lavoura está bem, embora tenha sofrido com a seca, o que trará uma quebra principalmente com o milho e o arroz. Ao lado de cada consideração entusiasmada com as diversas culturas, seu Josias não deixa de lado um comentário sobre as dificuldades para conseguir isso. "Bem que podíamos ter uma terra melhor, pois eu só fui trabalhar com adubo aqui", diz ele, ao mesmo tempo que ressalta as experiências com o feijão mucuna ou "feijão de porco" que é utilizado como adubo.

Com muita lucidez a respeito do que lhe acontece, seu Josias procura uma resposta para as suas dificuldades. Se a terra que receberam do Governo do Estado através do Funterra não é muito boa, para isso existe uma razão. "Isto é uma tática que eles usam para provar que não queremos nada com a terra ou que não sabemos trabalhar com ela", afirma. Como os problemas não são poucos, os colonos

no Jari procuram fazer de tudo um pouco. Para a falta da lenha, já estão plantados uma boa quantidade de eucalipto em relação ao tamanho da área. No entanto, a falta de recursos ou até mesmo a pressão dos "vizinhos" — no início eram encarados como "agitadores que estivessem ali para promover invasões" — não impediram que o grupo de colonos comessem a provar o que diziam. Seu Josias tem certeza disso. Ele que já foi até guarda-noturno quando teve que abandonar a terra, diz que "cabrito é feito pro mato" e, portanto, nos 9,2 hectares que lhe coube por ocasião da distribuição, conseguiu, assim como os demais colonos a sustentar a família, a realizar alguns projetos enquanto se encaminham para outros.

ORGANIZAÇÃO

Um caminhão, uma trilhadeira, um trator e algumas plantadeiras de tração animal ainda são um sonho para milhares de colonos sem terra. No Jari eles contam com esses equipamentos e já se preparam para a aquisição de outros. Mas ressaltando sempre que nada foi conseguido de graça, os colonos que começaram a construir a comunidade com recursos provenientes do BNDE, a serem restituídos a médio prazo, sabem que o "objetivo do movimento não é só a terra, porque depois é preciso continuar lutando pelos nossos direitos, criando uma sociedade nova". Esta determinação que está presente nas duas associações de famílias, Aliança e Integração, e naquelas em formação, é que dão forma ao trabalho no Jari. Trabalhando a terra coletivamente nas associações ou individualmente, todos utilizam os equipamentos, assim como desfrutarão de um moinho de pedra adquirido recentemente, com capacidade de 20 sacos por dia. Da mesma forma o silo, que ainda está na dependência das negociações com o novo governador, será de uso comum.

"Já está sobrando um dinheiro e vamos aplicar em investimentos", diz seu Josias e Pedro Arno Pinheiro, colono de Três Passos e pai de quatro filhos. Contando com a assistência técnica da Emater e de um grupo de alunos da Uni-



Josias e Sueli: pioneiros na reforma agrária

versidade Federal de Santa Maria, os colonos partem agora para um projeto de maior importância para os seus objetivos, a formação de uma cooperativa popular. De posse de um terreno que foi comprado com recursos do Banco da Esperança, eles pretendem instalar a sede na Vila Caramelo, em Santa Maria, onde os produtos oriundos da Comunidade passem diretamente à mão do consumidor. No ano passado, já tinham feito a experiência, quando venderam todo o seu excedente de feijão às vilas de Canoas, na Grande Porto Alegre. Para os colonos esta cooperativa, que poderá não vir a ser chamada assim, tem um significado especial. "Quanto mais foice, mais roçado", diz Pinheiro ao analisar os esforços conjuntos do campo e da cidade. Com o apoio de todos a cooperativa deverá funcionar ainda este ano.

SOLIDARIEDADE

Assentados ou não pelo Estado é a mesma coisa, afirmam os colonos, lembrando que tanto eles como os colonos que foram assentados na Bela Vista também não tem dinheiro. Por isso, além do apoio político, os colonos do Jari também prestam uma ajuda material, através do uso das máquinas agrícolas. Além disso, no Jari já existe uma comissão para tratar da dívida da terra junto ao Governo Federal, de forma que eles pela Reforma Agrária não sejam obrigados a pagar pela gleba. "Ainda não foi pago nada, mas já estamos negociando pela Reforma Agrária", fala seu Josias.

Satisfeitos com o assentamento na Bela Vista, mesmo com a demora no acampamento da Annoni, eles sentem-se bastante firmes com o movimento. Com um encontro nacional previsto para este



Colonos já têm máquinas próprias



Pedro Arno Pinheiro
mês, eles consideram o momento atual da reforma agrária como um campo onde jogam dois times, o daqueles que não querem transformações, "o time dos que tem dinheiro" e "nós que somos a maioria, e embora pequenos, contamos com muita organização".

RIGO

Sabe o que é plantar e ficar tranquilo?

É plantar semente tratada com Vitavax-Thiram PM. Vitavax-Thiram PM é um fungicida com ação sistêmica e de contato. E proteção da semente que cresce com a planta.

Quem usa Vitavax-Thiram PM fica tranquilo. Fique tranquilo você também. Consulte seu agrônomo sobre Vitavax-Thiram PM. Um produto

VITAVAX
THIRAM PM **UNIROYAL**

Reforço para o peixe

O cooperado de peixes e a atividade de piscicultura foram os assuntos do "dia de campo" realizado em 12 de fevereiro e que reuniu mais de quarenta produtores no auditório da Cotrijuí, Unidade de Ijuí



Os produtores visitaram a propriedade do seu Persio Zimmermann

Estimulada há oito anos pela Cotrijuí, a piscicultura sempre foi uma alternativa para a mesa do produtor. No entanto, aos poucos, a atividade passou a ser vista como uma fonte de recursos, principalmente pela procura em determinadas épocas do ano. Foi então, que surgiu o programa cooperado de peixes, para proporcionar, a médio prazo, uma garantia de mercado e, ao mesmo tempo, buscar uma produção com baixos custos ao produtor.

Com menos de um ano de execução, o projeto cooperado de peixes já começa a receber alguns estímulos técnicos através do recebimento, pela Estação de Alevinos do CTC, de mais quatro espécies de carpas que estão sendo entregues aos produtores associados. Instalado em julho do ano passado, o projeto cooperado de peixes tem o mesmo objetivo dos demais: incrementar a produção de maneira racional na Região Pioneira para que, contando com uma produção regular, o mercado de peixe possa ser ampliado.

METAS

Para se alcançar bons resultados a Cooperativa, através do seu Departamento Agrotécnico tem buscado melhorar a forma de produção. A qualidade da carne das carpas, especialmente, ainda

precisa ser melhor avaliada. É um peixe que quando alimentado adequadamente, apresenta uma carne de sabor apreciável. O objetivo da Cotrijuí é o de chegar ao final do ano com uma produção ao redor de 60 toneladas de peixes produzidos através do projeto cooperado. Esta que é uma das metas da Cotrijuí, está sendo reforçada hoje pela distribuição de novas espécies mais produtivas, como é o caso da carpa capim, que chega atingir até cinco quilos em um ano. Sem nenhuma sofisticação, o cooperado de peixes tem simplesmente o objetivo de aumentar os rendimentos da propriedade, explica Antonini, enfatizando que o produtor precisa e pode baratear o máximo o custo de produção do peixe, uma vez que consorciado com suínos ou aves ele aproveita as sobras destes ou ainda, porque ele se alimenta de rações caseiras, preparadas pelo próprio produtor. Além disso, o peixe é dos animais que melhor potencial de conversão vem apresentando. Mas mesmo que se apresente como o mais barato entre todos os cooperados, o peixe necessita de algumas sugestões na sua comercialização, e é nesse ponto, aliado diretamente a uma produção orientada que a Cooperativa detém a atenção. Como propósito está a "oferta de peixe ba-

rato para quem quer carne barata", afirma Antonini.

COMERCIALIZAÇÃO

Pelo menos em questão de custos o peixe já aprovou, pois um levantamento feito na região demonstrou que o consorciado com o suíno tem um custo de apenas Cz\$ 2,50 o quilo. No entanto, como diz Antonini, é preciso agora vencer algumas barreiras da comercialização, transformando o peixe em carne popular. Para o responsável pela piscicultura do CTC isso deve acontecer na medida em que o peixe cooperado tenha um preço menor que os seus concorrentes. Fato que não é difícil de acontecer, uma vez que o peixe produzido em açude possui o custo de produção bem menor que os de rios ou mar. Altamir ainda destaca que o peixe deve ocupar o seu espaço no mercado tão logo sejam realizados os projetos de agroindustrialização, do qual faz parte a instalação de um frigorífico". Com uma estrutura de beneficiamento montada, o peixe poderá chegar ao consumidor em forma de embutidos, em pasta e defumado ou conservas, observa Altamir, para quem a Cotrijuí está avançando ao buscar matrizes mais produtivas e necessitando, apenas, de alguns ajustes de comercialização, sem esquecer o principal objetivo da piscicultura na Regional Pioneira, que é produzir da forma mais baixa possível com o empenho máximo de qualidade.

NOVAS ESPÉCIES

Entre as variedades novas adquiridas pela Estação de alevinos está a carpa capim, que possui uma carne de excelente qualidade. Integrando a produção de peixes no sistema de policultivo, a carpa capim alimenta-se apenas de vegetais, tendo-se a vantagem de tratá-la apenas com gramíneas. Melhor do que a alimentação barata é o aproveitamento que ela proporciona, através da ajuda mútua do policultivo, uma vez que os seus excrementos aumentam a produção de outras variedades

como a carpa prateada e a cabeça grande. Originária da China, a prateada alimenta-se de algas que se desenvolvem na água. Já a carpa cabeça grande alimenta-se de pequenos crustáceos, (zooplacton) enquanto a espelho é onívora, ou seja, come de tudo. São estas vantagens da piscicultura e especificamente das espécies criadas em policultivo que tem entusiasmado os produtores, como Aedio Antonio Weber, da localidade de São Jacó, em Santo Augusto. Contando com um açude em sua propriedade, Aedio acha que vai ter peixe com mais de um quilo este ano. Outro produtor, Vidolino Bagetti, da Linha 11 Norte, Ijuí, começou o cooperado em novembro com a carpa espelho. Bagetti, proprietário de três açudes, diz que o peixe é uma opção a mais na propriedade e que, portanto, ela pode ser rentável.

A carpa é assim, a espécie promissora que vai puxar a produção, afirma Altamir Antonini, informando que ainda este ano o CTC vai receber alevinos de Pacu, um peixe oriundo do rio Paraná e do Mato Grosso do Sul e que por suas características, trará uma maior qualidade da carne.

Treinamento

Cotrijuí participa de curso da Codevasf.

Capacitar técnicos da piscicultura brasileira, através da utilização de uma nova tecnologia de propagação artificial de peixes, visando o desenvolvimento da atividade no país. Este foi o principal objetivo do curso de Reprodução Artificial de Peixes, promovido pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, realizado no mês de fevereiro, na cidade de Petrolina, em Pernambuco. Ministrado pelo cientista em piscicultura Elek Woianarowich, chefe da equipe húngara que presta assessoria técnica a Codevasf, o curso contou com a participação de Altamir Antonini, responsável pela Estação de Alevinos do CTC. A Cotrijuí foi a única instituição gaúcha presente ao encontro.

Segundo o Altamir, o curso desenvolveu aspectos e detalhes técnicos, teóricos e práticos sobre a seleção de reprodutores; desenvolvimento e evolução dos produtos sexuais; épocas de amadurecimento e ovulação das reprodutoras de diversas espécies; função hormonal, dosagem, fertilização e tratamento de ovos e incubação; cuidados e alimentação com as larvas, pós-larvas e alevinos; captura e entrega de alevinos.

Antonini destaca que o convite feito à Cotrijuí é o reconhecimento ao trabalho desenvolvido e a importância da criação de peixes como parte de um sistema de produção nas propriedades. Com o treinamento recebido e algumas melhorias na infra-estrutura da estação de Alevinos, o Altamir diz que a Cooperativa deverá incrementar a qualidade e a quantidade de alevinos disponíveis para a região. Também informa que a Regional Pioneira colocará à disposição de Dom Pedrito e Mato Grosso quantidades de larvas, pós-larvas e alevinos de espécies promissoras para o cultivo em açudes de associados daquelas regiões.

Recursos para o CTC

O programa de produção de alevinos mantido no CTG pela Cotrijuí e que atende toda a Regional Pioneira é de indiscutível importância para a região. Esta é a opinião de Oseas de Mello, pesquisador e biólogo da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca - Projeto de Desenvolvimento e Pesquisa, Sudepe, que esteve no Centro de Treinamento, junto com Gilberto Gerhaedt, engenheiro da Coordenadoria Regional da Sudepe, fazendo uma vistoria no projeto de piscicultura da Cotrijuí. A visita da Sudepe deve-se ao fato de que a Cotrijuí está enviando um projeto de ampliação e melhoramentos da Estação de Reprodutores de Alevinos para atender de forma eficaz as suas metas.

MELHORAMENTOS

Com 32 tanques e um açude reservatório, a Estação necessita hoje de recursos para o melhoramento das barragens e a construção de outros tanques de concreto, além da instalação de um laboratório artificial, munido de equipamentos para a reprodução, fertilização dos óvulos e incubação, tratamento de ovos, entre outros. Também está necessitando de um veículo para fazer o transporte dos alevinos até as propriedades e dos peixes terminados para os mercados. Tudo isso

para que as metas de produção sejam alcançadas, ou seja, a produção de um milhão de alevinos neste ano. Até agora, segundo o Rivaldo Dhein, agrônomo e gerente do CTC, foram produzidos cerca de 560 mil alevinos.

Para o pesquisador da Sudepe, a maioria das Estações de Reprodução de Alevinos do Brasil apresentam algumas carências que podem ser resolvidas com a liberação de recursos. No caso da Cotrijuí, os recursos serviriam para melhorar a infra-estrutura já existente.

Já o pavilhão de reprodução com a utilização de incubadoras permitiria um aumento significativo na produção de alevinos, pois no ambiente natural obtém-se uma boa percentagem de sobrevivência.



Técnicos da Sudepe e do CTC

A Sudepe vê com bons olhos o trabalho desenvolvido no CTC pela Cotrijuí. Vale salientar que todas as fases que envolvem a piscicultura, desde a produção de alevinos, a assistência técnica, o fornecimento de insumos e o recebimento da produção para a comercialização são etapas asseguradas pela Cooperativa. Desta forma, como há interesse dos órgãos governamentais em estimular a produção de alevinos, certamente a Estação da Cotrijuí estará entre as beneficiadas com recursos financeiros.

Quem é o escargot?

O que é o escargot? Como ele vive? Do que se alimenta? Estas são algumas das perguntas que são feitas logo após se ouvir falar pela primeira vez desse caracol de jardim, que começa a chamar atenção de produtores brasileiros, com a esperança de vê-lo chegar ao mercado interno com uma boa aceitação. Mas enquanto isso não acontece, esses produtores já fazem projeções para o mercado externo. Afinal, se o brasileiro pouco conhece o escargot, na Europa ele já tem o seu lugar assegurado. Com um número razoável de espécies comestíveis, a "bourgogne" e a "petit-gris" são as espécies donas do mercado de consumo. Entre as duas, a "petit-gris" é a mais indicada para o tipo de criação adotado no Brasil — o confinamento — devido ao seu amadurecimento rápido e sua maior capacidade de reprodução.

ANTECEDENTES

Consumido desde os tempos mais remotos pelos habitantes das cavernas da Europa e da Ásia, o escargot aparece em registros históricos, nas mesas dos romanos, há dois mil anos atrás, que além de os adotar como alimento, também atribuíam-lhe propriedades afrodisíacas. Dessa forma, o escargot continuou freqüentando mesas européias, inclusive a dos camponeses, o que ocasionou a abertura do mercado. Mas os bons rendimentos originaram, paralelamente, a caça predatória do caracol — na Europa e principalmente na França, a produção de escargot é feita de forma "in natura" — através da colheita indiscriminada que não respeitou o tamanho e a época das desovas, do uso de inseticidas, da queimada nos bosques, da subdivisão da terra e poluição. Como resultado veio a escassez do produto, a

elevação do preço e uma retração do mercado consumidor. No Brasil, o escargot já foi mais consumido, tanto que o País era importador do produto. Depois, como o escargot foi incluído na lista dos superfluos, proibiu-se a importação, abrindo uma perspectiva para quem desejar ocupar o mercado interno com produto nacional.

FÁCIL ADAPTAÇÃO

Essa situação do mercado do escargot é que tem levado alguns produtores brasileiros, especialmente no Paraná, a desenvolverem com muito entusiasmo, a produção desses animais. Classificado como molusco terrestre, o escargot pertence a família dos helicídios e possui, entre outras características, uma grande dependência de dois fatores climáticos, temperatura e umidade do ar. A temperatura ideal é de 20 graus e a umidade de 86 por cento, porém esses fatores podem variar entre cinco e 30 graus, se a umidade ficar acima de 80 por cento. Mas é uma outra particularidade, a chamada letargia, que faz com que o escargot possa se adaptar muito bem em climas tropicais, como é o caso do Brasil. Mesmo exigindo uma temperatura ideal, o escargot, caso encontre condições climáticas desfavoráveis continua vivo, pois nessa circunstância ele se fecha dentro da concha protetora e espera até que as condições climáticas mudem para continuar crescendo e reproduzindo-se.

Quanto a alimentação, o escargot também não preocupa. Do seu cardápio fazem parte a couve, a chicória, alface, folha ou fruto de chuchu, fubá de milho, abóbora, trigo, e até ração para aves e cachorros. Mas além disso e muito impor-



O veterinário Daniel Heuser

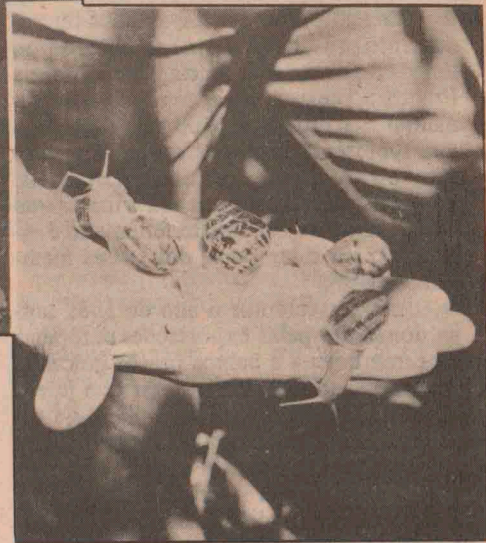
tante para o seu crescimento é o carbonato de cálcio, seja através de farinha de ostra ou calcário dolomítico, necessário para o fortalecimento da concha protetora. Assim como é fácil alimentá-los, igualmente o é a instalação do seu cativeiro, existindo duas opções: por confinamento intensivo ou extensivo. Para uma pequena produção geralmente se utiliza o primeiro tipo, ou seja, uma caixa de madeira forrada por um fundo de tela, onde devem ser colocados um pote com água, servindo de bebedouro, e uma parte com terra molhada. Com pequenas modificações essa é a estrutura básica do abrigo dos escargots.

Já a outra forma de criação, que é mais cara que a primeira exige simplesmente o cercado de uma extensão de terra sombreada, que evita a saída dos escargots e a entrada de animais predadores.

REPRODUÇÃO

Hermafroditas incompletos, os escargots fecundam-se mutuamente com os papéis de macho e fêmea ao mesmo tempo. A fecundação, no entanto, só acontece depois de um breve namoro através dos dardos calcários. Passado esse momento, os escargots fazem um buraco na terra para depósito de seus ovos, que rende em torno de 100 por desova. Após 15 dias de incubação já aparecem os pequenos escargots, que tem sua melhor época de repro-

Rápida reprodução, alto valor nutritivo e baixos custos na criação. Essas são algumas características do escargot, um molusco tropical que começa a despertar interesse de produtores brasileiros.



Molusco de fácil adaptação

dução durante a primavera e o outono, quando a temperatura chega aos 20 graus.

Pequeno e macio, o escargot necessita ainda de outros cuidados e essencialmente de higiene, daí a importância da água, que serve não só para resfriar o ambiente e manter a umidade, como para manter a higiene dos viveiros. Além disso, é recomendado que os alimentos sejam colocados no final da tarde e retirados pela manhã, porque ele prefere alimentar-se à noite. Quanto a limpeza é indicado que seja feita à tardinha, com uma pequena vassoura e uma mangueira d'água. É por fim, um lembrete: é bom não deixar juntos animais de diferentes tamanhos, pois os menores podem ser esmagados pelos maiores.

Com baixos custos, um mercado externo favorável e o interno promissor, o escargot já não aparece como um produto exótico e sem futuro. Aliás, pelo contrário, o que se observa é um aumento de informações a respeito, onde se destaca o interesse de micros e médios empresários nessa atividade.

Toda alternativa é bem-vinda

Um pouco surpreso pela tentativa e registro da sua produção de escargots, o veterinário Daniel Heuser, foi logo afirmando que começou a atividade apenas por curiosidade, há dois anos atrás, quando trouxe alguns caracóis de Porto Alegre. Como a atividade não traz maiores complicações, Daniel instalou no porão de sua casa, uma pequena caixa de madeira, com fundo de tela, onde hoje estão abrigados cerca de 100 animais, no chamado sistema misto, ou seja, uma parte com água e outra com terra. Para sua alimentação, o veterinário também não gasta muito, utilizando pequenas quantidades de verduras, como alface, chicória, entre outras, além da farinha de ostras que é importante para o fortalecimento da sua concha protetora.

Com pouco tempo para se dedicar aos seus escargots, Daniel confessa que a sua criação é meio solta. "Sou meio relaxado, às vezes nem chego a dar água para eles, quando o certo é o fornecimento duas vezes por dia". Mas os escargots não são muito exigentes. É claro que um descuido poderá afetar o seu crescimento, mas não chega a pôr em perigo uma pequena criação.

Essa, aliás, é uma dúvida que algumas pessoas ainda tem a respeito do escargot, pensando que a sua produção é mui-

to difícil ou com altos custos. Isto, no entanto, não é confirmado pelo veterinário. Segundo Daniel, não há mistério nenhum para uma pequena produção de escargots, a não ser cuidados fundamentais como a tela de proteção que evita o ataque de depredadores, principalmente algumas variedades de formigas, sapos e rãs.

ALTERNATIVA

Sem nenhuma pretensão de comercializar escargots, Daniel Heuser justifica que seria preciso ter mercado mais definido, principalmente no sul. O veterinário, porém, entende a heliocultura como uma alternativa de rendimentos ou ainda para a complementação da alimentação doméstica. É possível, diz Daniel, que a heliocultura como meio de comercialização ainda enfrente obstáculos até conseguir mercado. Uma das razões, segundo ele, seria pela falta de costume das pessoas em aceitarem uma variação no seu cardápio, ficando o escargot como alimento exótico e reduzido a pequenos círculos. O preço, seria uma outra questão, mas ainda assim menos importante que o primeiro que é o que lhe assegura a procura. E isso pode não estar muito longe, destaca Heuser, jogando para o futuro, o que se quer ouvir hoje. O escargot certamente será uma alternativa para o produtor, "e toda alternativa é bem-vinda".

O preparo

Assim como é fácil tratá-los, também é preparar o escargot. Mas uma coisa não se pode esquecer. Depois de escolhidos os caracóis para o abate, deve ser feita uma dieta especial para eles, utilizando hortelã, sálvia, erva-doce e louro. Esta dieta, que é feita nos últimos dias antes do abate, possibilita um sabor todo especial à carne.

Ao serem retirados do viveiro, os escargots devem ser muito bem limpos. Em primeiro lugar pode ser usado um pano mácio para retirar o excesso de terra, e a seguir, um banho com água corrente ou água com sal e vinagre. Para finalizar a limpeza, use uma escova para eliminar as impurezas que restaram.

Na primeira fase do cozimento, que pode ser de uma duas horas dependendo do tipo, pode se optar pela água fria sem sal e levada ao fogo brando. Quando os caracóis pararem de se movi-

mentar, aumenta-se o fogo por dez minutos. Os caracóis podem ser colocados, também, diretamente na água fervente, acrescida de sal, vinho branco seco e temperos. Após o cozimento, os animais são escorridos e secados, para somente, então, serem retirados da concha.

Pronto para ser consumido, o escargot pode ser utilizado em conservas ou preservado em "freezer". Com um sabor aproximado da ostra, ele tem várias opções de prato. Aqui vai uma delas

CARACÓIS À ITALIANA

Escorra os caracóis em conserva ou recém servidos. Doure o alho "socado" na manteiga e acrescente massa de tomate, salsa picada e sálvia. Deixe ferver por 15 minutos e acrescente a esse molho os caracóis. Engrosse toda a mistura com um pouco de farinha de trigo e sirva a seguir.

A alta produção de carne

A produção de carne bovina na CEE continua forte em 1987. A produção de leite diminui

Prof. Argemiro Luís Brum
Montpellier — França

Novamente as quotas leiteiras deverão ser o ponto crítico da oferta de carne bovina no mercado europeu. As novas medidas para conter a produção de leite, estipuladas no dia 16 de dezembro passado, indicam uma diminuição forçada de mais quatro por cento na produção de leite para 1987. Com isto deveremos ter um aumento no abate de vacas leiteiras ao longo do ano que inicia. Somente na França a previsão é de um abate suplementar da ordem de 400 mil cabeças, o que representa oito por cento da produção total de carne vermelha neste país. As previsões indicam um abate maior que o realizado em 1986. Este fenômeno é esperado para o conjunto dos países membros da CEE.

Assim, veremos o ano de 1987 ainda dominado pelas exportações européias de carne bovina a baixos preços, graças as subvenções. É preciso lembrar que já em 1986 a CEE exportou um milhão de toneladas de carne bovina, inclusive 200 mil toneladas ao Brasil.

Para melhor compreendermos o comportamento deste mercado utilizaremos aqui o exemplo francês com base em artigo publicado na Lettre de Solagral do mês de dezembro 1986 e assinado por Gérard YOU.

Do conjunto de sistemas de produção de carne bovina na França, 2/3 é originário do rebanho leiteiro (vacas de reforma e bezerros não destinados a produção de leite). Entretanto a parte dos produtores de leite na oferta de carne vem diminuindo regularmente, deixando lugar aos produtores especializados.

A ESTRUTURA FRANCESA DE PRODUÇÃO

Setenta e cinco por cento dos criadores de vacas leiteiras possuem menos de 20 animais (estrutura familiar ao nível da exploração rural) e detêm 40 por cento do rebanho. Paralelamente a produção se intensifica de tal forma que os ciclos de produção diminuem e os sistemas extensivos de produção desaparecem.

Assim, vemos hoje a criação de novilhos (machos não castrados abatidos com 15 a 20 meses de idade) substituir progressivamente a criação de bois (abatidos entre 30 a 40 meses de idade), mesmo tendo se reduzido o tempo de engorda para estes animais.

Um boi charolês engordado tradicionalmente à base de pasto e de feno dá 415 quilos de carcaça em 40 meses. Um novilho da mesma raça, tratado com ensilagem de milho completada com concentrados (cereais e soja) pesa o mesmo peso em 20 meses. Rapidamente o pasto diminui na composição da ração e os alimentos concentrados e uma forte mecanização, são utilizados.

Esta modernização tem por base então uma forte especialização que se desenvolve rapidamente. Tanto no plano técnico, através da divisão de trabalho entre o nascimento e a engorda dos animais assim como no plano geográfico. Os animais criados nas regiões de pasto são vendidos antes do período da engorda a fim de que

"Os cuidados com água são muito importantes para a saúde"

a mesma seja realizada nas regiões onde se cultiva o milho e se utiliza os concentrados.

UMA PRODUÇÃO COM SOBRAS

Em 1985, a produção de carne bovina na França atingiu 1.556.000 toneladas-equivalente-carcaça (TEC, unidade de medida da produção de carne bovina, composta de 2/3 de carne e 1/3 de osso) de bovinos em geral e 356.000 TEC de bezerros para abate. Uma produção recor-de explicada em parte pelas quotas leiteiras que provocam um aumento nos abates de vacas leiteiras de reforma.

Há 20 anos a produção de carne bovina vem conhecendo duas evoluções inversas, guiadas pelo modo de fixação dos preços:

a) Um forte crescimento na produção de bovinos em geral;

b) Uma diminuição suave da produção de bezerros para abate.

O preço da carne de bezerro não é garantido pelo poder público: a oferta se adapta então à procura, que vem caindo. O preço da carne vermelha, em troca, é garantida pelas compras do poder público.

Praticamente nulo para a carne de bezerro, o saldo "produção menos consumo" tornou-se positivo para a carne vermelha: 130.000 TEC em 1985 (nove por cento da produção). Superprodução que não se adapta as necessidades do mercado.

Por outro lado, o consumo cresceu também, porém, em níveis inferiores à produção. Hoje o consumo francês de carne bovina alcança 32 quilos de equivalente carcaça por pessoa e por ano. Assim como na produção, foi o consumo de carne vermelha que progrediu (mais 25 por cento em 20 anos contra menos 10 por cento para a carne de bezerro). Entretanto, desde 1981 o consumo de carne bovina estagnou. Isto se explica através de dois fenômenos: de um lado a busca por carnes menos caras (porco e aves) em função da estagnação do poder de compra; por outro lado a saturação do consumo global de carne.

Na verdade o consumidor francês procura cada vez mais os tipos de carne cujo preparo é rápido (assados por exemplo). Uma carcaça possui apenas entre 52 por cento e 54 por cento destes pedaços que normalmente estão situados nos quartos traseiros das carcaças (uma carcaça é composta de cinco partes, chamadas "quartos": dois quartos dianteiros, dois traseiros e um quinto composto dos miúdos em geral). Resultado: três quartos traseiros são consumidos na França para cada dois quartos dianteiros. Assim temos uma produção em desequilíbrio em relação ao consumo. A indústria de carne, estimulando o consumo de "bife de carne moída" (steack haché), produzido com os quartos dianteiros, conseguiu estabilizar este desequilíbrio sem entretanto reduzi-lo. Em resumo, a França "produz" muito os quartos dianteiros (mais 20.000 TEC em 1981) e não o suficiente de traseiros (menos 30.000 TEC em 1981).

O MERCADO COMO RECURSO

Este desequilíbrio contribuiu ao desenvolvimento de trocas com os outros países europeus. Assim, os quartos traseiros são importados dos outros países membros da CEE (188 mil TEC em 1985, originários da Alemanha, do Reino Unido e da Irlanda) saídos prioritariamente das vacas de reforma a bom preço.

Já os quartos dianteiros franceses são exportados para os países consumidores (35 mil TEC em 1985, destinados a Alemanha, o Reino Unido e a Holanda). A partir deste procedimento, o saldo positivo "produção menos consumo" em volume fica fortemente diminuído em valor: os quartos dianteiros são vendidos a preços baixos enquanto os traseiros são comprados a um preço elevado.

Na França, este problema é aumentado pelo fenômeno que se passa com os novilhos. Neste caso, 2/3 da produção não possui comprador. Para solucionar o problema a França se transformou em exportador deste tipo de carne, especialmente para a Itália. Em 1985 quase a metade desta produção (cerca de 150 mil

TEC) seguiu este caminho. O restante dos novilhos produzidos ficou nos estoques públicos por falta de mercado.

DO EXCEDENTE AO DÉFICIT?

Os produtores especializados de carne bovina são atingidos diretamente hoje pela crise leiteira. Isto prova que a carne na França continua um subproduto do leite. Mas o futuro poderá mudar os dados do problema.

A prática das quotas leiteiras desde 1984 provoca um abate massivo de vacas leiteiras. Os preços da carne não então em baixa (o preço médio do mercado em 1984 se situou a 80 por cento do preço de orientação — preço considerado desejável pelo poder público). Estes preços comprometem a rentabilidade da produção intensiva de novilhos e a viabilidade dos sistemas tradicionais de carne (bois). Ao mesmo tempo muito poucos jovens rurais são motivados a entrar neste tipo de produção em função da situação do mercado. Por falta de medidas de incentivo, o futuro da produção especializada está ameaçado. Principalmente hoje que a CEE decidiu transformar o sistema de apoio ao mercado da carne. A partir do dia 16 de dezembro passado as compras públicas (para formação de estoques) somente serão feitas quando os preços dos mercados nacionais do novilho e do boi caírem abaixo de 87 por cento do chamado preço de intervenção (espécie de preço mínimo). Além disso, os preços de compra ao nível da intervenção serão próximos do preço de mercado (é bom lembrar que os preços no mercado mundial são em torno de 75 por cento mais baixos que os preços normalmente pagos aos criadores europeus).

Assim, por não ter sabido orientar e regular sua produção excedentária, a França poderá a médio prazo (no horizonte do ano 1990) se encontrar deficitária em carne bovina e se ver obrigada a recorrer ao mercado mundial para satisfazer suas necessidades. Aliás, uma tendência que parece ser do conjunto dos países membros da Comunidade Econômica Europeia.

Este caminhão já rodou
1 milhão de km sem abrir a máquina.



Caminhão Mercedes T2 - Proprietário: Cláudio Marques Correia - Motorista: Demerval Batista de Sousa.

Adivinhe qual é o óleo?

MD-400, o lubrificante da Petrobrás, continua dando shows e mais shows nas estradas da vida. Desta feita, um caminhão pertencente à Transmarques, de Volta Redonda, já rodou nada mais, nada menos que 1 milhão de quilômetros sem abrir a máquina, e ainda tem muito chão pela frente. Ninguém precisa pensar muito

para descobrir que o óleo usado foi o consagrado MD-400 da Petrobrás. Este é mais um exemplo da alta qualidade do MD-400, uma garantia para os motores diesel. Você também pode atingir essa marca. É só usar no motor do seu caminhão MD-400 para uma boa e tranqüila viagem.



MD-400. Esta é a sua nova roupa de briga.

Suínos: na dependência dos preços da soja

Já é do conhecimento de todos que trabalham com o mercado da soja aí no Brasil que a Europa importa nosso farelo de soja essencialmente para alimentar seus rebanhos. Entre os principais rebanhos consumidores de alimentos concentrados está o rebanho suinícola. Assim, neste artigo, faremos uma análise do mercado suinícola na Comunidade Econômica Européia (CEE) tomando como exemplo o caso francês. A partir desta análise apontaremos as tendências do mercado mundial de alimentos para animais, principalmente a soja, que estão sendo indicados para 1987 pelos organismos responsáveis na França pela produção de suínos.

O ano de 1986 foi marcado, na França, por uma queda nos preços do suíno. Era o primeiro sinal da crise. A baixa chegou a 7,5 por cento com relação a 1985 se consideramos o preço de base aos produtores. Assim os preços caíram a 10,83 Francos/quilo (11,71 Francos em 1985).

Esta queda se deve a duas causas principais, porém, com conseqüências diferentes. Primeiro, pelo segundo ano consecutivo o preço do alimento para suínos baixou na França e também nos outros países membros da CEE. A importância do alimento na composição do custo de produção e a forte concorrência que existe no mercado fazem pressão sobre o preço do suíno.

A este respeito precisamos entender que aqui na Europa, em condições normais de mercado, uma baixa nos custos de produção se reflete imediatamente no preço recebido pelo produtor e igualmente no preço pago pelo consumidor nos açougues e supermercados.

Ora, frente a esta pressão, o resultado do produtor é afetado se ele não puder obter baixas de preço dos alimentos, para seu rebanho, equivalentes as alcançadas pelos concorrentes.

A segunda causa, a mais pesada neste ano que passou, foi a forte produção européia de suínos. Ela alcançou o pico no final de 1986 e parte, neste início de 1987, para níveis jamais observados (na França a produção atingiu, em 1986, 1.354.100 toneladas em equivalente carcaça, o que significou 1,9 por cento acima da produção alcançada em 1983).

Estes volumes podem ser consumidos somente através de preços atrativos, obrigando os produtores a importantes concessões. Assim, o efeito sobre a renda da propriedade é imediato.

A crise foi agravada pelas dificuldades de exportação encontradas pelos países da CEE. Assim, a Europa perdeu partes de seu mercado exterior da carne suína (- 15 por cento com relação a 1985).

As duas causas principais que explicam este último fato são, de um lado, de razão monetária em função da baixa do dólar que veio prejudicar as exportações européias e, de outro lado, de razão política com a redução das subvenções dadas às exportações direcionadas aos Estados Unidos e ao Canadá. Com isto, a competitividade do porco europeu caiu fortemente na América do Norte.

Quanto a produção de carne de porco, a mesma cresceu na França de 1 por cento em 1986 se compararmos com

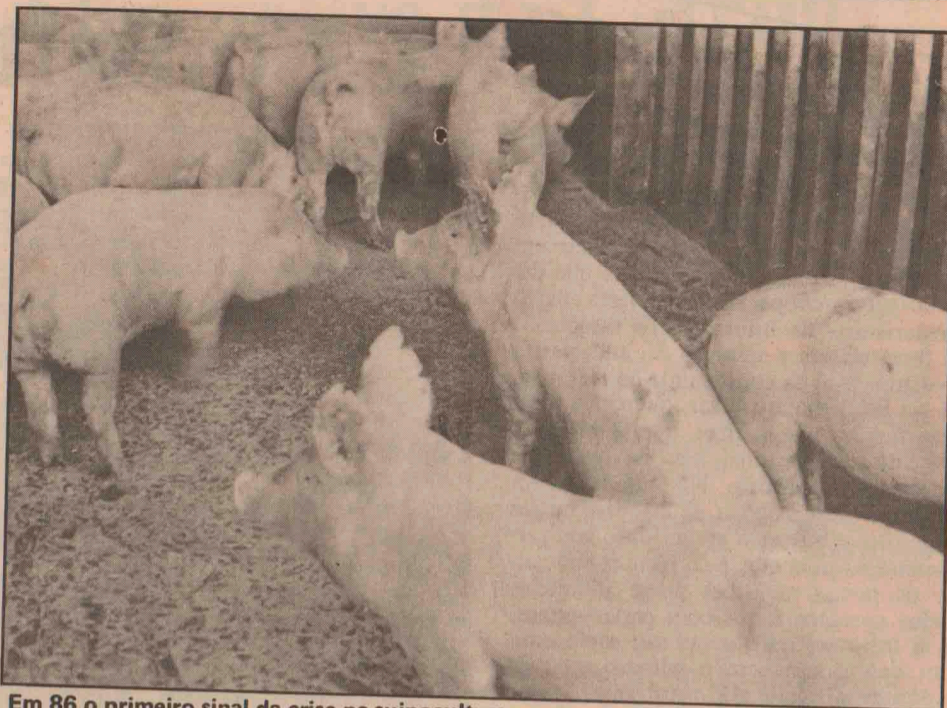
1985. No entanto, em outros países da CEE o crescimento foi maior ainda chegando a 3 por cento na Alemanha Ocidental e 6 por cento na Holanda.

Enfim, o consumo também aumentou (2 por cento em 1986) na França. Isto se deve logicamente ao fato de que, com uma produção abundante e com uma redução nas exportações para fora da Comunidade, os preços internos baixaram, aumentando a competitividade interna da carne suína e provocando um aumento no consumo.

RAÇÕES COM PREÇOS EM BAIXA

Para compensar esta situação difícil na produção suinícola européia, os preços dos alimentos que compõem as rações igualmente vêm caindo de forma significativa. De tal forma que eles chegam a influenciar na queda dos preços dos suínos como vimos mais acima.

Assim, temos para 1987 a previsão de que os preços destes produtos conti-



Em 86 o primeiro sinal da crise na suinocultura

nuarão a cair. Dentre eles a soja, o principal componente das rações, comanda o processo. Os preços da soja na Europa alcançam neste início de ano a situação histórica de se encontrarem mais baixos que os preços dos cereais. Assim, está se prevendo que o farelo de soja possa chegar a 120 francos o quintal (100 quilos) nos portos do Oeste francês, contra quase 150 francos no mês de setembro de 1986. Três fatores parecem no momento assegurar esta tendência baixista, segundo os analistas europeus:

a) a baixa do dólar que poderá continuar por mais algum tempo (o dólar alcançou no início de fevereiro de 1987 a 5,95 francos, no câmbio bancário, contra mais de 10 francos em fevereiro de 1985);

b) a disponibilidade de oleaginosas no mercado mundial é grande e a produção da América do Sul deverá ser importante a partir de março/abril próximos. Além disso, os preços do óleo de soja se reforçaram no mercado mundial, o que forçará uma maior trituração fazendo sobrar ainda mais farelo;

c) Os Estados Unidos poderão aumentar sua ofensiva comercial a nível mundial deixando cair seus preços internos (representados a nível da Bolsa de Chicago).

Assim, o mercado da soja está, neste caso específico, numa situação difícil. De um lado, um dos rebanhos que mais consome o farelo, em franca diminuição de velocidade e amargando uma forte crise. Isto deverá se refletir em diminuição de plantéis e em conseqüência, diminuição no volume global consumido em rações.

Por outro lado, os preços dos produtos que compõe a ração, como é o caso da soja, baixam consideravelmente de preço. Isto ajuda a aliviar a crise dos criadores europeus de suínos mas não permite um aumento no volume consumido. Além disso, para que a crise não se agrave mais ainda, é fundamental que as previsões de baixos preços para a soja em 1987 se confirmem.

No entanto, para nós brasileiros produtores de soja, se uma situação destas se confirma, a crise, que já está forte também do nosso lado, se tornará ainda mais aguda. Em outras palavras, temos aí um nítido caso de transferência de crises econômicas em função do jogo inter-relacionado dos diversos mercados agropecuários existentes pelo mundo afora. Em resumo, a situação na produção de suínos na Europa diz respeito diretamente ao produtor de soja no interior do Rio Grande do Sul, Paraná ou Mato Grosso do Sul.



HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Um serviço COTRIJUÍ à comunidade

QUADRO DISCRITIVO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE QUE ATUAM NA REDE HOSPITALAR BOM PASTOR COM OS RESPECTIVOS CREDENCIAMENTOS

I J U Í

MÉDICOS	Especialidade	Credenciado para consulta em:	Credenciado para internação em:
Auro Heuser	Cirurgia geral	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe, Ac. Trab. e Particular
Edson Gonçalves da Silva	Ginecologia e Obstetricia	Unimed, Particular	Unimed, Particular, Inamps
Jorge L. V. Montardo	Pediatria	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe e Particular
José A. Leszczynski	Radiologia	- o -	- o -
Marco Tulio S. Duarte	Clínica Geral	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe, Particular
Maria Inês Ellwanger	Ginecologia e Obstetricia	Cassi, Unimed, Ipe, Particular	Inamps, Cassi, Unimed, Ipe e Particular
Mário Walter Michel	Ortopedia e Traumatologia	Unimed, Cassi, Particular	Inamps, Cassi, Unimed e Particular
Marlene Hubert	Dermatologia	Unimed, Cassi	Unimed, Cassi, Inamps, Particular
Nilton F. da Silva	Gastroenterologia	Cassi, Unimed, Particular	Cassi, Unimed, Inamps, Particular
Sidney Dambroz	Anestesiologia	- o -	Unimed, Cassi e Particular
Mauro Antonio Massafra	Urologista	Cassi, Unimed, Particular	Cassi, Unimed, Inamps, Particular

Núcleos

Na edição anterior falou-se da Constituinte Cooperativa. Falou-se da eleição dos delegados constituintes na Cotrijuí e da importância em participar na elaboração das leis que devem reger o cooperativismo. Nesta edição gostaríamos de informar aos associados e funcionários a respeito do andamento dos trabalhos da constituinte cooperativa.

Em primeiro lugar, queremos dizer que tudo o que se fizer, que se sugerir à Constituinte Nacional, nem de longe tem aprovação garantida. No entanto, nem por isso vamos deixar de elaborar nossas sugestões e buscar o apoio junto aos parlamentares para que, pelo menos, boa parte de nossas sugestões sejam atendidas. Pelos contatos feitos com parlamentares e as informações obtidas não serão muitas, comparado com o número total da Assembléia Nacional Constituinte, os que vão realmente defender os interesses do cooperativismo. Porém, temos a certeza que alguns parlamentares estão muito interessados e honestamente, apoiam o cooperativismo. Estão do lado do cooperativismo e dos agricultores. Não se pode cair no erro de achar que ninguém esteja lá para defender os nossos interesses. Mas não devemos nos iludir de que os que nos defendem tem um trabalho fácil. O jogo de interesses é grande. Além dos nossos interesses e dos princípios do cooperativismo, existem outros interesses e outros princípios.

AS COMISSÕES

Como é do conhecimento de todos nós, a nível de Constituinte Nacional funcionam várias comissões e subcomissões, encarregadas de assuntos específicos. São nove comissões e 24 subcomissões. Em nenhuma delas consta de forma expressa, a questão do cooperativismo. Mas isto não significa que é impossível fazer alguma coisa. Como se pode fazer alguma coisa?

Existem, basicamente, três maneiras: Primeiro, enviar sugestões à Constituinte Nacional, que serão encaminhadas às subcomissões, de acordo com os temas. É uma forma direta de participar, porém sem maior acompanhamento e garantia.

A Constituinte Cooperativa



Cooperativas da 6a. Região da Fecotriço discutem propostas para a Constituinte

As outras duas maneiras a constituinte cooperativa deverá fazer: enviar diretamente aos parlamentares sugestões e encaminhar, via ação popular, com trinta mil assinaturas, propostas ao texto constitucional. A constituinte cooperativa, organizada pela Fecotriço tem, fundamentalmente, três grandes tarefas: elaborar sugestões para o texto Constitucional que garanta espaço ao cooperativismo na Carta Magna brasileira; sugerir um projeto de lei para o cooperativismo e elaborar um estatuto padrão para a organização cooperativa. Também deverão ser abordados aspectos da política agrícola e reforma agrária. A fase de elaboração do texto constitucional já encerrou. Para tanto foi formada uma comissão especial que sugeriu um texto a ser discutido e encaminhado. Esta é uma tarefa que não deve ser demorada, pois o tempo é curto. É preciso, nesta fase, estar mais voltado para o encaminhamento das questões, junto aos parlamentares constituintes, em Brasília.

A grande discussão que cada delega-

do constituinte deverá fazer junto aos associados e funcionários, diz respeito à lei e ao estatuto das cooperativas. Para essa discussão tem-se mais tempo à disposição. Isto não significa que o texto constitucional não deva ser discutido nas bases. Deve ser discutido e conhecido.

Os delegados constituintes da região seis da Fecotriço, à qual pertence também a Cotrijuí, estiveram reunidos no dia 25 de março que passou, no Centro de Treinamento Cotrijuí, para acertar os pontos comuns da discussão nas bases. Essa discussão deverá ser feita a partir de temas já pré-estabelecidos e das sugestões de todos os associados e funcionários de cooperativas. Como já falamos, em termos de texto constitucional, o tempo é escasso e é preciso atuar mais junto aos parlamentares em Brasília, conjugando esforços com os demais setores e órgãos do cooperativismo brasileiro. Isso já vem sendo feito. O grande debate deverá ser feito em termos de lei cooperativista e estatuto padrão para o funcionamento de uma cooperativa. Para isso temos mais tempo à disposição.

Os resultados dessas discussões deverão ser encaminhados, via delegados, à constituinte cooperativa, que se reúne periodicamente para o encaminhamento dessas questões.

PARTICIPAÇÃO

O grande mérito e significado da constituinte, ao nosso ver, deverá ser, exatamente, a discussão nas bases, dos pontos fundamentais da lei e do estatuto padrão. Pela primeira vez na história do cooperativismo brasileiro está-se procurando uma maior participação das bases nas discussões, antes das coisas estarem prontas e transformadas em lei. É claro, trata-se de apenas uma parcela das bases do cooperativismo brasileiro e, inclusive, o sucesso dessa participação não será total. Porém, é um avanço do processo de democratização da sociedade brasileira e, principalmente, da prática cooperativa. Nesse terreno, as coisas andam com a mesma velocidade que em outras atividades da vida humana.

Quando se lida com o processo de organização da vida social, da sociedade dos homens, é preciso ter muita clareza a respeito da natureza desse processo. A história dos homens nos ensina duas coisas importantes: que o avanço democrático não se dá sem a efetiva participação da população e que muitas vezes, é preciso ter paciência histórica, pois o movimento do avanço não se dá em linha reta e pela simples soma de eventos. O sucesso de um evento nem sempre é um avanço e o insucesso nem sempre é um retrocesso.

Apelamos a todos os associados e funcionários que participem das discussões programadas, pois se trata de um assunto de interesse de todos e que deverá ter profundas repercussões para a organização do cooperativismo brasileiro. É um trabalho sério, que não pode ser desprezado. O seu efeito será medido ao longo da prática cooperativa daqui para frente. Menosprezar a importância e o significado desse ato político é evidenciar ignorância ou revelar outros interesses, que não os do cooperativismo e dos cooperativistas.

Feira do terneiro e recorrida ovina

Dom Pedrito vai promover nos dias 20 e 21 de maio próximo, a I Feira do Terneiro Selecionado - Feternap. A promoção é uma iniciativa da Cotrijuí, através de seu departamento técnico, visando o aumento da produção de carne no município, e tem o apoio do Núcleo Pedritense de Criadores de Terneiros.

A I Feternap terá por local o Parque Juventino de Moura Correia, do Sindicato Rural de Dom Pedrito, que deverá receber um total de mil terneiros, de raças cruzadas.

O veterinário Vanderlei Garcia, do departamento técnico da Cotrijuí, está entusiasmado com mais essa promoção, e disse que o presidente do Núcleo de Produtores de Terneiros, Otacilio Pereira Severo, também está apostando no sucesso do empreendimento. O técnico disse que o objetivo do Núcleo é reduzir a idade do novilho para abate, para dois, ou dois e meio anos de idade.

RECORRIDA OVINA

Também no município de Dom Pedrito, será promovida a I Recorrida



Mais de mil terneiros na Feira

Ovina do município, nos dias 26 e 27 de maio. A promoção é do escritório local da Emater, com o patrocínio da Cotrijuí e Prefeitura Municipal. A recorrida, que tem a participação de veterinários e zootecnistas, tem em vista verificar o manejo das propriedades dedicadas à criação ovina.

Testes em vacas

O departamento técnico da Cotrijuí está desenvolvendo trabalho no setor de inseminação em bovinos, de diagnóstico de gestação em vacas. O objetivo é detectar fêmeas sub-férteis ou totalmente inférteis, para aumentar os padrões de cria nas propriedades de Dom Pedrito.

A informação é do veterinário Vanderlei Garcia, revelando que os técnicos

sabem que, em média, de 10 a 15 por cento das vacas, em cada propriedade, são inférteis. Ele considera fundamental que esse trabalho passe a fazer parte do manejo nas propriedades. Segundo ele, com a adoção da técnica, já no segundo ou terceiro ano de controle, pode se ter um aumento de até mais de 10 por cento de natalidade.

FORRAGEIRAS

Financiamento

Os produtores de leite de toda a Região Pioneira podem contar com um financiamento para compra de forrageiras de inverno. Os recursos, que são oriundos da CCGL, serão repassados a Cotrijuí, para venda de sementes de aveia, ervilhaca e azevém, devendo o produtor usar a consorciação das três forrageiras ou optar por duas. No caso da venda de apenas um tipo de forrageira, o produtor deverá ter semente própria com teste de germinação. A Cotrijuí já está informando que o reembolso do financiamento será feito por ocasião do pagamento do leite, nos dias 20 de maio, 20 de junho e 20 de julho. Para orientação quanto a forma de pagamento e retirar o pedido de sementes, os produtores deverão procurar o Departamento Técnico ou o Setor do Leite da Se-



Azevém: dinheiro para o plantio de da Regional, o mais breve possível, pois os recursos são escassos.

CALENDÁRIO

TRIGO Nova variedade

O Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotriga, localizado no município de Cruz Alta, lançou mais uma variedade de semente de trigo, aprovada durante a 19ª Reunião da Comissão Sulbrasileira de Pesquisa de Trigo. Trata-se da variedade CEP17-Itapoã. Essa nova variedade vinha sendo pesquisada desde 1978 e foi obtida, segundo os pesquisadores, a

partir do cruzamento de três variedades diferenciadas.

É uma variedade de ciclo precoce e se caracteriza por apresentar maior resistência às doenças do trigo como ferrugem das folhas e do colmo, septoriose e oídio. A CEP 17-Itapoã leva, em média, 140 dias entre o período de emergência e maturação. Durante as experiências realizadas, constatou-se que a nova variedade chegou a atingir uma produtividade de 16 por cento acima das melhores variedades, chegando a atingir 2.330 quilos por hectare. Na região de Cruz Alta ela alcançou uma média de 3.630 quilos por hectare, representando uma produtividade de 28 por cento acima das demais.

Alternativa da Cotrijuí

O engenheiro agrônomo Carlos Pitól, responsável pelo setor de pesquisa da Cotrijuí-MS, representará a cooperativa no 3º Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa, marcado para o período de 12 a 17 de abril, em Cuiabá, Estado do Mato Grosso.

Pitol apresentará dois trabalhos sobre, respectivamente, adubação verde e a aveia. No caso da adubação verde, o agrônomo mostrará que as monoculturas são em geral responsáveis pela queda de produtividade dos solos sendo, geralmente, acompanhadas de grande erodibilidade dos mesmos. A pesquisa com culturas alternativas para adubação verde divide as mesmas em culturas anuais de inverno e culturas leguminosas de verão, geralmente

cultivadas em consorciação com milho e arroz. Neste trabalho serão apresentados os resultados de atividades com aveia, centeio, ervilhaca, nabo forrageiro, colza e cártamo, no caso das culturas de inverno, e calopogônio, mucuna preta, feijão bravo do Ceará, guandu e leucena, no caso das leguminosas.

O outro trabalho mostrará que a aveia é uma importante cultura para Mato Grosso do Sul, tanto para a conservação e melhoramento do solo quanto para a alimentação animal e humana. Os trabalhos de pesquisa com a aveia no Estado foram desenvolvidos pela Cotrijuí, que hoje já dispõe de cultivares adaptadas às condições do Estado.

O alho, o morango e a lentilha

Francisco Salla

Nos últimos anos os produtores brasileiros vêm se empenhando para alcançar a autosuficiência do país no abastecimento de alho, através do aumento da produção nacional, com adoção de melhor tecnologia e aumento da área cultivada. O rendimento médio no Brasil está em torno de quatro toneladas por hectare. Entretanto, em plantações conduzidas segundo a melhor orientação técnica e em condições de clima e solo favoráveis, é possível alcançar 10 a 12 toneladas por hectare.

Em termos de temperatura e comprimento do dia pode-se dizer que o alho exige, para o seu melhor desenvolvimento, um pouco de frio na fase inicial de desenvolvimento, muito frio na fase média, e um crescente aumento de temperatura e dias longos na fase final do ciclo. As geadas, em geral, não prejudicam o alho. A temperatura e o comprimento do dia estão relacionados com a formação do bulbo.

O alho é uma planta exigente em solo e nutrientes. Em nossa região as questões relacionadas a textura, estrutura e fertilidade do solo são importantíssimas na obtenção de maiores produtividades por hectare. Recomendamos escolher um solo com boa drenagem, que não ocorra compactação após períodos de chuvas intensas, solos com textura mediana e leve. Os chamados "solos de matas", que mesmo após alguns anos de plantio reagem muito favoravelmente a adubação mineral, são os mais indicados.

Devemos incorporar ao solo palha de soja, milho, feijão e outras em grande quantidade no momento do preparo, para melhorar a estrutura física do solo e a porosidade, tornando-o menos susceptível à erosão e compactação.

Na utilização de esterco animal, (suínos e aves) em mistura com os adubos químicos recomendamos, se necessário, também a utilização de calcário, que conjuntamente irão atender às necessidades da cultura em termos de nutrientes. Os adubos orgânicos são importantes no aumento da produtividade, pois fornecem nutrientes, estimulam a atividade microbiana, fornecem estimulantes ao crescimento vegetal, melhoram o estado físico do solo e condicionam o solo a um melhor crescimento vegetativo. As questões referentes ao uso de solos de boa fertilidade irão atuar decisivamente no aumento da produtividade.

Com relação a melhor época para o plantio do alho em nossa região, recomendamos o período de 15 de abril a 20

de maio. A seleção do bulbilho no momento da debulha também é importante. Deve-se eliminar aqueles com qualidade duvidosa (problemas de doenças, chochos).

O plantio deve iniciar pelos bulbilhos menores. Os bulbilhos maiores devem ficar para o fim do plantio. Procedendo desta forma teremos maior uniformidade da lavoura na época de colheita. A necessidade está entre 400 a 500 kg/ha de semente da cultivar Portela. O espaçamento recomendado para a cultura é de 8,0 a 10,0 centímetros entre plantas na linha, 25 a 30 centímetros entre as linhas de plantio.

Em termos de adubação química recomendamos utilizar 600 kg/ha de adubo formulado (5-20-20). Deve-se também utilizar 40 kg de Bórax por hectare, pois o Boro influencia no crescimento das plantas, na qualidade dos bulbos colhidos e perdas no armazenamento. Voltamos a salientar a necessidade de utilização de adubo orgânico em mistura com adubo químico na lavoura de alho.

TRATAMENTO DE SEMENTES

Inicialmente recomendamos a utilização de alho semente sadio, de procedência conhecida. Procurar não plantar alho em áreas que anteriormente já tenha sido plantado cebola, alface e alho.

O tratamento de sementes do plantio visa proteger a cultura contra a ocorrência de ácaro, nematóides e podridão branca. Maiores informações com o Departamento Técnico de sua Unidade. O alho é exigente em termos de tratamentos culturais, como capina e irrigação. A capina, com a eliminação total dos inóculos e movimentação do solo é importante na boa condução da lavoura de alho. Devem ser realizadas tantas capinas com amontoa quantas forem necessárias para evitar a competição dos inóculos com a cultura e evitar a compactação do solo.

Com relação a irrigação, salientamos que ela se torna importante apenas nos períodos em que ocorrem "veranicos" e próximo da bulbificação, em outubro, sendo que deve ser suspensa no final do ciclo da cultura. Isso aumenta o teor da matéria seca e melhora a conservação dos bulbos.

MORANGO - NOVAS MUDAS

O morango é propagado vegetativamente, plantando-se os estolhos que são emitidos pela planta-mãe. Na fase vegetativa, após o período de colheita, preferem-se tais estolhos, que enraizam mais facilmente e produzem plantas vigorosas e produtivas. Ao longo dos anos,

com as sucessivas propagações, aumenta a incidência de viroses. Por esta razão, nesta safra, a Cotrijuí está buscando mudas obtidas a partir de culturas de tecidos, isentas de viroses, junto a viveiristas idôneos, com acompanhamento da Embrapa - CNPFT. Estas mudas estarão sendo comercializadas aos associados através de inscrição, até o dia 10 de abril, em todas as Unidades da Cotrijuí.

O morango é uma cultura típica de clima frio, exigindo temperaturas amenas e baixas, para um bom crescimento vegetativo, produtividade e qualidade dos frutos. Em termos de solos, o moranguinho é uma cultura exigente em condições físicas e nutricionais do solo. Produz em solos areno-argilosos e, em solos ácidos, a calagem é recomendável.

A planta do morango é muito delicada, especialmente o seu sistema radicular, exigindo canteiros muito bem preparados. A adubação orgânica é muito importante em morangueiro, e deve ser incorporada com antecedência em relação à área de plantio.

Na adubação química, utilizar 100 gramas por metro quadrado de canteiro. Deve-se incorporar a uma profundidade de 10 a 12 centímetros, recomendando-se ainda 5 quilograma de esterco curtido por metro quadrado de canteiro. O espaçamento de plantio varia de 30 a 40 centímetros entre plantas na linha e entre linhas. A cobertura do canteiro, com palha ou maravalha, é um trato cultura indispensável e característico em morangueiro, melhorando a conservação da umidade e diminuindo a incidência de ervas. Além disso protege as raízes superficiais da planta e os frutos na época de produção.

As irrigações são indispensáveis, visto que a cultura é bastante exigente em água, principalmente nos períodos mais quentes do ano. Deve-se ainda realizar capinas e escarificações quantas forem necessárias, para o bom desenvolvimento da cultura.

LENTILHA, NOVA SAFRA EM 87

No Brasil a maior parte da lentilha consumida provém de importações (Chile), que abastecem o mercado consumidor, principalmente nas festas de fim-de-ano, caracterizada como fonte de boa saúde e boa sorte nas celebrações do ano novo. Atualmente os cientistas confirmam que ela proporciona uma excelente fonte de proteínas, vitamina A e cálcio. A lentilha está entre as fontes mais baratas de proteína disponíveis, uma vez que elas constituem 26 por cento de sua composição.

A safra de 1986 iniciou na Cotrijuí o processo de purificação da cultivar comum RS, atualmente plantada, com a eliminação de plantas atípicas. Este processo ocorre no período de florescimento da cultura com objetivos de melhorar a qualidade da semente e uniformizar a qualidade do produto final.

Com relação ao solo, a lentilha se adapta bem a vários tipos de solo, requerendo de preferência um solo solto, profundo e que possua um bom conteúdo de calcário, fósforo e potássio. Em solos de encosta, com presença de pedregulho, a lentilha comporta-se muito bem, desde que este solo tenha uma boa fertilidade e esteja livre do processo de erosão. Não recomendamos o plantio em solos que tenham problemas de drenagem, pois a lentilha não tolera solos encharcados.

Recomendamos a semeadura entre 10 de maio a 10 de junho, com a utilização de 40 kg/ha de sementes, 200 kg/ha de adubo (5-20-20). A semeadura pode ser a lanço (deve-se aumentar a quantidade de sementes) ou em linha, com espaçamento de 20 a 25 centímetros entre linhas. A semeadura em linha (30 a 50 sementes por metro linear) torna mais fácil a limpeza dos inóculos que irão competir com a cultura por nutrientes, principalmente nos primeiros 40 dias, acarretando prejuízos à cultura. Recomenda-se a inoculação da semente por ocasião do plantio.

Com relação ao ataque de pragas, podem ocorrer pulgões, trips, vaquinhas e percevejos, mas é com relação a ocorrência de doenças que reside a maior preocupação da assistência técnica.

A antracnose, cujas lesões iniciam nas folhas e ramos inferiores, e acabam por atingir toda a planta, que morre antes de produzir semente, deve concentrar-se toda nossa atenção. O controle da doença deve ser feito logo no aparecimento dos primeiros sintomas. A ferrugem também pode atacar a lentilha durante o seu ciclo de desenvolvimento.

Com relação a comercialização para a próxima safra, deve-se repetir os bons preços obtidos pelo produtor na última safra, sendo que existe mercado comprador par o produto. A Cotrijuí busca incentivar a cultura para suprir as necessidades dos mercados da cooperativa. O valor do produto colhido será maior quanto melhor for a apresentação e a qualidade o produto colhido.

Francisco Salla é agrônomo e supervisor de olericultura da Cotrijuí.

Nas mãos dos constituintes

Trabalhadoras rurais pedem o reconhecimento da profissão e uma reforma agrária imediata e verdadeira

"Constituinte para valer tem que nos reconhecer", gritavam a uma só voz as quase 30 mil mulheres trabalhadoras rurais, que no dia 8 de março lotaram o Gigantinho em Porto Alegre, durante o Segundo Encontro Estadual que marcou o Dia Internacional da Mulher. O dia não estava para festas, pois nada ainda existe que possa ser comemorado. E as mulheres que estavam no Encontro, deixando para trás suas casas, maridos, filhos e a lida da lavoura, numa demonstração de união, organização e força, pediam o fim das injustiças sociais, das discriminações e o reconhecimento da profissão. Os apelos eram todos endereçados aos deputados federais e senadores, os responsáveis pela elaboração da nova Constituição.

Nessa luta que não tem muito tempo e nasceu dos movimentos de base, as mulheres não estão pedindo uma vida mais digna apenas para a classe das trabalhadoras rurais, mas para a sociedade como um todo. Aproveitando as discussões em torno da nova Constituinte, elas também estão exigindo uma educação voltada para a realidade rural, o cumprimento das leis previdenciárias, uma reforma agrária imediata e verdadeira e uma política agrícola definida, com preços justos e garantia de comercialização. Esses são alguns dos direitos que as mulheres estão lutando para serem assegurados na nova Constituição. A promessa é de muita cobrança e pressão para cima daqueles constituintes que prometeram ficar do lado da mulher e contra a discriminação que hoje existe e que vem massacrando a trabalhadora rural

PRÁTICA

"A próxima Constituição tem que ser prática. De coisas que ficam apenas registradas no papel já estamos cansadas", diz Célia Marsaro, 46 anos, casada, mãe de três filhos adultos e líder atuante no núcleo de São Miguel, em Augusto Pestana. A Célia não chegou a participar do Encontro Estadual, mas nem por isso deixa de ser uma grande batalhadora pela organização da mulher, pelo reconhecimento da profissão e pelo fim da discriminação no campo.

Está confiante na nova Constituição porque espera que os constituintes levem adiante as suas reivindicações. Mas se os constituintes não derem atenção para as reivindicações do povo brasileiro, acha melhor deixar tudo como está. "Ou se faz uma Constituição com a participação do povo ou então não se mexe em nada. O que queremos é ver atendidas na prática, as nossas reivindicações. Ela lembra que a saúde, por exemplo, é um direito de todos e um dever do Estado, mas que na verdade não vem sendo cumprido. "De coisas assim, apenas colocadas no papel, reclama a Célia, não precisamos mais. Já temos demais e até hoje não resolveram a nossa situação".

MUITA PRESSÃO

A Maira Bottega, 34 anos, casada e mãe de quatro filhos homens, tem uma opinião semelhante a da Célia. Ela também acha que qualquer vitória da mulher vai depender de muita pressão em cima dos constituintes. A Maira foi uma das organizadoras do Encontro Estadual. É coordenadora Sindical da Regional de Ijuí e presidente do Movimento de Mulheres Trabalhadoras de Catuípe.

"Vamos estar alertas. Sabemos que a nossa luta não vai ser fácil, mas se em pouco tempo conseguimos nos organizar e conquistar o direito de auxílio da previdência para acidentes de trabalho é sinal que já temos alguma força, diz a Maira com a certeza de que alguma coisa em fa-

vor da mulher deverá entrar nessa nova Constituição.

Como exemplo de que tudo depende da pressão da mulher, ela cita o caso do título eleitoral onde a mulher era reconhecida como "doméstica ou do lar" "Hoje já estamos substituindo o "doméstica" por agricultora. É uma conquista que já existe na prática, mas o reconhecimento legal vai depender da nossa força".

Por outro lado, a Maira tem muita confiança nas mulheres constituintes e lamenta que um maior número não tenha sido eleito. "As mulheres, embora em número reduzido, mas significativo, são bem mais sensíveis e temos a certeza que na hora certa elas vão puxar para o nosso lado". Considera a eleição de mulheres para a Constituinte com um avanço. "Assim como a mulher urbana, embora também ainda discriminada, conquistou seus espaços, a mulher rural caminha para o mesmo ponto".

Recorda que até uns anos atrás a mulher trabalhadora rural não tinha nenhum tipo de organização, "mas felizmente ela acordou. Está consciente de seus direitos e tem pressa em vê-los assegurados. Ela também já está ocupando um



Célia Marsaro



Maira Bottega

espaço que não pode ser ignorado e é por ter uma dupla jornada de trabalho que saiu a campo na busca do reconhecimento da sua profissão e de seus direitos. A mulher não está aí para dividir ou competir com o homem. Queremos apenas trabalhar de igual para igual".

A PARTICIPAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO

Para a dona Norma Rocha, 48 anos, casada e mãe de nove filhos, qualquer conquista da mulher vai depender de muita participação, organização e conscientização de seus problemas. Dona Norma mora na Linha 2 Oeste, em Ijuí, bem próximo a cidade. Por essa razão, ela tem participado das discussões tanto de núcleos como de bairros. Toda essa experiência e participação tem mostrado que a luta ainda vai longe. Tem muita mulher que ainda está alheia a qualquer tipo de participação", diz. Mas essa é uma questão, segundo a dona Norma, que ainda tem muito a ver com o fator econômico. "A mulher ainda está muito dependente do marido."

Mas assim como as demais mulheres, a dona Norma também espera que a nova Constituição atenda as reivindicações das mulheres trabalhadoras rurais, embora deixe claro que as suas dúvidas são bem maiores que qualquer expectativa positiva. "A mulher está esperando direitos iguais para trabalho igual. Será que ela vai ganhar mesmo? É bom lembrar que vivemos numa sociedade onde não existe nem a libertação econômica do homem. O trabalho do agricultor não é reconhecido. Ele faz a lavoura sem saber o quanto vai ganhar pela planta". Mas de qualquer forma diz que não pode ser de um todo pessimista. "Temos que ter espe-

ranças. Pior seria se a mulher ainda estivesse desorganizada e ao acaso dos seus problemas".

METADE DA POPULAÇÃO

A Rosair Kautzmann, 24 anos, vê a questão por outro lado. Ela acha que a mulher tem força suficiente para fazer pressão e ver seus direitos assegurados na próxima Constituinte. "Somos mais da metade da população brasileira. Como então, não vamos ter força para pressionar os constituintes? A Rosair mora em Rincão da Laje, no município de Chiapetta onde atua como líder e ainda como agente de saúde.



Norma Rocha



Rosair Kautzmann

trabalhadoras rurais. "Tenho certeza que essa Constituição vai trazer alguma coisa na defesa da mulher. Se nada acontecer, a luta continua. Não é por isso que vamos esmorecer e deixar de participar. Vamos continuar brigando até alcançar nossos objetivos".

Organização e participação

Noemi Huth

Quando falamos em participação e organização da mulher na sociedade, normalmente vem à tona uma série de perguntas, tais como: Por que participar, se organizar? Que história temos como mulheres? Quem tem feito a História tem sido apenas o homem? Mas, afinal de contas, o que entendemos mesmo por História? Quem faz parte dela? Frequentemente tem-se ouvido afirmações como: "As mulheres não têm Histórias; não têm ocupação; não entendem nada. . . ." Por que será esta realidade? Pensamos que estas afirmações e interrogações são reflexos da condição de vida histórica que a mulher tem tido nas sociedades capitalistas. Em geral tem-se negado a participação da mulher neste processo.

Entendemos que a História nos permite conhecer nosso passado, entendermos bem o nosso presente para transformá-lo em um futuro melhor. A humanidade está em constante transformação, e fazem parte desse processo homens e mulheres, por vezes com atribuições distintas (porém o valor destas dentro do contexto geral da sociedade são tão importantes quanto a outra), porque fazem parte do processo produtivo e cada ser humano tem a sua contribuição valiosa na construção da nossa História.

As mulheres fazem parte do proces-

so produtivo — dispensa citar exemplos — fato que nos leva a ter certeza da necessidade das mulheres (52 por cento da população brasileira) estarem organizadas para poder participar ativamente na sociedade, com clareza de propósitos, para evitar manipulação de nossas necessidades.

As mulheres rurais que representam 13 por cento dos 52 por cento, estão buscando conquistar o seu reconhecimento de profissionais ativos na força produtiva. É possível fazer esta organização? Acreditamos que a trajetória de vários anos de luta na região e também a nível nacional está nos dando uma bagagem enorme que possibilita nossa atuação concreta.

No Brasil a luta pelo direito ao voto para as mulheres se deu na década de 1920-1930, independente de serem rurais ou urbanas. O Código Eleitoral de 1932 reconheceu o voto feminino e, na Constituinte de 1933, participou apenas uma mulher, Carlota de Queiroz.

Neste ano de 1987 temos eleitas 26 deputadas, dos vários partidos que estão unidos em torno da questão "Mulher e Constituinte", como bandeira superior às cores ou convicções partidárias, fato que consideramos importantíssimo.

Acreditamos ser o momento das mulheres da região fortalecerem suas

organizações, levando em frente as suas propostas para a construção de uma sociedade mais humana. O momento é decisivo quanto ao encaminhamento dos interesses específicos dos movimentos populares aos constituintes. Diria até que se esgotou. Porém, temos condições de nos organizar para a elaboração da Lei Cooperativa e do Estatuto Padrão.

A nível de Cotrijuí temos uma delegada Constituinte, fruto de longa organização das mulheres, e cabe a todas as mulheres somarem-se a ela, levando nossas propostas quanto a busca de um espaço efetivo, concreto, de participação no cooperativismo. Existem idéias como a questão do voto familiar, da matrícula do associado funcionar semelhante a conta conjunta bancária que existe hoje. Porém, são sugestões que terão de ser amplamente discutidas entre o quadro social e seus familiares para que se tenha clareza das propostas a serem encaminhadas a nível de legislação cooperativa e Estatuto Padrão após a aprovação da nova Constituinte.

A Noemi Huth atua na assessoria de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuí, área de Educação Cooperativa.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

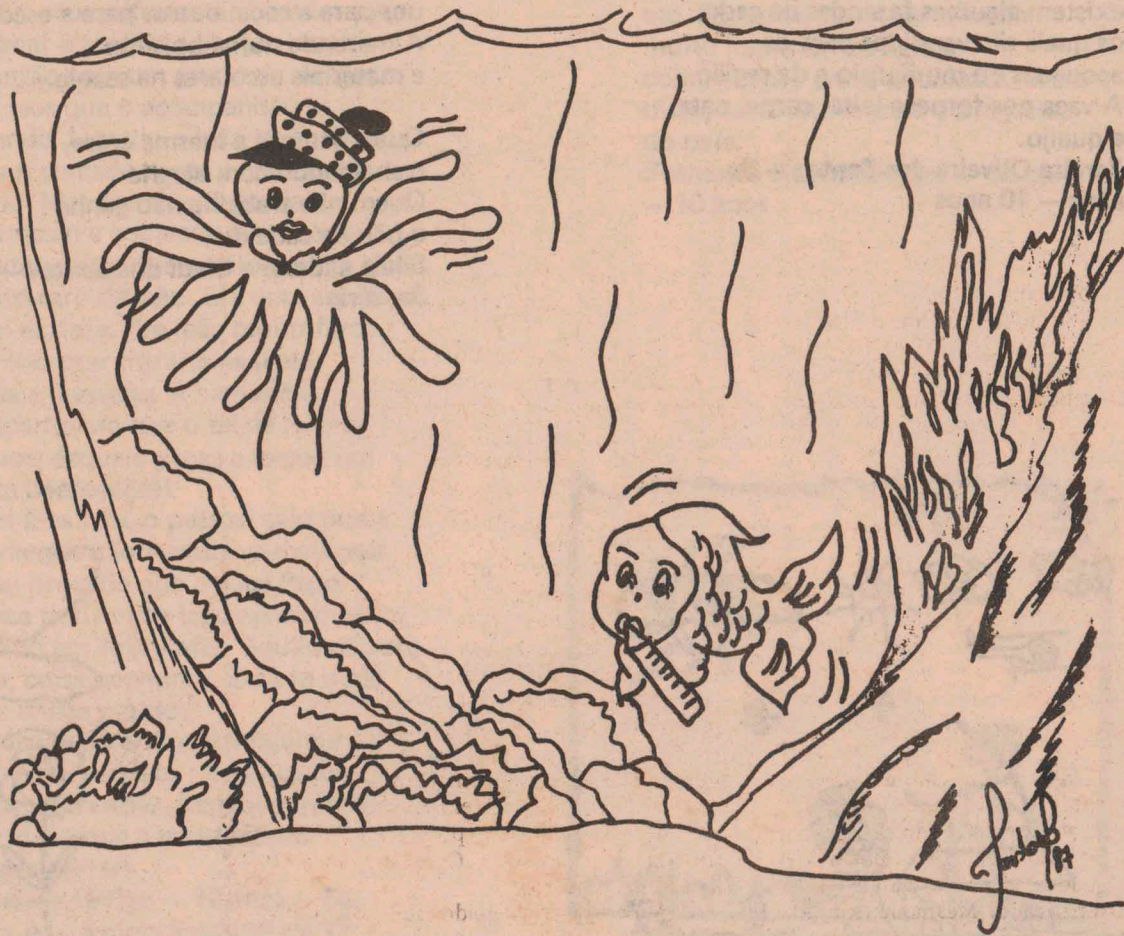
O caçula da família

Esta história foi escrita pela nossa amiga Régis Cardoso, daqui de Ijuí. Ela tem 18 anos e é estudante de História, na Unijuí. Régis gosta de escrever e também faz poesia. Esta é sua primeira história para crianças e a ilustração também é dela. A gente espera que ela continue escrevendo e que sempre nos mande o que fizer. O Cotrisol está a disposição de todos que quiserem publicar seus trabalhos. Um abraço pra Régis.

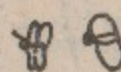
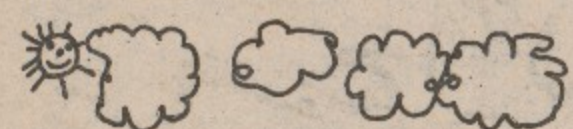
chegavam às margens da lagoa ele subia à tona para se exhibir. Era um peixinho muito vaidoso. Seu Peixoto reprendia o Lico. — Um dia eles te levam embora e te colocam num aquário fechado, longe da gente e você não poderá mais voltar. Procure se esconder. Lico, como toda criança, não dava muita atenção aos conselhos de seu pai. — Quando tentarem me pegar eu escapo, sou muito mais esperto que eles, e era mesmo. Já tinha inúmeras

vezes escapado da rede e evitado de ser transferido para outro habitat, que nem ele próprio fazia idéia onde poderia ficar. Seu mundo era muito pequeno. Dona Sar-Dinha, no entanto, se preocupava. — Não se pode confiar somente na sorte, um dia ela tira umas férias e quero ver como irá se arranjar. E ele achava graça. Era um peixinho muito esperto para seu pouco tamanho.

Todos esperavam ansiosos a chegada dele. Se fosse maninha se chamaria Zita, se fosse maninho o nome seria Lico. E foi assim que Lico nasceu, num dia muito quente de janeiro, um sol radiante e um calor tão forte, que queimava até os pensamentos de quem não se escondesse na sombra. Para padrinhos do recém-nascidos foram convidados dona Tartaruga e seu esposo, que aceitaram imediatamente. Dona Lu-Luca ficou com ciúme, mas como nunca se resolvia de casar, não tinham quem levar de padrinho. O pai de Lico resolveu a questão: ela seria a madrinha "de honra", um cargo muito especial criado de última hora, para contentar todos. Lico era mesmo um encanto, uma carinha de maroto e muito inteligente. O caçula de uma família de 11 irmãos. Todos nascidos na lagoa do Fundão, alguns no entanto, residindo muito longe com as suas novas famílias. Papai Peixoto e mamãe Sar-Dinha tinham muito orgulho de todos os seus filhos. O mais travesso era Lico. No dia do batizado não parou quieto, dando o maior trabalho a dona Tartaruga, que volta e meia se queixava da dor na coluna. Dona Lu-Luca, a mais vaidosa, cheia de pompa por ter sido escolhida a madrinha de "honra", não parou de matraquear um instante. Imagina. . . A lagoa do Fundão, carinhosamente chamada, ficava no Centro de Treinamento, um lugar muito espaçoso, onde eram realizadas experiências e pesquisas voltadas ao benefício do homem do campo. Seu Peixoto já estava acostumado com aquela agitação, seguido vinha gente de fora visitar o local e fazer novas pesquisas, mas para Lico tudo era novidade. Quando os visitantes



Página do leitor



Jefferson Dalla - 6 anos
Esc. Francisco de Assis

OS ANIMAIS

Os animais são úteis ao homem. Existem animais vertebrados, invertebrados, ovíparos e outros. Em nosso município criamos galinhas, vacas, bois, porcos, patos, cachorro, gatos e outros. A galinha é útil ao homem e é um animal ovíparo. Ela nos fornece ovos, carne e penas. O porco é um animal vertebrado. Ele fornece para a nossa alimentação: banha, carne, salame, torresmo, linguiça, etc. O boi nos fornece a carne, o couro para fazer sapatos, bolsas, etc. A carne é um alimento com muita vitamina. Em nosso município existem algumas fazendas de gado, os quais são vendidos para os açougues do município e da região. A vaca nos fornece leite, carne, nata e queijo. Sandra Oliveira dos Santos — 3a. série — 10 anos



Lucas Bellé - 6 anos
Esc. Francisco de Assis

Os textos publicados este mês são dos alunos da Escola Municipal João Rodrigues de Almeida, de Coronel Bicaco. Eles são alunos da 3a, 4a. e 5a. séries e os trabalhos foram coordenados pelas professoras Maria Lourdes de Oliveira, Elizabeth Schmitt de Oliveira e Renilda Fortes. A todos, professoras e alunos, o nosso abraço e desejo de continuar sempre em contato, através dos trabalhos das crianças. Até mais. Cida.

O HOMEM DO CAMPO

O papai cria gado, porcos, cavalos e ovelhas. Mas se esquece de tratá-los ai, ai, minhas orelhas.

As vacas comem pastos, Os porcos comem milho. A mana trata as galinhas, Eu trato meu potrilho.

O nenê cuida dos pintos. a mãe tira o leite Eu arrumo a mesa, o papai faz o café pra gente.

Depois todos espalham uns para a roça, outros para a escola. A merenda numa bolsinha e materiais escolares na sacola.

Quase sempre a mesma coisa, trabalhando com alegria Quem não trabalha não ganha o pão de cada dia. Silvia Didoné e Cledi dos Santos — 3a. série



Caroline Tamo - 7 anos
Esc. Francisco de Assis



Matias Trizze - 6 anos
Esc. Francisco de Assis

A TROCA DOS OVOS

Na fazenda de seu Rique havia uma galinha e um casal de cisnes. A galinha e a cisne estavam chocando, cada ninho com muitos ovos. À noite, seu Rique foi verificar os ninhos e sem querer trocou um ovo. Pôs o da galinha no ninho da cisne e a do cisne no ninho da galinha. Aí nasceram os filhinhos: o cisne muito lindo e aquele pintinho tão pequenino, porém muito triste viu que ele não era igual aos outros. Seu Rique foi novamente ver como estava os filhotes e viu a confusão que havia feito. Fez novamente a troca pintinhos com pintinhos e cisnes com cisnes. E assim ficou tudo bem, todos estão lindos e felizes. Andréia Simonini — 3a. série

"METISTA"

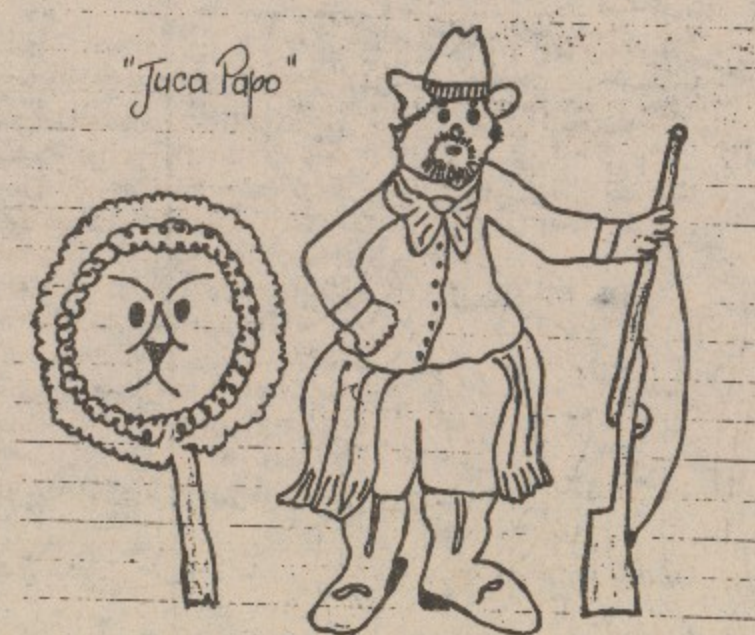
"Metista" é a minha vaquinha. Ela deu cria no dia 18 de agosto. Ela teve uma terneirinha, dei-lhe o nome de Esmeralda. Quando a minha mãe vai tirar o leite da vaquinha eu vou junto para tratar a terneirinha. Ela come na minha mão os farelos de soja. A esmeralda é retinha, tem umas manchas brancas na cabecinha. Ela é uma terneirinha muito brincalhona: pula, berra e dá coice. Claudia Regina Miotto — 5a. série — 11 anos



Silvia Brandoso - 7 anos
Esc. Francisco de Assis

NÃO DESTRUA OS ANIMAIS

Olá, meus amiguinhos, animais de toda a espécie da terra. Nós, jovens, precisamos nos preocupar muito com a violência de pessoas egoístas, que só querem viver destruindo a natureza e os animais. Continuando assim, em poucos anos as crianças não vão conhecer espécie alguma de animais. Se ninguém tomar medida para esse problema tão grande, tudo isso vai ficar como um jardim sem flores. Paulo Cesar da Rocha — 4a. série —

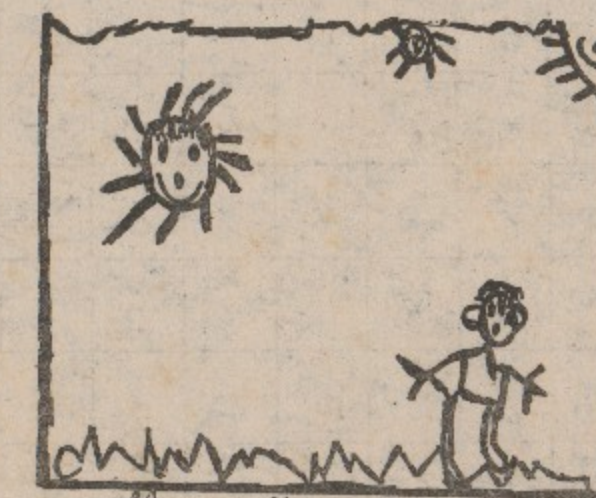


JUCA PAPO

Juca Papo era o maior papudo da paróquia. Nunca tinha ido à África, mas dizia a todo mundo que era o maior caçador de leões. Foi daí que seus amigos o apelidaram de Juca Papo. Um dia um de seus amigos qui tirar a cisma do Juca e convidou-o a ir até sua casa, onde ele tinha um leão recém trazido da África. Pois o Juca ficou com cara de cachorro na chuva, mas para não se desmoralizar resolveu ir ver o tal leão africano. Vestiu seu uniforme de caçador para enganar a torcida e chegou metido a valentão com um grupo de amigos e curiosos que o acompanharam. Quando Juca viu o leão no fundo de um cercado quase se pelou de medo. Mandou que todos se retirassem e começou a bancar o sabidão, disse que aquilo era um tipo muito raro de leão. Era uma espécie semi-extinta. Era leão muito feroz, por isso que entraria na jaula. Toda a conversa ia bem até o momento em que o tal de leão se cansou daquele prosa e largou um baita bôéééééééé! Nem lhes falo, o pessoal caiu numa risada que não terminava mais pois ficou provado que o Juca Papo nunca tinha visto leão nenhum, nem mesmo em fotografia. Aquilo não era leão, coisa nenhuma. Era um bode com chifre e tudo. O Juca Papo enfiou a vergonha na cara e se mandou, resmungando com seus botões: Bem que minha mãe dizia que a mentira tem pernas curtas! Vanderlei Brigo — 12 anos — 5a. série A — Escola Estadual de 1º Grau São Valério — Santo Augusto

MEIOS DE TRANSPORTE

Os meios de transporte surgiram com a necessidade de transportar as coisas de um lugar para o outro. No começo o homem viajava e transportava as mercadorias a pé ou montados em cavalos. Mais tarde, quando foi inventada a roda, o homem construiu o carro. Os meios de transporte mais usados na zona rural são: carroças, jipes, caminhões e tratores com carretas (gaiotas). Na cidade os principais meios de transporte são: ônibus, automóveis, etc. Os meios de transporte são muito importantes para a comunicação entre as cidades. Além disso, contribuem para o progresso do país. Fernando Kochenborger — 4a. série — 10 anos

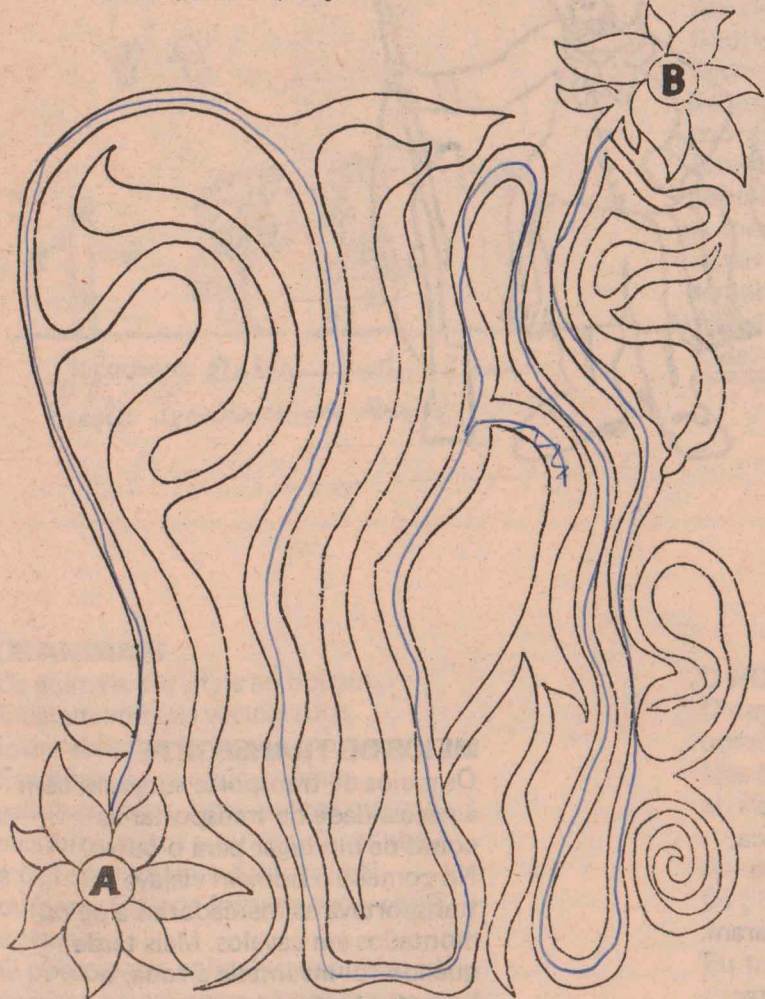


Elisiane Tlega - 6 anos
Esc. Francisco de Assis

Passatempo

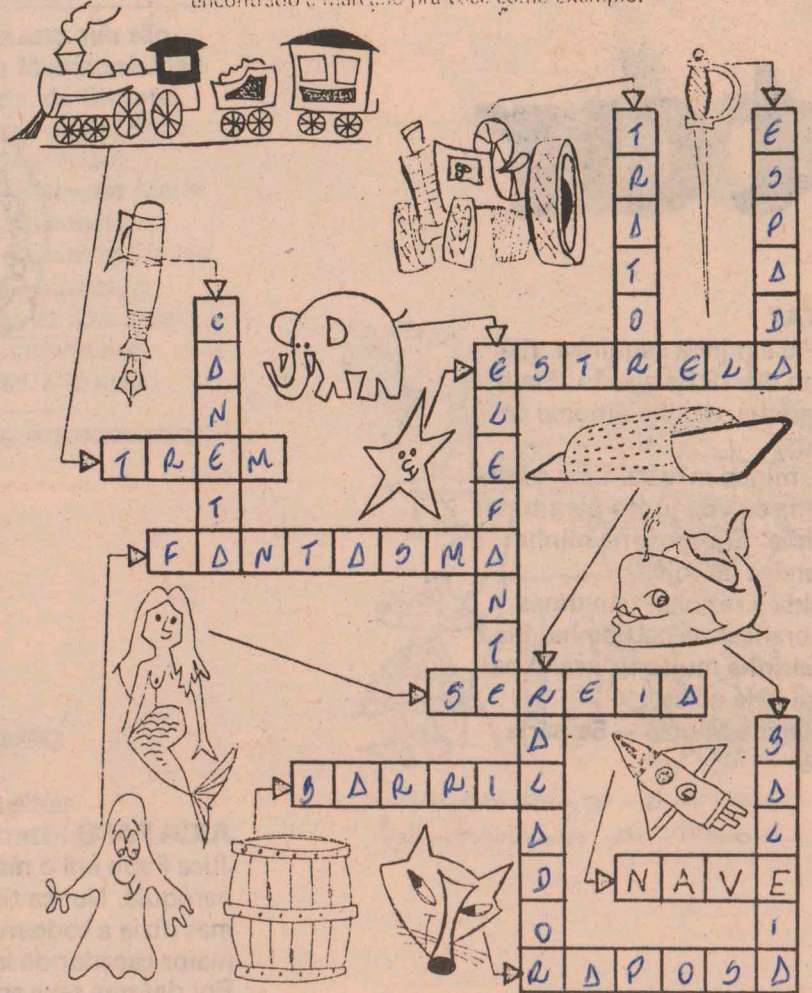
PROCURE O CAMINHO

Aqui estão todas as coisas necessárias para você percorrer o labirinto na procura do caminho que liga as flores A e B. Só falta o lápis.



FIGURAS DIRETAS

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já foi encontrado e marcado pra você como exemplo.



		C			P	
	EU TU	F	O	L	H	D
	C	O	B	R	A	E
	P	E	N	100	C	E
	O	P	E	T	E	C
	M	I	L			
	M	F	O	C		
	E		C		S	C
	X	I	C	R		

OS DOIS IGUAIS

O nosso amiguinho está tentando descobrir aquelas duas facas que são iguais. Vamos procurar pra ele?

